

GILMAR BUENO SANTOS

**O ESTILO INTERATIVO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO DE
BELO HORIZONTE: UM ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS
LINGUÍSTICAS**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2011

GILMAR BUENO SANTOS

**O ESTILO INTERATIVO DAS PROFISSIONAIS DO SEXO DE
BELO HORIZONTE: UM ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS
LINGUÍSTICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes.

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2011

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S237e Santos, Gilmar Bueno.
O estilo interativo das profissionais do sexo de Belo Horizonte [manuscrito] : um estudo sobre as estratégias linguísticas / Gilmar Bueno Santos. – 2011.
268 f., enc. : il.

Orientadora : Eliana Amarante de Mendonça Mendes.

Área de concentração : Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de Pesquisa : Análise do Discurso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

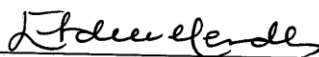
Bibliografia: f. 202-207.

Anexo: f. 208-268.

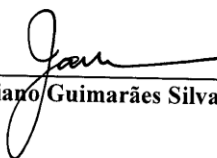
1. Análise da conversação – Teses. 2. Prostitutas – Belo Horizonte (MG) – Condições sociais – Teses. 3. Prostitutas – Belo Horizonte (MG) – Linguagem – Teses. 4. Identidade social – Teses. 5. Análise do discurso – Teses. 6. Prostituição – Brasil – Teses. 7. Estratégia interacional – Teses. 8. Papel social – Teses. 9. Comunicação – Linguagem – Teses. I. Mendes, Eliana Amarante de Mendonça. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418

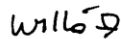
Tese intitulada *O estilo interativo das profissionais do sexo de Belo Horizonte: um estudo sobre estratégias linguísticas*, defendida por GILMAR BUENO SANTOS e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores relacionados a seguir:



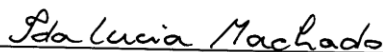
Eliana Amarante de Mendonça Mendes - UFMG
Orientadora



Jane Quintiliano Guimarães Silva - PUC/Minas



William Augusto Menezes - UFOP



Ida Lucia Machado - UFMG



Maria Beatriz Nascimento Decat - UFMG

A Eliana Amarante de Mendonça Mendes e William Augusto Menezes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por se manifestar a todo instante em minha vida.

Aos meus pais, por sempre me apoiarem.

À professora Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes, pelo apoio incondicional, pela amizade, pela orientação e dedicação ímpar com que conduziu esta pesquisa: sabedoria sempre traduzida em afeto.

Ao professor Dr. William Augusto Menezes: não há palavras para expressar minha admiração e gratidão.

À professora Dra. Ida Lúcia Machado, pela sabedoria compartilhada, pela estima e delicadeza: *Je vous remercie pour toutes les gentilleses que vous avez eues à mon égard.*

Às professoras Dra. Jane Quintiliano Guimarães Silva, Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat, Dra. Josiane Andrade Militão e Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, que gentilmente aceitaram o convite para participar desta Banca.

Às Mulheres entrevistadas para este trabalho, que é delas e para elas.

Ao Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS – GAPA/MG, em especial a Roberto Chateaubriand Domingues, por viabilizar a realização desta pesquisa.

Aos amigos da Pró-Reitoria de Graduação da UFMG, pelo crescimento acadêmico e pessoal, em especial Alexandre Alkimim, Ana Carolina Rodrigues, Ilma Bicalho, Maria do Carmo Vargas, Ricardo Velloso e Vagner Cunha.

À Universidade Federal de Ouro Preto e à Universidade Federal de Minas Gerais, pela formação acadêmica que me propiciaram e pelas amizades conquistadas, em especial Maysa de Pádua, Ângela Maria, Juliana Moreira, Renata Alves, Priscilla Lima, Débora Martins, Renata Ramires, André Lourenço, Fernanda Borges, Ana Carolina Vilas Bôas, Joana

Wildhagen, Érica Aniceto, Olívia Coimbra, Luciene Braga, Adriana Veloso, Yumi Oki, Josiane Pádua, Rosineide Gomes, Cláudia Lemos, Suzana Cohen e Juliana Chalub.

À professora Ms. Kátia Honório do Nascimento, pela minha inserção nos estudos acadêmicos, pela confiança, carinho e amizade.

Aos funcionários do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFOP, em especial Graça Ogando, Marcus Valério e Lucília Maciel.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, pela atenção e disponibilidade.

A todos aqueles que, diretamente ou não, estiveram ligados a mim nos momentos alegres e tristes.

“Rien donc ne nous limitait, rien ne nous définissait, rien ne nous assujettissait; nos liens avec le monde, c’est nous qui les créions ; la liberté était notre substance même”.

(Simone de Beauvoir, *La force de l’âge*, p. 25)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo desvelar o estilo interativo de prostitutas que trabalham na Avenida Afonso Pena, região centro-sul, de Belo Horizonte. Em relação às estratégias linguísticas, buscou-se analisar quais elementos contribuíram para a promoção da polidez negativa, da polidez positiva e a relação estabelecida entre estes para com a construção da identidade social dessas mulheres. Neste trabalho foi realizada uma pesquisa etnográfica, nos moldes de um estudo de caso, pois essa metodologia permitiu a investigação detalhada de elementos considerando-se o contexto social em que as prostitutas estavam inseridas, dando voz às atrizes sociais. Os pressupostos teóricos de Goffman (1963, 1967) serviram como principal referência para o desenvolvimento das análises expostas ao longo dessa pesquisa, destacando-se também os estudos de Brown e Levinson (1987) e de Valério (2003) para o tratamento das estratégias de polidez e, os de Moita Lopes (2008), de Rajagopalan (1998) e de Ciampa (1992) para compreensão da construção da identidade social. A partir dos dados obtidos, observou-se que o estilo interativo dessas prostitutas se pautou, de forma significativa, por um lado, em agregar elementos que consideram positivos para o exercício da prostituição e, por outro, em se desvencilhar de estigmas.

Palavras-chave: Profissionais do Sexo. Estilo Interativo. Polidez Negativa. Polidez Positiva. Identidade Social.

ABSTRACT

This study aims to reveal the interactive style of the prostitutes that work around the Afonso Pena Avenue, in the south central region of Belo Horizonte. According to the linguistic strategies, we have intended to analyze which aspects contributed for the establishment of negative and positive politeness, and the relation among them in the construction of the social identity of these women. In this work was conducted an ethnographic research, guided by a case study because this method allowed us a detailed investigation about some elements, considering the social context where the prostitutes were situated, giving voice to social actress. The theoretical basis of Goffman (1963, 1967) were used as main reference for the development of data analysis through this work, considering the studies of Brown and Levinson (1987) and Valério (2003) on politeness strategies, and Moita Lopes (2008), Rajagopalan (1998) and Ciampa (1992) in relation to the construction of social identity. The results show that the interactive style of these prostitutes was significantly based, on the one hand, adding elements that they consider positive for exercise of prostitution and, on the other, get rid of the stigmas.

Key-words:

Prostitutes. Interactive Style. Negative Politeness. Positive Politeness. Social Identity.

RÉSUMÉ

Cette étude vise à révéler le style interactif des prostituées qui travaillent à l'avenue Afonso Pena, dans la région centre-sud de Belo Horizonte. En ce qui concerne les stratégies linguistiques, nous avons cherché à analyser les facteurs qui ont contribué à la promotion de la politesse positive, de la politesse négative et la relation établie entre eux à la construction de l'identité sociale de ces femmes. Dans ce travail a été menée une recherche ethnographique, guidée par une étude de cas parce que cette méthode a permis l'étude détaillée des éléments compte-tenu du contexte social dans lequel les prostituées ont été insérées, donnant la parole aux actrices sociales. Les hypothèses théoriques de Goffman (1963, 1967) ont servi de référence principale au développement de l'analyse donnée à travers cette recherche, en soulignant également les études de Brown et Levinson (1987) et Valério (2003) sur les stratégies de la politesse, et ceux de Moita Lopes (2008), Rajagopalan (1998) et Ciampa (1992) pour comprendre la construction de l'identité sociale. D'après les données obtenues, nous observons que le style interactif de ces prostituées a été basé, de manière significative, d'une part, en ajoutant des éléments qu'elles considèrent positifs pour l'exercice de la prostitution et, d'autre part, en débarrasser des stigmates.

Mots-clés :

Prostituées. Style Interactif. Politesse Négative. Politesse Positive. Identité Sociale.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Locais de Prostituição em Belo Horizonte no *site bitchmaps* 81

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Sinais de Transcrição	125
QUADRO 2 - Estratégias de Polidez Negativa	149
QUADRO 3 - Estratégias de Polidez Positiva	178

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
RÉSUMÉ.....	10
LISTA DE FIGURAS.....	11
LISTA DE QUADROS.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
PARTE I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
CAPÍTULO 1 PROSTITUIÇÃO: BREVE HISTÓRICO.....	21
1.1 A Prostituição no Brasil.....	56
1.2 Características Sociais das Prostitutas Brasileiras.....	74
1.3 Prostituição em Belo Horizonte.....	78
CAPÍTULO 2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA SEXUALIDADE DA MULHER.....	86
CAPÍTULO 3 ALGUNS ASPECTOS DA ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO.....	106
3.1 Interação Verbal Face a Face.....	111
3.2 Estratégias de Polidez.....	113
3.2.1 Polidez Negativa.....	113
3.2.2 Polidez Positiva.....	114
CAPÍTULO 4 LINGUAGEM E GÊNERO.....	116
PARTE II PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....	121
CAPÍTULO 1 METODOLOGIA ADOTADA.....	122
1.1 Instrumentos para Coleta de Dados.....	123
1.2 Transcrição das Entrevistas.....	125
1.3 Delimitação de Informantes.....	126

PARTE III ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	128
CAPÍTULO 1 ANÁLISE LINGUÍSTICA DOS DADOS	129
1.1 Estratégias de Polidez Negativa.....	129
1.2 Estratégias de Polidez Positiva.....	150
CAPÍTULO 2 DA INTERAÇÃO À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL	180
PARTE IV CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	202
ANEXOS	208

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca identificar e analisar as estratégias linguísticas das profissionais do sexo¹ balizando-se em aspectos que permeiam a identidade social dessas mulheres que trabalham na Avenida Afonso Pena, região centro-sul, de Belo Horizonte. Entende-se que tanto marcadores conversacionais quanto estratégias de polidez negativa e positiva tornam-se relevantes para o delineamento e para a compreensão da construção da identidade social das prostitutas em uma de suas manifestações: o processo interativo oral.

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistadas 10 profissionais do sexo em seu *locus* de trabalho, na Avenida Afonso Pena, durante os dias 23, 24 e 25 de abril, do ano de 2010.

De acordo com Hymes (1972), a Sociolinguística lida com a significação da fala como reflexo das atitudes dos falantes em relação aos seus ouvintes e tópicos abordados. Para compreender essa significação social, torna-se necessário descrever como a fala se relaciona funcionalmente com a conduta social dos indivíduos.

Goffman (1967) afirma que existe um número limitado de práticas que possibilitam ao indivíduo compatibilizar suas ações comunicativas com o modo como deseja ser visto na interação e, assim sendo, cada grupo social cria seu repertório de práticas interativas.

Neste trabalho, o termo estilo refere-se à noção utilizada por Lakoff (1975) e Tannen (1990), para os quais estilo diz respeito às estratégias comunicativas de uma comunidade de fala, possibilitando compreender a significação social inerente às relações sociais dos interlocutores.

A escolha do tópico dessa pesquisa, ora apresentado, motiva-se pela carência de descrição dos elementos presentes no estilo interativo das profissionais do sexo de Belo Horizonte. Outro fator relevante é a descrição de como as estratégias linguísticas influenciam

¹ Nesse trabalho são adotados como sinônimos os termos prostituta e profissional do sexo.

os processos interacionais, haja vista sua importância para a compreensão da integração entre construção da identidade social e conduta social do indivíduo.

Ao lado dessas considerações, torna-se preponderante mencionar a tentativa de se estabelecer um trabalho que visa, por meio do discurso, a desvelar a complexidade das relações humanas, tendo como ponto de partida as estratégias linguísticas de um grupo de mulheres.

Destarte, contribuições teóricas da Linguística são fundamentais para o estudo da conversação como uma manifestação textual marcada por elementos que sinalizam sua construção colaborativa, como também para o exame das peculiaridades da comunidade discursiva das profissionais do sexo.

Justifica-se, portanto, propor como objetivos de pesquisa a análise do discurso de profissionais do sexo de Belo Horizonte e a investigação dos fatores que subjazem a sua produção.

Numa dimensão mais ampla, este estudo pretende contribuir para futuras pesquisas na área da Análise do Discurso e, assim, fornecer subsídios teóricos para a elaboração de uma definição teórica sobre as estratégias linguísticas utilizadas pelas prostitutas em seus turnos conversacionais.

Em suma, foram estabelecidas as seguintes questões que nortearão a pesquisa:

a) Quais são as estratégias linguísticas que favorecem a promoção de polidez negativa e polidez positiva empregadas pelas profissionais do sexo nas entrevistas?

b) Qual a inter-relação existente entre as estratégias linguísticas e a identidade social das profissionais do sexo?

c) Como a fala se relaciona funcionalmente com a conduta social das informantes, ou seja, como é o estilo interativo destas mulheres?

Para que sejam respondidas as questões mencionadas anteriormente, foram delimitados os seguintes objetivos:

- a) Delinear o perfil das profissionais do sexo por meio de entrevistas e questionários, contribuindo para a definição da comunidade discursiva envolvida na pesquisa, o que permitirá tecer considerações mais consistentes acerca das análises a serem realizadas;
- b) Identificar e analisar as estratégias linguísticas presentes nas interações orais das informantes, fornecendo subsídios teóricos que nos permitam desvelar o estilo interativo das profissionais do sexo;
- c) Compreender como o *modus vivendi* das prostitutas influencia o uso de estratégias linguísticas e, ainda, a construção da identidade social na interação oral.

Na abordagem dessa problemática, o trabalho foi dividido em quatro partes.

A Parte I é dividida em quatro capítulos que abordam reflexões acerca do desenvolvimento histórico da prostituição, do papel sócio-histórico da sexualidade da mulher, das teorias linguísticas da Análise da Conversação e da relação entre linguagem e gênero.

Na Parte II, composta por um capítulo, apresentamos a metodologia adotada, os instrumentos de coleta de dados, os critérios para transcrição das entrevistas e a delimitação de informantes desta pesquisa.

A Parte III é dividida em dois capítulos nos quais são apresentadas as estratégias linguísticas veiculadas no discurso das profissionais do sexo que propiciam o estabelecimento da polidez negativa e da polidez positiva e, outrossim, a relação destas para com a identidade social desvelada na interação.

Na Parte IV são apresentadas as considerações finais desta tese.

PARTE I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Alguns pontos necessitam ser delineados quando se reflete sobre aspectos concernentes à problematização do objeto de investigação deste trabalho.

Primeiramente, faz-se necessário mencionar algumas características relativas ao desenvolvimento histórico da prostituição, ao papel sócio-histórico da sexualidade da mulher, à Conversação e seus aspectos subjacentes, à inter-relação entre linguagem e gênero, à noção de trabalho de face proposta por Goffman (1967) e suas implicações.

A tentativa será a de traçar, ao longo destes capítulos, aspectos importantes para determinar as questões centrais de investigação desta pesquisa, para as quais se faz convergir todo o processo de análise como forma de melhor compreender as estratégias linguísticas de um determinado grupo de mulheres, e os fatores que influenciam tais interações.

CAPÍTULO 1 – PROSTITUIÇÃO: BREVE HISTÓRICO

Neste capítulo será realizada uma exposição panorâmica do desenvolvimento histórico da prostituição, bem como da forma como a sociedade lidava e concebia o exercício da sexualidade destas mulheres; para tanto, pautar-se-á no desenvolvimento da civilização nos séculos antes de Cristo até os dias atuais.

A primeira prostituta citada na literatura mundial está presente num épico conhecido como *A Epopeia de Gilgamesh*, escrito na língua suméria da Mesopotâmia, há cerca de 2.600 a.C., precedendo em pelo menos 1.500 anos as epopeias homéricas. Essa epopeia foi registrada em tábuas com caracteres cuneiformes e, de acordo com Sandars (2001, p.10):

todos os elementos mais importantes da história existiam como poemas separados na literatura suméria mais antiga; poemas estes que podem ter sido, e é quase certo que foram, compostos e recitados oralmente muito antes de terem sido registrados em forma escrita.

Sandars (2001) afirma que *Gilgamesh*, rei de *Uruk*, era dois terços deus e um terço homem; *Shamash*, o grande sol, dotou-o de grande beleza e, *Adad*, rei da tempestade, deu-lhe coragem. Assim, *Gilgamesh* possuía beleza superior à de todos os seres, ao mesmo tempo em que era terrível como um touro selvagem. *Gilgamesh* construiu muralhas e o templo de *Eanna*, consagrado a *Anu* (deus do firmamento) e à *Ishtar* (deusa do amor).

Devido aos excessos de *Gilgamesh*, o povo de *Uruk* pediu aos deuses que o contivessem:

Gilgamesh correu o mundo, mas, até chegar a *Uruk*, não encontrou quem pudesse opor-se à força de seus braços. Entretanto, os homens de *Uruk* murmuravam em suas casas: "Gilgamesh toca o sinal de alarme para se divertir; sua arrogância, de dia ou de noite, não conhece limites. Não há pai a quem tenha sobrado um filho, pois *Gilgamesh* os leva todos, até mesmo as

crianças; e, no entanto, um rei deveria ser um pastor para seu povo. Sua luxúria não poupa uma só virgem para seu amado; nem a filha do guerreiro nem a mulher do nobre; no entanto, é este o pastor da cidade, sábio, belo e resoluto." (SANDARS, 2001, p. 61).

Após escutarem o lamento do povo, os deuses gritaram para *Aruru*, deusa da criação:

Vós o fizestes, oh, Aruru, criai agora um outro igual; que seja tão parecido com ele quanto seu próprio reflexo; que seja seu segundo eu, coração tempestuoso com coração tempestuoso. Que eles se enfrentem e deixem Uruk em paz. (SANDARS, 2001, p. 61).

Destarte, *Aruru* concebeu em sua mente uma imagem a qual possuía a essência do deus do firmamento (*Anu*), mergulhou as suas mãos na água, pegou um pedaço de barro e o deixou cair na selva – ocorrendo a criação de *Enkidu*. Esse homem possuía virtudes do deus da guerra (*Ninurta*), seu corpo era rústico, seu cabelo comprido como o de uma mulher e o seu corpo coberto por pelos emaranhados.

Enkidu comia grama na colina junto às gazelas, rondava os poços de água com os outros animais da floresta, ajudava as presas a escaparem e destruía as armadilhas dos caçadores. Para expulsar *Enkidu* da floresta, o caçador pediu ajuda a *Gilgamesh*, que lhe aconselhou a enviar uma rameira para armar uma cilada: "Caçador, volta, leva contigo uma rameira, uma filha do prazer. No poço ela se desnudará; ao vê-la acenando, ele a tomará em seus braços e os animais da selva certamente passarão a repudiá-lo." (Sandars, 2001, p.63).

O caçador trouxe consigo uma rameira e, no terceiro dia de espera, *Enkidu* finalmente apareceu, sendo assim, atraído pela mulher:

Ela não teve pudores em tomá-lo em seus braços, ela se despiu e acolheu de bom grado o corpo ávido de Enkidu. Ele se deitou sobre ela murmurando palavras de amor, e ela lhe ensinou as artes da mulher. Por seis dias e sete noites eles ali ficaram deitados, pois Enkidu se esquecera de seu lar nas

colinas; depois de satisfeito, porém, ele voltou para os animais selvagens. Mas agora, ao vê-lo, as gazelas punham-se em disparada; as criaturas agrestes fugiam quando delas se aproximava. Enkidu queria segui-las, mas seu corpo parecia estar preso por uma corda, seus joelhos fraquejavam quando tentava correr, ele perdera sua rapidez e agilidade. E todas as criaturas da selva fugiram; Enkidu perdera sua força, pois agora tinha o conhecimento dentro de si, e os pensamentos do homem ocupavam seu coração. (SANDARS, 2001, p. 63-64)

Então, *Enkidu* sentou-se aos pés da mulher e ela lhe disse:

És sábio, Enkidu, e agora te tornaste semelhante a um deus. Por que queres ficar correndo à solta nas colinas com as feras do mato? Vem comigo. Vem e te levarei à Uruk das poderosas muralhas, ao abençoado templo de Ishtar e Anu, do amor e do céu; lá vive Gilgamesh, que é forte, e como um touro selvagem domina e governa os homens. (SANDARS, 2001, p.64)

Observa-se que o ato sexual realizado entre *Enkidu* e a prostituta desempenha um papel importante na civilização do homem, uma vez que deste é retirada a natureza selvagem (comia grama e rondava com os outros animais os poços de água), trazendo-lhe para o mundo civilizado, sociabilizando-o.

No trecho a seguir, *Enkidu* deixa de estar circunscrito no universo da pura natureza e alheio à sociedade humana, uma vez que o ato sexual proporciona-lhe a aquisição de conhecimento e modificações físicas, diferenciando-o de um selvagem.

Tomando Enkidu pela mão, como a uma criança, ela o conduziu ao aprisco, para as tendas dos pastores, que se amontoaram ao seu redor para vê-lo. Eles depositaram pão à sua frente, mas Enkidu só estava habituado ao leite que sugava dos animais selvagens. Ele se atrapalhou com as mãos e pasmou, sem saber o que fazer com o pão e o vinho forte. A mulher então disse: "Enkidu, come o pão, é o suporte da vida; bebe o vinho, é o costume da terra." Enkidu então comeu até ficar satisfeito e bebeu do vinho forte, sete cálices. Ele ficou alegre, seu coração exultou e seu rosto se cobriu de brilho. Enkidu escovou

os pêlos emaranhados de seu corpo e untou-se com óleo. Ele se transformara num homem; mas, ao vestir as roupas humanas, ficou parecendo um noivo. Ele se armou para caçar o leão, para que os pastores pudessem repousar à noite. Ele caçou lobos e leões, e os pastores puderam dormir em paz, pois Enkidu, aquele homem forte e sem rivais, era seu sentinela. (SANDARS, 2001, p.66)

As artes da prostituta civilizaram *Enkidu* de forma que ele não conseguiu mais retornar à vida anterior, sendo a prostituta a responsável pelo derramamento sobre ele da graça da deusa, uma vez que a prostituição era sagrada e educacional – propiciava conscientização sexual e responsabilidade espiritual para aquisição de urbanidade e civilidade. De acordo com Roberts (1998, p. 24) “no âmago desta cultura de amor, prazer e conhecimento, estava a comunhão sexual-espiritual experimentada por *Enkidu* e praticada pela massa das pessoas até bem adiante na era histórica”.

Em suma, nos primórdios da civilização, a mulher era considerada a criadora da força de vida, era adorada como a Grande Deusa e como tal estava no centro de toda atividade social.

De acordo com Roberts (1998, p.23), essa deusa, conhecida como *Inanna* e mais tarde como *Ishtar*, deteve a responsabilidade de centralizar o poder religioso, político e econômico desde os primórdios da civilização do Antigo Oriente Médio até cerca de 3000 a.C.. As grandes cidades da Mesopotâmia eram centralizadas nos templos e as sacerdotisas eram, ao mesmo tempo, mulheres sagradas e prostitutas, situação esta que favorecia o *status* elevado das prostitutas.

As prostitutas-sacerdotisas nessa época estavam hierarquizadas em cinco classes assim definidas: *entu*, *naditu*, *qadishtu*, *ishtaritu* e *harimtu*.

As *entu* eram as sacerdotisas de classe mais elevada, possuíam os mesmos poderes dos principais sacerdotes e, também, eram as responsáveis por realizar o ritual do

casamento sagrado, que tinha o propósito de expressar a vivência harmônica entre homens e mulheres, uma vez que, anualmente, a deusa e seu filho/amante celebravam a sua união sexual e espiritual.

As *naditu* eram consideradas tão importantes quanto as *entu*, porém, eram proibidas de se casar ou de ter filhos. Estas sacerdotisas detinham grande poder econômico, pois estavam envolvidas em atividades do comércio, emprestavam dinheiro e sementes, negociavam terras e pessoas etc.

Em uma classe abaixo das *entu* e das *naditu*, havia as *qadishtu*, que eram consideradas mulheres sagradas, e as *ishtaritu*, que dedicavam suas vidas e seu trabalho à deusa *Ishtar*, sendo que muitas destas mulheres eram cantoras, instrumentistas e dançarinas.

As *harimtu* eram mulheres que trabalhavam tanto dentro dos templos quanto nas ruas e, mesmo por serem as primeiras prostitutas inseridas no contexto rua, não estavam submetidas à condenação moral, pois eram consideradas mulheres sagradas protegidas pela deusa *Ishtar*.

Em relação ao papel da prostituta na civilização babilônica, devem ser destacados dois importantes achados históricos: O Código de Hammurabi e O Código de Lipit-Istar.

O Código de Hammurabi é um conjunto de leis criadas na Mesopotâmia que estabelecia regras de vida e de propriedade, por meio de 282 cláusulas, em língua acádica, talhadas sob escrita cuneiforme em uma estela de diorito negro, com 2,25 metros de altura, e datada de 1728 a 1686 a.C. Nos anos de 1901 e 1902 (dezembro – janeiro), em uma expedição arqueológica francesa liderada por Jacques Morgan, esta estela foi encontrada em Susa, atual Irã e, hoje, compõe o acervo do Museu do Louvre em Paris.

Bouzon (1987, p.29) afirma que os artigos da estela de Hammurabi podem ser estruturados da seguinte forma:

- a) Artigos 1-5: determinam as penas impostas em alguns delitos praticados durante um processo judicial;
- b) Artigos 6-126: regulam o direito patrimonial;
- c) Artigos 127-195: regulam o direito da família, filiação e heranças;
- d) Artigos 196-214: determinam as penas para lesões corporais;
- e) Artigos 215-240: regulam os direitos e obrigações de algumas classes profissionais;
- f) Artigos 241-277: regulam preços e salários;
- g) Artigos 278-282: contêm leis adicionais sobre a propriedade de escravos.

Conforme trecho a seguir, o Código de Hammurabi salvaguarda os direitos das sacerdotisas-prostitutas em relação à herança, pois estas podiam receber as terras do pai e os lucros obtidos do trabalho da terra realizado por seus irmãos:

178° - Se uma ugbabtum, naditum ou sekretum², cujo pai lhe deu um dote, escreveu-lhe uma tábua, mas na tábua que lhe redigiu não escreveu que ela pode dar sua herança, lá onde lhe agradar, e não lhe permitiu dispor livremente, depois que o pai morrer, seus irmãos tomarão seu campo e seu pomar e lhe darão rações de cevada, de óleo e roupas correspondentes ao valor de sua parte e satisfarão o seu coração. Se, porém, seus irmãos não lhe deram rações de cevada, de óleo e roupas correspondentes ao valor de sua parte e não satisfizeram o seu coração, ela poderá dar seu campo e seu pomar ao agricultor que lhe agradar; seu agricultor a sustentará, enquanto viver, ela se alimentará do campo e do pomar e de tudo que seu pai lhe deu, mas ela não poderá vender nem dar a um outro como herança; sua herança pertence a seus irmãos.

179° - Se uma ugbabtum, naditum ou sekretum, cujo pai lhe deu um dote de presente, escreveu-lhe um documento selado e na tábua que lhe redigiu escreveu que ela pode dar sua herança lá onde lhe agradar e permitiu-lhe

² Há divergências entre muitos autores quanto à padronização dos termos referentes às classes de prostitutas.

dispor livremente, depois que seu pai morrer, ela poderá dar sua herança lá onde lhe agradar, seus irmãos não poderão reivindicar contra ela.

180° - Se um pai não deu um dote à sua filha, naditum de um gagûm ou sekretum, depois que o pai morrer ela receberá dos bens da casa paterna uma parte como a de um herdeiro; enquanto ela viver ela terá o usufruto, mas sua herança é de seus irmãos.

De acordo com Bouzon (1987), os artigos 178 e 179 regulamentam problemas relacionados a três classes de sacerdotisas *ugbaptum*, *naditum* e *sekretum*, cuja disposição livre dos bens estava condicionada ao recebimento do dote de seu pai, não restando a seus irmãos nenhum direito de reivindicação. No artigo 180 ocorre a regulamentação dos meios de subsistência de sacerdotisas que não receberam de seu pai um dote.

Na época de Hammurabi, os templos eram habitados por sacerdotes, servos, artesãos, bem como pelas prostitutas sagradas que atuavam como intermediárias entre o adorador e a deidade, sendo que os rendimentos destas mulheres significavam uma parte substancial da renda dos templos (TANAHILL, 1983).

O *Código de Lipit-Ishtar* (1934-1924 a. C.) é constituído por leis, escritas em sumério e por um prólogo, um epílogo e 37 artigos, que tinham a finalidade de estabelecer os direitos na região da Suméria e da Acádia. Este código, inscrito em tabletes e pertencentes ao acervo do *University Museum of Philadelphia* é datado de, aproximadamente, cem anos antes do Código de Hammurabi.

Entretanto, o *Código de Lipit-Ishtar* continha leis que estabeleciam a segregação das mulheres em esposas e prostitutas e, de acordo com Fisher (1980, p. 307) *apud* Roberts (1998):

Se a esposa de um homem não tiver lhe dado filhos, mas uma prostituta da rua tiver lhe dado filhos, ele deve prover a essa prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que a prostituta gerou são seus herdeiros; mas enquanto a esposa viver, a prostituta não deverá morar na casa junto com a esposa.

Observa-se que, apesar da obrigação de a prostituta viver à parte da esposa legítima de outrem, a geração de herdeiros implicaria recompensas como, por exemplo, o seu sustento.

De acordo com Saggs (1965, p. 84-85), alguns séculos após o Código de Hammurabi, surgiram leis assírias extremamente severas que demonstravam o instinto bárbaro das aplicações destas que, em muitos casos, impunham mutilações. As leis determinavam que, no ambiente da rua, as prostitutas sagradas que se casaram deveriam cobrir a cabeça, mas as solteiras deveriam mantê-la descoberta. Uma prostituta comum sem o véu na rua deveria ser detida por aquele que a visse, sendo levada até o Palácio, sem suas jóias, punida com 50 chibatadas e teria piche derramado sobre sua cabeça. Outrossim, aquele homem que a visse e não a detesse seria punido com 50 chibatadas, teria a orelha furada com cordas e prestaria serviços ao rei por um mês.

Neste período, observa-se que as prescrições legais, no que se refere aos meios para segregação entre os papéis desempenhados pelas mulheres, sejam esposas ou sejam prostitutas, estavam pautados em distinção quanto à vestimenta e em punição severa para a mulher que não cumprisse a lei, bem como para o homem que não a denunciasse.

Na civilização grega, conhecida por sua mitologia e seus pensadores, mas também pela prostituição feminina e masculina, no início do século VI a.C., terminava o período da prostituição considerada descontrolada, uma vez que foi nessa época que o legislador Sólon (639-559 a.C.) estabeleceu a criação dos primeiros prostíbulos de Atenas com a intenção de auxiliar os efebos que atingiam a idade adulta a se “aliviarem” e, assim, impedindo-os de cometerem o adultério com mulheres não prostitutas (VRISSIMTZIS, 2002, p. 84).

De acordo com Roberts (1998, p. 33), na Atenas clássica, as mulheres estavam sob o controle dos homens na esfera privada do lar e não tinham direito ao voto, pois

somente os donos de propriedades podiam realizar tal feito e, apenas os homens podiam ter propriedades. À época, o governante Sólon foi responsável pelo estabelecimento e institucionalização dos papéis da mulher na sociedade grega e, conseqüentemente, pela negação total do poder das mulheres.

As esposas gregas eram educadas para os cuidados do lar como, por exemplo, os voltados para a culinária e para a costura e, também eram responsáveis pela procriação e criação dos filhos; porém, privadas do direito a qualquer conhecimento intelectual. Roberts (1998) afirma que as mulheres atenienses só tinham permissão para ir a funerais, festivais religiosos ou eventos teatrais e também eram proibidas de ir ao mercado, sendo as compras feitas por homens ou por escravos domésticos. Se um homem trouxesse visitas à sua casa, a esposa não deveria ser vista e, tampouco, tinha o direito de falar e ser ouvida.

Em relação à privação do conhecimento intelectual, vale destacar que as mulheres que tinham o direito de estudar e circular livremente eram, em grande parte, mulheres que comercializavam o prazer sexual: prostitutas. Esta privação refletia-se na ausência de poder econômico e legal das mulheres, pois estas não tinham propriedades e nem direitos de herança. A mulher, primeiramente, era tutelada pelo pai, depois, pelo marido e, caso este morresse, o filho mais velho assumiria o controle.

Beauvoir (1967, p. 108-109) afirma que:

Em Atenas, a mulher era encerrada em seus aposentos, adstrita por leis a uma disciplina severa e fiscalizada por magistrados especiais. Durante toda sua existência, ela permanece menor; é dependente do poder de seu tutor: pai ou marido, ou herdeiro do marido, ou na ausência de um desses, do Estado por intermédio de funcionários públicos; são os seus senhores e dela dispõem como de uma mercadoria, estendendo-se o poder de tutor, a um tempo, sobre a pessoa e os bens; o tutor pode transmitir seus direitos à vontade, o pai dá a filha em adoção ou em casamento; o marido pode, repudiando a esposa, entregá-la a um novo marido.

As prostitutas eram em sua maioria escravas, ex-escravas, mulheres pobres, imigrantes ou meninas que foram abandonadas por seus pais. Em Atenas, a iniciação de uma jovem na prostituição era proibida e quem a fizesse era punido conforme uma lei estabelecida por Sólon:

se alguém se torna proxeneta, a pena é de vinte dracmas; a menos que a mulher seja uma daquelas que se entregam francamente para quem as pague. Além disso, ninguém pode vender suas filhas ou irmãs, a não ser se ficar patente que elas perderam a virgindade antes de se casar (PLUTARCO, Vida de Sólon, XXIII, 1).

Os proxenetas eram homens e mulheres de baixa condição social que exploravam as prostitutas mantidas em prostíbulos ou não. De acordo com Rodrigues (2001, p.86), na época de Sólon houve a distinção institucionalizada de “mulheres decentes” e prostitutas em Atenas, assim, a sexualidade passava a ser bipartida, pois a que permite a descendência era reservada à esposa legítima e, a que permite o prazer era reservada às prostitutas.

Sólon criou em Atenas diversos bordéis oficiais, administrados pelo Estado, cuja tributação permitiu a construção de um templo dedicado a Afrodite Pandêmia, deusa que velava a prostituição e era cultuada sobretudo em Corinto, Abido e Éfeso; assim, as prostitutas por serem legalmente protegidas pelo Estado eram obrigadas a pagarem tributos e estavam sujeitas a um frequente controle de mercado com relação aos preços que praticavam (VRISSIMTZIS, 2002, p. 85).

A classe das prostitutas era segmentada em *deikteriades*, *hieroduli*, *auletrides* e *hetairae*.

As *deikteriades* eram escravas que trabalhavam nos bordéis do Estado, eram em sua maioria cativas de guerras asiáticas e mulheres compradas no mercado público por representantes do Estado. O pagamento dos serviços prestados por estas prostitutas era gerido pelo Estado, pago diretamente a um *pronobosceion* (funcionário responsável pelo bordel);

sendo estas mulheres obrigadas a persuadirem os clientes para que lhes dessem presentes, os quais estavam sujeitos a impostos estabelecidos por Sólon. De acordo com Leal (2004, p. 73), as *deikteriades* somente saíam às ruas à noite, pois eram bastante discriminadas e, ademais, deveriam usar roupas de cores especiais que eram indicadores de sua condição social.

As *hieroduli* eram prostitutas que, apesar de tecnicamente escravas, mantinham a aura de sacralidade, sendo até certo ponto homenageadas por seus clientes (Roberts, 1998, p. 38). Estas prostitutas eram as responsáveis pela intermediação entre os seus clientes e a deusa Afrodite e, por isso, recebiam respeito e atenção da população e dos governantes.

Roberts (1998, p. 50) declara que as *auletrides* eram prostitutas dançarinas e musicistas e, originalmente, em sua maioria, escravas capturadas de cidades da Ásia Menor. Porém, devido à sua popularidade e aos seus ganhos, muitas delas compravam a liberdade e acumulavam fortunas. Cabe ressaltar que estas prostitutas muitas vezes se enriqueceram graças a seus talentos musicais e, a mais célebre destas foi Lâmia, amante de Ptolomeu do Egito e, depois, do vencedor dele, o rei da Macedônia, Demétrio Poliorceta (BEAUVOIR, 1967, p. 111).

De acordo com Leal (2004, p. 74), as *auletrides* eram contratadas por homens ricos, com a finalidade de tocar e dançar para alegrar os convidados de um banquete, recebendo quantias extras para satisfazerem sexualmente algum convidado; também eram objeto da simpatia do homem grego, pois eram chamadas por nomes delicados, relacionados a aspectos de seu caráter ou de seu corpo como, por exemplo, *Pyrallis* (passarinho) para uma dançarina pequena e de pés ágeis e, *Parene* (brilhante), para uma dançarina que comparecia às festas em plena nudez.

As *hetairae* eram prostitutas da elite grega, sendo conhecidas por sua beleza e habilidade sexual e intelectual. Em grego, a palavra *hetairae* deu origem aos verbos *hetaireîn* (ser hetaira, ser utilizada com finalidade lasciva) e *hetairízein* (ser companheiro); as *hetairae*

eram companheiras dos homens nos banquetes e outros eventos sociais dos quais as esposas, irmãs e filhas eram proibidas de frequentar por causa da austeridade dos costumes e pelo fato de serem pouco instruídas (VRISSIMTZIS, 2002, p. 93).

Assim como as outras classes de prostitutas gregas, as *hetairae* eram descendentes de escravos, ex-escravos, imigrantes e até mesmo de prostitutas e ex-prostitutas bem sucedidas; a maioria delas eram provenientes de localidades mais desenvolvidas, nas quais as mulheres gozavam de maior liberdade como, por exemplo, da Jônia.

As *hetairae* eram articuladas, instruídas, sendo as únicas mulheres atenienses a administrarem seus próprios negócios, também tinham liberdade para ir e vir a qualquer hora e em qualquer lugar, podiam falar com quem quisessem para compartilhar as atividades intelectuais. Muitas destas cortesãs eram bastante ricas como, por exemplo, Rodopis, que embora fosse grega e tenha passado grande parte de sua vida de trabalho no Egito, pode construir sua própria pirâmide.

Estas mulheres também eram musas e amantes dos maiores poetas, artistas e estadistas gregos: Teoris e Arquipa foram amantes de Sófocles; Peitho se casou com Hierônimo, governador de Siracusa; Pitiônica tornou-se rainha da Babilônia e após sua morte, o rei Harpalos de Tarso construiu um grande monumento em sua homenagem. Além disso, as *hetairae* trabalhavam de forma independente tanto dos bordéis do Estado quanto dos templos; também usavam um belo jardim de cemitério, Ceramicus, onde cada cortesã tinha uma pedra a qual utilizava para registrar mensagens e, toda manhã um cliente lhe escrevia cumprimentos, horário sugerido e preço pelos serviços sexuais. O escravo pessoal de cada prostituta levava a mensagem para a sua senhora e, caso lhe agradasse, eles se encontravam mais tarde com o cliente no cemitério (ROBERTS, 1998, p. 41).

Leal (2004, p. 75) afirma que as *hetairae*, por não se dedicarem apenas à prostituição e, em virtude de sua beleza e dotes de inteligência, ascenderam socialmente e

conquistaram espaços significativos no mundo político, esfera essencialmente masculina; exemplo disso foi Aspásia – amante de Péricles – descrita como uma mulher loura, alta, voz agradável, pés pequenos e dotada de notável intelecto. Segundo Vrissimtzis (2002, p. 99), Aspásia era uma imigrante, nascida em Mileto, na Jônia e, se estabeleceu em Atenas em 450 a.C.; a sua habilidade retórica era apreciada por Sócrates e também era muito considerada por Plutarco, apesar de não ter sido seu contemporâneo.

Em relação às mulheres de seu tempo ela possuía considerável volume de leitura, inclinação para as sutilezas das questões filosóficas e, ainda, realizava encontros intelectuais em sua casa nos quais se discutiam filosofia e retórica.

No excerto a seguir, Sócrates, no Menexeno, confessa que havia estudado retórica com Aspásia e que ela havia sido mestra de grandes oradores:

Sócrates: Aí tens, Menexeno, o discurso de Aspásia de Mileto.

Menexeno: Por Zeus, Sócrates! Aspásia é muito ditosa, segundo dizes, se ela, uma simples mulher, pode compor discursos como este.

Sócrates: Se não acreditas, segue-me e poderás ouvi-la pessoalmente.

Menexeno: Muitas vezes, Sócrates, me encontrei com Aspásia e conheço o seu valor.

Sócrates: Pois bem. E não admiras? Não lhe agradeces hoje por seu discurso?

Menexeno: Sim, Sócrates. Por meu lado, sinto um profundo reconhecimento por Aspásia ou por aquele que recitou este discurso, seja quem for. E mais reconhecido estou àquele que o transmitiu para mim.

Sócrates: Está bem. Procura não denunciar-me, se queres que te fale ainda outros discursos belos sobre política, pronunciados por ela. (Platão, Menexeno, tradução de Francisco de P. Samaranch)

Segundo Roberts (1998, p. 44-45), quando Péricles, amante de Aspásia, morreu, ela escreveu e recitou uma oração fúnebre que lhe tornou famosa por sua erudição, sendo invejada e odiada pelas “esposas” em Atenas. Em decorrência desse ódio, ela foi conduzida

ao tribunal sob a acusação de “irreverência” e de dirigir um bordel, contudo, foi absolvida. Ela dirigia, na verdade, um *gynaceum* que era uma escola para aspirantes a *hetairae*, cujo objetivo era o aperfeiçoamento da arte de fazer amor, estudar ciências da literatura, da filosofia e da retórica.

Mister ressaltar que a Prostituição Sagrada era um costume antigo nas comunidades do Oriente Médio (Síria, Babilônia e Ásia Menor), porém, no território grego, esta somente foi registrada em Corinto, Pafos, Ámatos e em Chipre. O ato sexual era praticado pelas prostitutas sagradas em honra à deusa e proporcionava fertilidade para todas as mulheres, para a terra e, assim, a prosperidade da cidade (VRISSIMTZIS, 2002, p. 90-91).

Tanto na Grécia antiga quanto em Roma, as prostitutas eram obrigadas a pagar impostos ao Estado para exercerem sua profissão e também a utilizarem vestimentas que as identificavam como tais e, caso não as usassem, eram severamente punidas. Pelo fato de algumas cortesãs gregas serem ricas, belas, cultas e por frequentarem reuniões dos grandes intelectuais da época, exerciam grande poder político e eram muito respeitadas.

A palavra prostituição vem do verbo latino *prostituere*, que significa expor publicamente, pôr à venda, referindo-se às cortesãs de Roma. Assim, a prostituição pode ser definida como a troca consciente de favores sexuais por interesse não sentimentais ou afetivos. Apesar de a prostituição consistir comumente em uma relação de troca entre sexo e dinheiro, pode também ser uma troca por favorecimento profissional, por outros bens materiais, por informações etc.

A prostituição em Roma estava presente no cotidiano da sociedade e, apesar de não ter bordéis controlados pelo Estado como na sociedade grega, foi a primeira civilização européia a instaurar o sistema de registro estatal das prostitutas da classe baixa. Estas mulheres eram divididas em duas classes, a primeira era composta por meretrizes registradas e a segunda por *prostibulae* não registradas. O funcionário responsável por registrar as

prostitutas era denominado como *aedile* e este anotava em um pergaminho os dados delas, tais como nome, idade, local de nascimento e, depois, elas estabeleciam o preço de seus serviços sexuais e assim recebiam uma licença – a maioria das mulheres não se registravam e, apesar da fiscalização, muitas das vezes ineficiente, burlavam a lei ao darem uma parcela de seus lucros aos *aedile*. Estavam legalmente dispensadas de fazê-lo as prostitutas da alta classe, as dançarinas, atrizes e instrumentistas que ofereciam paralelamente serviços sexuais (ROBERTS, 1998, p. 62-63).

De acordo com a autora supracitada, as leis também estabeleciam que as vestimentas das prostitutas da classe baixa deveriam ser diferentes das mulheres respeitáveis: essas mulheres deveriam vestir a toga masculina, eram proibidas de usar trajes púrpura, sapatos, jóias e os filetes com que as matronas romanas prendiam o cabelo; eram também recomendado usar sandálias e traje em padrão floral.

Todavia, no intuito de se destacarem ou mesmo como forma de protesto às regulações impostas, muitas prostitutas pintavam o cabelo de amarelo ou vermelho, se maquiavam e se vestiam com trajes de seda.

As prostitutas das classes mais baixas eram classificadas de acordo com o modo e o local onde exerciam a prostituição: as *dorides* ficavam nuas nas soleiras de suas casas, as *lupae* atraíam os clientes imitando os uivos dos lobos, as *alicariae* vendiam bolinhos confeitados que tinham o formato das genitálias masculina e feminina para o sacrifício à Venus, deusa do amor e, a Pripo, deus fálico; as *bustuariae* usavam túmulos em cemitérios para a prática dos seus serviços sexuais, as *scorta erratica* eram prostitutas de rua, as *blitidae* se prostituíam em tavernas, as *copae*, além de se prostituírem, eram garçonetes, as *gallinae* eram prostitutas que praticavam furtos, as *fellatrix* eram especializadas em feleção, as *forariae* eram mulheres do campo que se prostituíam em estradas rurais e também fora da

cidade, as *diabolaes* cobravam apenas dois obols (uma pequena moeda de prata) e, as *quadrantariae* cobravam menos que as *diabolaes*.

Havia também as *delicatae* e as *famosae*, que eram dançarinas que muitas vezes vendiam serviços sexuais e pertenciam à elite das prostitutas romanas – eram classes equivalentes às *hetairae*. Essas mulheres eram provenientes de famílias importantes, viviam independentemente e possuíam vários clientes ricos e homens pertencentes à alta sociedade como, por exemplo, senadores.

De acordo com Roberts (1998, p. 77), na antiga Roma, a sexualidade e a prostituição eram fatos aceitos, demonstrados e explorados, mesmo depois que o imperador Calígula impôs a cobrança de impostos sobre as prostitutas.

Entretanto, após o aumento de poder do cristianismo em Roma, os homens que estavam no poder começaram a aceitar, de modo tácito, a concepção de que a prostituição era moralmente repreensível e que as prostitutas representavam um mal e uma ameaça de corrupção para a sociedade, propiciando o prelúdio de uma nova era de ódio à mulher.

O cristianismo, religião monoteísta e patriarcal, relegou à mulher a submissão irrestrita ao homem durante esse período marcado pela perda de unidade e de poder do império romano, devido às invasões dos povos nórdicos e ao aumento da resistência dos povos dominados por Roma.

O pensamento cristão que prevaleceu e consolidou o mundo ocidental estava balizado nas premissas segundo as quais a mulher era a essência do pecado, sendo a Virgem Maria (concepção sem pecado original) uma exaltação à castidade e à renúncia dos desejos e da sexualidade.

De acordo com Tannahill (1983, p. 148), a Igreja demonstrava interesse pela estabilidade social e pelos padres paroquiais, cuja intervenção preencheria a lacuna secular com preceitos cristãos e, a lei moral que eles pregavam era respaldada por ameaças com o

fogo do inferno que possuía um caráter universal, válido em qualquer lugar e, assim foi disseminada a moralidade cristã investida de autoridade religiosa e também social. Esta moralidade se apoiava basicamente em três fontes: partes do Antigo Testamento, todo o Novo Testamento e os comentários e meditações dos pensadores cristãos, concernentes às áreas de dúvida nos textos fundamentais.

Segundo Fisher (1980, p. 379) *apud* Roberts (1998, p. 80):

O cristianismo assumiu a desconfiança dos judeus em relação às mulheres e acrescentou suas próprias repressões, em uma interpretação muito rígida dos costumes dos hebreus. Foi significativo o fato da idealização da castidade ter sido transformada em uma aversão pelo corpo e por uma severa condenação dos atos sexuais.

A inferioridade da mulher no cristianismo está alicerçada em dois importantes livros bíblicos, as Epístolas de São Paulo e o Gênesis, que relata a criação de Eva e a expulsão do paraíso. Em Gênesis, Deus teria criado Eva a partir da costela de Adão, servindo como justificativa para a submissão da mulher ao homem e, outrossim, por ser originária de um osso curvo, a mulher refletia esse desvio e era perversa desde a sua criação.

O apóstolo Paulo, nesse período, declarou que as prostitutas eram a corrupção da imagem da mulher pura, logo, a perdição da humanidade e, aquele que utilizasse de seus serviços também o era. Assim, o corpo do homem era o templo do Espírito Santo, que lhe foi doado por Deus e, por isso, deveria ser protegido dos pecados carnavais:

12 Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas eu não me deixarei dominar por coisa alguma.

13 Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos: Deus destruirá tanto aqueles como este. O corpo, porém, não é para a impureza, mas para o Senhor e o Senhor para o corpo:

14 Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos ressuscitará a nós pelo seu poder.

15 Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei, então, os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? De modo algum!

16 Ou não sabeis que o que se ajunta a uma prostituta se torna um só corpo com ela? Está escrito: Os dois serão uma só carne {Gn 2,24}.

17 Pelo contrário, quem se une ao Senhor torna-se com ele um só espírito.

18 Fugi da fornicção. Qualquer outro pecado que o homem comete é fora do corpo, mas o impuro peca contra o seu próprio corpo.

19 Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis?

20 Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo. (CORÍNTIOS 6, 12-20)

Para controlar o comportamento sexual da sociedade romana, a Igreja, por meio de Santo Agostinho, apoiou-se em argumentos acerca do Pecado Original, o qual estava além da descoberta do sexo ente Adão e Eva – não simplesmente o ato sexual – mas sim identificando-o com o desejo sexual. A concupiscência da carne, manifestada nas relações sexuais, era a ruptura da profunda harmonia que existia entre o homem e Deus e, também usufruída por Adão e Eva no paraíso.

Para a Igreja, o Pecado Original surge da fraqueza da alma e não do corpo, que já é impuro, imperfeito. Assim, tal fato ocorre porque Adão e Eva sucumbiram ao pecado, ao orgulho, ao amor próprio, e não ao amor a Deus. O pecado original, para Santo Agostinho, tinha um caráter hereditário e, por isso, toda humanidade recebeu o pecado através deles.

Conforme trecho abaixo da bíblia cristã, as prostitutas eram especificadas como portadoras da luxúria miserável da carne, sendo excomungadas pela Igreja, a qual tinha o papel de orientar os homens cristãos a manter distância destas mulheres imorais:

Meu filho, dê atenção à minha sabedoria, incline os ouvidos para perceber o meu discernimento. Assim você manterá o bom senso, e os seus lábios guardarão o conhecimento. Pois os lábios da mulher imoral destilam mel;

sua voz é mais suave que o azeite, mas no final é amarga como fel, afiada como uma espada de dois gumes. Os seus pés descem para a morte; os seus passos conduzem diretamente para a sepultura. Ela nem percebe que anda por caminhos tortuosos, e não enxerga a vereda da vida. Agora, então, meu filho, ouça-me; não se desvie das minhas palavras. Fique longe dessa mulher; não se aproxime da porta de sua casa para que você não entregue aos outros o seu vigor nem a sua vida a algum homem cruel, para que estranhos não se fartem do seu trabalho e outros não se enriqueçam à custa do seu esforço. (PROVÉRBIOS 5, 1-10).

Desta feita, a misoginia cristã, desde suas bases clássicas, apresenta, na raiz da difamação das mulheres pela Igreja, a noção de que são impuras e como tais opõem-se ao que é santo. Na avaliação dos clérigos, as mulheres são seres humanos de segunda classe. Clemente de Alexandria escreve: com relação às mulheres, ‘a exata consciência de sua própria natureza deve evocar sentimentos de vergonha’. (RANKE-HEINEMANN, 1999, p. 141)

Às mulheres também eram impostas regras severas relativas a vestimentas e comportamentos durante as orações, bem quanto a sua submissão ao homem, conforme trecho a seguir, proferido por São Paulo:

Sede meus imitadores, como também eu de Cristo. E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim, e retendes os preceitos como vo-los entreguei. Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo. Todo o homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu. O homem, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem. Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem. (CORÍNTIOS I, 11, 1-9).

Em suma, as proposições da Igreja acerca da sexualidade e do casamento eram veementemente contrárias ao prazer, o que tornava a prostituta condutora das mazelas no mundo, pois o sexo não deveria ser usado por mero prazer – relação sexual fora do casamento era pecaminosa e, dentro do casamento, só deveria ser feito para fins de procriação.

Na Idade Média, a riqueza dos senhores feudais provinha das terras conquistadas e da produção dos camponeses que eram seus servos, porém, as constantes guerras entre esses senhores feudais geraram o êxodo rural de mulheres, principalmente viúvas e filhas dos servos mortos nas batalhas, em direção às cidades e, por questões de sobrevivência, estas se prostituíam.

De acordo com Roberts (1998, p. 91), algumas prostitutas se especializaram em oferecer seus serviços sexuais no trajeto dos homens que viajavam para os locais do martírio sagrado para cumprir suas promessas; muitas destas mulheres eram freiras inglesas que, apesar de serem castigadas por diversos papas, se tornaram prostitutas às margens do caminho para Roma.

As prostitutas que serviam os exércitos europeus eram consideradas essenciais, pois havia funcionários especiais nas tropas cujo dever era controlar essas mulheres e aferir se elas estavam desempenhando adequadamente os seus diversos deveres.

Nessa época, tanto a prostituição urbana quanto a rural estavam em evidente crescimento e, conforme Roussiaud (1991, p. 20):

(...) mesmo fora dos grandes cinturões de pobreza, que multiplicavam por todos os caminhos o número de mulheres que se ofereciam (...) com ou sem os seus rufiões, de cidade em cidade, reforçando aqui e ali o pequeno grupo de mulheres “comuns a muitos”. Elas adaptavam o seu itinerário ao calendário das feiras e mercados, das peregrinações e dos grandes trabalhos agrícolas. Nas granjas isoladas, diaristas ou peões que viviam juntos

mantinham durante alguns dias ou semanas uma prostituta compartilhada por todos.

Todavia, a prostituição adquiriu formas complexas e se institucionalizou no contexto urbano. Na maioria das cidades do Sudeste, havia um *prostibulum publicum*³ construído, mantido e dirigido pelas autoridades públicas, principescas ou municipais como, por exemplo, em Dijon, Beaune, Villefranche, Lyon, Valence, Romans, Viviers, Bagnols, Orange, Avignon, Beaucaire, Tarascon, Arles, Cavaillon etc. (ROUSSIAUD, 1991, p.20).

O *prostibulum* era

construído com gastos compartilhados por todos, isto é, com o dinheiro público, era arrendado a uma *abbesse* ou a um administrador, que teoricamente tinham o monopólio da profissão. Tinham a incumbência de recrutar as moças – aceitas ou não por um oficial de justiça –, de fazer respeitar certas regras, às vezes de mantê-las e sempre de fazer reinar a ordem na pequena comunidade feminina. Em caso de necessidade, falecimento ou partida da *abbesse*⁴ arrendatária, as autoridades passavam a governar diretamente a casa. (ROSSIAUD, 1991, p.21).

Existiam também os “banhos públicos”, conhecidos como casas de tolerância, cujo funcionamento se pautava na dualidade prostituição e higienização corpórea e, por isso, eram estabelecidos dia e horário de utilização por homens e mulheres. Esses banhos públicos também funcionavam como casas de encontros e lugares de alcovitagem.

De acordo com Rossiaud (1991, p.23), tanto o *prostibulum* quanto os “banhos públicos” eram cerceados por regras sanitárias como, por exemplo, em épocas de peste, estes eram fechados, sendo proibidas as reuniões comerciais ou as danças em geral. Em relação aos princípios religiosos, estes ambientes não podiam funcionar durante a Semana Santa e o Natal.

³ Bordéis.

⁴ A *abbesse* era uma mulher comum ou uma antiga prostituta que poderia ser casada.

Considerando-se os limites espaciais, a prostituição era restrita a algumas ruas, sendo afastada das dependências da igreja ou de ruas de patrícios; havia também regras para a vestimenta, pois as prostitutas públicas eram obrigadas a usarem uma insígnia – as proibições relacionadas com o vestuário estavam pautadas em regulamentações suntuárias gerais que eram aplicadas a todas as categorias sociais, mesmo que na maioria das vezes não fosse respeitada.

A faixa etária das prostitutas era de 17 anos, das camareiras destes locais, 20 anos e, de 28 anos para as locatárias dos *prostibulum*, sendo a origem de muitas destas mulheres relacionada ao fato de terem sido abandonadas pelos companheiros dos quais eram concubinas ou criadas e, posteriormente, recrutadas por alcoviteiras. Contudo, nestes bordéis públicos, as mulheres, após os 30 anos de idade, eram consideradas velhas e, de certa forma, eram forçadas a deixarem de se prostituir, tornando-se administradoras destes locais, retirando-se em conventos ou tornando-se criadas ou esposas por serem intimamente ligadas a sacerdotes e a homens da lei.

Durante o século XII, houve uma tendência das autoridades municipais, sob o argumento da má influência das prostitutas sobre as mulheres burguesas, de confinarem e regulamentarem a prostituição nos principais centros urbanos europeus.

Roberts (1998, p. 120-121) afirma que as tentativas medievais para regulamentar e confinar a prostituição foi materializada em nomes de ruas, sendo que alguns destes existem até hoje:

a) Alemanha: *Frauengasse* (Beco das Mulheres), *Frauenpforte* (Porta das Mulheres), *Frauenfleck* (Alameda das Mulheres) e *Rosenstrasse* (Rua das Rosas) que tem sua origem na antiga expressão “colher rosas”, que indicava fazer sexo com uma prostituta;

b) Grã-Bretanha: *Love Lane* (Alameda do Amor) ou *Maiden Lane* (Alameda das Donzelas), *Codpiece Alley* (Viela do Escroto) e *Gropecunt Street* (Rua do Coito Cego) cujos

nomes foram alterados, respectivamente, para *Coppice Alley* (Viela do Matagal) e *Grape Street* (Rua da Uva). Algumas ruas não existem mais como, por exemplo, *Slut's Hole* (Buraco da Cadela), *Cuckhold Court* (Tribunal do Corno) e *Whore's Nest* (Ninho da Prostituta);

c) França: na cidade Blois, no Vale do Loire, existiram as ruas *Rebrousse-Pénil*⁵ (Rua do Pênis Cabeludo) e *Pousse-Pénil*⁶ (Rua do Impulso do Pênis) e, em Paris, existiram as ruas *Trousse-Puteyne* (Fenda da Prostituta), *de la Con Réerie* (Boceta Escancarada), *Grattecon* (Boceta Rasgada), *Puits d'amour*⁷ (Buracos do Amor); a única que sobreviveu foi a *Rue Poil au Con* (Boceta Cabeluda) que, atualmente é conhecida por rua *Pélican*.

Ao final da Idade Média, apesar das disposições repressivas eclesiásticas e governamentais, as prostitutas estabeleceram suas próprias associações como, por exemplo, as 4.000 prostitutas de Paris que no século XV formaram uma federação, pela qual receberam doações reais de uma bandeira, um tambor e uma banda de pífaros próprios; as prostitutas de Avignon também obtiveram seus estatutos da proprietária do bordel da cidade, Rainha Joana de Nápoles, porém, com a exigência de usar uma fita vermelha no ombro como distintivo do ofício (ROBERTS, 1998, p. 126).

Na Idade Moderna, apesar da epidemia da sífilis e do puritanismo da Reforma Religiosa, fatores estes que contribuíram para tentativas de extirpação da prostituição da sociedade, a industrialização e as aglomerações urbanas propiciaram a expansão da prostituição.

Na Europa desenvolveu-se uma grave epidemia de sífilis, doença até então desconhecida e, frequentemente, denominada de Mal de Nápoles, Mal Francês, Mal Germânico, Mal Espanhol, Mal Cristão etc. As denominações dessa doença eram frutos da rivalidade entre os povos, que atribuíam aos outros a culpa pela disseminação da epidemia

⁵ Também poderia ser traduzida como Rua do Levanta Pênis.

⁶ Também poderia ser traduzida como Rua do Empurra Pênis.

⁷ Também poderia ser traduzida como Poços do Amor.

como, por exemplo, para os italianos que a denominaram como Mal Francês e, para os franceses como o Mal de Nápoles.

De acordo com Quézel (1992), algumas explicações eram comuns à época para determinar o surgimento da doença: relação sexual entre homem e macaco, entre um cavaleiro leproso e uma cortesã, um espanhol que misturou sangue de um leproso ao vinho grego, um napolitano que envenenou poços durante a invasão francesa.

A transmissão sexual da sífilis não era compreendida na época, não sendo também diferenciada de outras doenças infecciosas; havia explicações diversas para a sua transmissão como, por exemplo, pelo ar, pela comida, pela amamentação, pelas roupas e utensílios e, até mesmo, por um simples olhar. As autoridades estavam mais preocupadas com as condições morais do que com as condições sanitárias e as pestes e epidemias eram vistas pela sociedade como um castigo de uma divindade sobre um mundo corrompido e, portanto, a sífilis foi um símbolo conveniente que indicava a necessidade de um expurgo (ROBERTS, 1998, p. 149-150).

No século XVII, surgiram atitudes misóginas dos reformadores para com as mulheres, sobretudo no que diz respeito às prostitutas. Para os puritanos e, de acordo, com os diversos manuais de comportamento para as mulheres que surgiram nessa época, as mulheres deveriam ser silenciosas, submissas, boas esposas, boas parideiras, dessexualizadas, concebendo o marido como uma autoridade a qual não poderia ser contestada.

Desta feita, a prostituta era vista sob a concepção puritana como um instrumento do diabo materializado; tomemos, como exemplo, o autor William Stubbes que considerava a prostituição o pecador maior perante Deus e, além disso, defendia que as prostitutas deveriam ser cauterizadas, marcadas com ferro quente na parte de seu corpo que fosse exposta, como por exemplo, rosto e testa, para que pudessem ser distinguidas das cristãs honestas e castas.

Para Stubbes, eram consequências da prostituição:

Além de provocar a danação eterna (...) também provoca estes incômodos, e muitos mais: (...) reduz a visão, prejudica a audição, enfraquece os nervos, debilita as juntas, esgota a medula, consome a umidade e as reservas do corpo, envelhece o rosto, empalidece o semblante, embota o espírito, prejudica a memória, debilita o corpo, provoca ulcerações, feridas, crostas, pústulas, estragos, marcas e mau humor; provoca cabelos brancos e calvície; induz à velhice e, por fim, traz a morte antes da natureza assim o dispor, a doença a provocar ou a idade avançada requerer (STUBBES, 1979, p. 84-86 *apud* ROBERTS, 1998, p.161).

Na Inglaterra, a *Tower Hamlets Society*, fundada em 1690, lançou um manifesto cujo objetivo era extinguir áreas de prostituição:

É aqui que as Impudentes Meretrizes, com seus Vestidos Extravagantes, rostos Pintados e Insinuações Libertinas, seduzem e tentam nossos Filhos e Criados à Devassidão, e, conseqüentemente a furtar e roubar de nós para manter suas prostitutas. É aqui que os Corpos ficam doentes e os Bolsos são desprovidos de somas consideráveis, Injúrias cuja vingança tem freqüentemente ocasionado Disputas, Brigas, Derramamento de Sangue, Clamores de Assassinato (e isso às vezes no meio da noite), derrubando tabuletas e partes das casas, quebrando janelas, e também outras Fugas tumultuadas, Agitações e Alvorços (...) É aqui que muitas vezes um Mordomo é infectado com uma Doença peçonhenta, que ele transmite à sua Honesta e Inocente Esposa (...) É aqui que Multidões de Soldados e Marinheiros adquirem o veneno que debilita o seu espírito e logo corrói seus corpos. (BRISTOW, 1977, p.219-220 *apud* ROBERTS, 1998, p.219-220).

Observa-se nesse protesto que a imagem da prostituta está associada à corrupção dos valores morais – vistos pela sociedade religiosa como inerentes ao bem estar social da família –, sendo a prostituição responsável pela sedução e tentação que induzem ao pecado, à criminalidade, à violência, à transmissão de doenças, ao crime, à algazarra. Em suma, esse

protesto baseava-se nas premissas segundo as quais a prostituta era culpada pela destruição do espírito e do corpo dos homens, bem como de suas honestas e inocentes esposas.

No século XVIII, principalmente em Paris, ocorreu o desenvolvimento especializado dos bordéis como, por exemplo, os voltados para o sadomasoquismo, para o voyerismo, para a flagelação, outros dedicados exclusivamente aos homens do clero, outros formados por mulheres negras, por virgens, por mulheres de origem nobre.

Devido à diversidade e à competitividade entre os bordéis, surgiu a propaganda destes, a qual era realizada por meio de homens e prostitutas independentes que circulavam nas partes movimentadas da cidade, distribuindo cartões que exaltavam as virtudes sexuais destas mulheres.

No século XVIII, era frequente a prostituição infantil, cuja origem estava relacionada à pobreza, e a clientela composta por homens que tinham obsessão por virgens. As meninas pobres muitas vezes eram confinadas em prostíbulos, vendidas para realizar trabalho forçado para criminosos – a própria prostituição e roubos nas ruas – bem como, por questões de sobrevivência, forçadas a pedirem esmolas e trabalharem em fábricas nas condições mais deploráveis (ROBERTS, 1998, p. 208-209).

A procura por virgens estava relacionada à fantasia masculina da defloração e ao medo da contaminação do homem por doenças venéreas. Devido aos altos valores pagos a estas mulheres, muitas jovens prostitutas simulavam a ruptura do hímen com os seus clientes por meio do uso de saquinhos com sangue de pombo estrategicamente escondidos ou realizavam o coito em período menstrual, sendo possível enganar a maior parte dos clientes (ROBERTS, 1998, p. 239).

A desvalorização da prostituta passa a ser muito forte durante o período da Revolução Industrial, quando houve um crescimento da prostituição devido às condições desumanas de trabalho, o que levava as mulheres a se prostituírem em troca de favores de

padrões. Nessa época, a sífilis, vista como símbolo da imoralidade, também desempenhou papel crucial na vida das prostitutas, pois envolvia a “corrupção” que a imaginação cristã colocava em torno da sexualidade, assinalando-a como consequência terrível do desvio moral.

Desta feita, sob um viés típico da época, a sífilis simbolizava o medo da burguesia de ser contaminada pela classe trabalhadora, ou seja, o sexo em si já era perigoso e muito mais ainda se feito com uma mulher da classe trabalhadora – isso resumia a idéia de que a sujeira, a doença e a imoralidade dessa classe poderiam atingir a santidade e a pureza do lar da classe média.

A prostituição passou a ser vista como uma atividade criminosa porque a exploração sexual passou a ser executada por grandes grupos do crime organizado, o que propiciou a perseguição dessas mulheres, por parte de órgãos de repressão (polícia, médicos etc), caso incitassem ou fomentassem a atividade publicamente.

No século XIX, tanto Paris quanto Londres passavam por fortes transformações urbanas, o que de certa forma, propiciava preocupação acerca do saneamento público, da reorganização dos espaços (praças, ruas etc), resultando em tentativas de retirada de prostitutas e de pobres das ruas. À época, a regulamentação da prostituição foi amplamente amparada por médicos, autoridades policiais e magistrados e, paralelamente, explorada de certa forma, pela cafetinagem profissional.

De acordo com Roberts (1998, p. 284), a cafetinagem profissional estava em seus primórdios, embora praticamente ausente na Grã-Bretanha e presente em pequenos números em outros locais. Na França, apesar do sistema encorajar a existência deste “intermediário”, a maioria das mulheres se prostituía de maneira independente.

As pessoas que praticavam a cafetinagem eram, em sua maioria, membros da polícia, políticos, proprietários, médicos e outros homens “respeitáveis”, que obtinham lucro com o comércio do sexo. Todavia, existiam também, envolvidos nessa prática de exploração

sexual, homens que pertenciam à mesma origem social (pobreza e falta de perspectivas) de suas prostitutas.

Destarte, o significado da cafetinagem em seu surgimento era:

A cafetinagem era uma das poucas maneiras em que um homem de origem pobre conseguia uma mobilidade ascendente, ou pelo menos um padrão de vida mais elevado. Isto, do ponto de vista da prostituta tornava o envolvimento em um relacionamento com um homem potencialmente perigoso, pois sempre havia a possibilidade de ela ser usada dessa maneira. Para algumas prostitutas, era um preço aceitável a pagar por relacionamento amoroso; afinal, na falta de outra coisa, a vida no negócio do sexo ensinava que todas as formas de amor em dinheiro, podia destruir a afeição até não restar mais nada; e os cafetões eram em geral negligentes, exploradores e violentos. Uma prostituta podia pagar emocional e fisicamente – e também financeiramente – pelo relacionamento. (ROBERTS, 1998, p. 284).

Em 1810, foi criada em Paris a “Polícia da Moral”, cujo objetivo central era cadastrar, no registro central da polícia, as prostitutas, sendo obrigadas a se apresentarem mensalmente ao médico da polícia para inspeção de seus órgãos genitais. Se estas mulheres apresentassem alguma doença venérea, eram obrigatoriamente confinadas para tratamento de choque e espancamentos no Hospital-Prisão São Lázaro, o qual possuía péssimas condições de higiene.

Nesse contexto, foram criadas diversas proibições para as prostitutas, as operárias e as mulheres, tais como, andar juntas, formar grupos, perambular pelas ruas, abordar os transeuntes, provocar escândalos, usar roupas indecentes etc.

As concepções da medicina social na França, no final do século XIX, foram pautadas pelo campo da higiene pública, destacando-se nesse período a publicação, em 1836,

da obra intitulada *De la prostitution dans la ville de Paris*, do médico Alexandre Parent-Duchâtelet, que dedicou sua vida profissional à busca dos focos de contágio de moléstias epidêmicas em Paris. Ele considerava as prostitutas e os esgotos como receptores dos dejetos humanos, sendo seus estudos à época considerados referência mundial. A sexualidade da mulher operária era vista como subversiva, sob a concepção de que estas mulheres eram prostitutas ou mesmo potenciais prostitutas, exceto quando eram esposas ou mães, tornando-se respeitáveis.

Um referencial desta época foi o médico alemão H. Lippert, que descreveu as consequências da prostituição no corpo da mulher:

Através da prática diária de sua profissão durante muitos anos, seus olhos adquirem uma expressão penetrante, giratória; são um pouco indevidamente proeminentes, em consequência da tensão contínua dos músculos oculares, pois os olhos são principalmente empregados para espionar e atrair clientes. Em muitas, os órgãos da mastigação são fortemente desenvolvidos; a boca em contínua atividade, comendo ou beijando, é conspícua; a fronte é em geral plana; a região occipital é às vezes extremamente proeminente; o cabelo de sua cabeça é em geral escasso – na verdade, muitas podem se tornar realmente carecas. Para isso, não faltam razões: acima de tudo, o modo de vida desassossegado; a contínua perambulação em qualquer situação climática a céu aberto, às vezes com a cabeça descoberta (...) a incessante escovação, manipulação, encrespamento e excesso de cremes de cabelo; e, entre as prostitutas de classe baixa, o uso do conhaque. A voz rouca é a característica fisiológica da mulher que perdeu suas funções próprias – aquelas da mãe (PARENT-DUCHÂTELET, 1837, p. 271).

Outro médico importante nesse período foi Cesare Lombroso, considerado fundador da antropologia criminal italiana e, também, como aquele que aperfeiçoou os estudos de Lippert. Em 1893 foi publicado o seu livro intitulado *La Donna Delinquente, la Prostituta e la Donna Normale*, cujas premissas se apoiavam na concepção da prostituição

hereditária, isto é, a mulher que se prostituía havia nascido com marcas hereditárias que a conduziriam para a prostituição como, por exemplo, fronte recuada ou estreita, ossos nasais anormais, enormes mandíbulas (MAZZIEIRO, 1998).

Portanto, a prostituta era vista como um ser defeituoso, a imperfeição na evolução humana, e seus traços psicológicos eram galgados na futilidade, atrevimento, egoísmo, vaidade, notoriedade etc.

A prostituta estava imersa em um contexto paradoxal, ou seja, era vista como o mal da sociedade, fonte de corrupção dos bons costumes e da família, mas também como o mal necessário, uma vez que servia como continência sexual dos impulsos masculinos, protegendo a honra da família e das mulheres honestas solteiras, bem como o pudor das mulheres casadas.

Havia, no século XIX, dois tipos de políticas acerca da prostituição: Regulacionistas e Abolicionistas.

Sob o viés regulacionista, a prostituta era tida como um mal necessário, porém responsável pela transmissão de doenças, o que as sujeitava ao controle médico; também sofriam algumas restrições quanto à mobilidade, sendo o local de prostituição vinculado a locais específicos, como áreas portuárias e bordéis controlados pelo sistema estatal.

Um exemplo dessa política regulacionista, na Grã-Bretanha, foi a implementação, em 1886, do *Contagious Diseases Acts*, constituído por leis cujos objetivos eram combater a propagação das DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) entre os homens do exército e obrigar as prostitutas a realizarem controle e tratamento médicos. O corpo da prostituta era considerado fonte originária das doenças, uma ameaça à sociedade que era combatida por meio de intervenções estatais e médicas.

As políticas abolicionistas estavam voltadas para os questionamentos acerca do papel exercido pelo Estado, ou seja, se este deveria regular a prostituição e,

concomitantemente, combater as DSTs. As leis do *Contagious Diseases Acts* eram consideradas, sob a ótica abolicionista, discriminatórias para com as mulheres – uma vez que todas as prostitutas e mulheres suspeitas de se prostituírem eram detidas pela polícia e obrigadas a se submeterem ao controle médico –, o que poderia sujeitar também, conseqüentemente, as mulheres de “boa reputação” a tais políticas.

As mulheres que se recusassem a fazer a inspeção médica eram confinadas em um hospital para tratamento de doenças venéreas, no qual seriam examinadas compulsoriamente e, se estivessem infectadas, deveriam permanecer neste local por três meses.

Estes hospitais eram prisões pseudo-médicas, sendo as prostitutas sujeitas a um regime de disciplina insano e regulamentação arbitrária; o tratamento consistia em envenenamento por mercúrio e as mulheres sadias que neste hospital foram confinadas, muitas vezes, eram contaminadas pelos equipamentos não esterilizados dos médicos. Além disso, várias destas mulheres, ao saírem do hospital, ficavam sabendo que seus filhos haviam sido levados para o reformatório, seus quartos entregues a outros e seus pertences vendidos para pagar os aluguéis em atraso (ROBERTS , 1998, p. 293-294).

A representante principal do movimento abolicionista foi a feminista e mulher instruída, pertencente à classe média alta inglesa, Josephine Butler (1828-1906), que fundou a Federação pela Abolição da Regulamentação Governamental da Prostituição, iniciando um movimento pelos direitos humanos e pelas liberdades civis das prostitutas. A luta dessa feminista resultou na revogação, em 1886, do *Contagious Diseases Acts*.

Em suma, para os abolicionistas, as prostitutas eram mulheres sujeitas a políticas invasivas, devendo, portanto, serem resgatadas e reabilitadas, uma vez que eram vítimas do prazer masculino e das condições econômicas precárias. Vale registrar que os abolicionistas não defendiam a perpetuação da prostituição, mas sim a libertação das prostitutas por meio da educação e não pelo controle legislativo.

No século XX, intensificou-se a visão da prostituta enquanto responsável pela propagação de DSTs e outras enfermidades correlatas à prostituição. Assim sendo, a prostituição representava uma prática potencialmente fatal para prostitutas e clientes. Esses fatores, somados à ilegalidade da profissão, culminaram em diversas tentativas (como, por exemplo, da ONU em 1949, ao denunciar e tentar a adoção de medidas para o controle da prostituição no mundo) de desvincular a prostituição do crime organizado, minimizando o lucro dos criminosos obtidos com a exploração dessas mulheres.

Nesse século, surgiram associações de prostitutas e diversas mobilizações destas mulheres em defesa dos seus direitos, incomodadas com a repressão e a violência policial e o tráfico internacional de mulheres para a escravização sexual.

Em 02 de junho de 1975, um grupo composto por, aproximadamente, 150 prostitutas ocupou a igreja Saint-Nizier, em Lyon, França, para protestar contra a repressão policial – pois estavam sujeitas a multas e detenções –, contra o rufianismo e, também, contra o descaso do Estado para com os diversos assassinatos de outras prostitutas, os quais nem sequer eram investigados.

As prostitutas penduraram uma faixa na igreja com a seguinte frase: *NOS ENFANTS NE VEULENT PAS LEUR MERE EN PRISON* (NOSSOS FILHOS NÃO QUEREM SUAS MÃES NA PRISÃO) e, por meio de uma carta aberta à sociedade, disseram “Nós somos mães falando com vocês. Mulheres tentando criar seus filhos sozinhas, o melhor que podem, e que atualmente estão com muito medo de perdê-los”, ademais lançaram um desafio às autoridades “Nenhuma de nós vai para a prisão. Ou se for, a polícia vai ter de nos massacrar para nos arrastar para lá”. (BELL, p.24 *apud* ROBERTS, 1998, p. 405).

A ocupação da igreja teve destaque nacional e internacional, gerando solidariedade de pessoas que levaram comida para estas mulheres e, também, a mobilização de prostitutas em diversas regiões da França que, conseqüentemente, invadiram igrejas em Marselha,

Grenoble, Montpellier, seguida pelo estabelecimento de greves de prostitutas em Toulouse, Saint Etienne e Cannes. Em Paris, as prostitutas ocuparam a Capela de Saint Bernard, em Montparnasse.

Contudo, às 5h30min da manhã do dia 11 de junho, o esquadrão do vício obrigou o padre, o qual havia se solidarizado à ação das prostitutas, a abrir as portas da igreja de Saint-Nizier e invadiu o prédio. Uma das porta-vozes das prostitutas, Barbara, descreveu a seguinte cena:

Todos estavam dormindo, exceto as garotas que estavam na porta. De repente, as ouvimos gritar: “Polícia! Polícia!” Eles chegaram. Primeiro, alguns sujeitos de roupas comuns, todo o esquadrão do vício, cerca de quarenta deles. Depois outros fardados, com escudos, com os equipamentos que usavam nas demonstrações. Invadiram a igreja e gritaram: “Vocês estão cercadas, todas para fora, imediatamente.” Eu me levantei. Tive o tempo suficiente de colocar meu vestido. Assim que entraram, disseram abertamente que tinham de Ulla e Barbara primeiro. Enquanto isso, nós duas tentávamos acalmar as garotas. Estávamos todas sentadas no chão. Então, eles nos bateram e nos arrastaram pelo chão pelos cabelos. Eu me agarrei firme a uma porta. Todas nós tentávamos resistir o máximo que pudemos. Mas havia pelo menos dez deles para cada duas de nós. Aos socos e pontapés, eles nos arrastaram por todo o caminho até as camionetas. Jogaram-me literalmente de cabeça. Jogaram minha cabeça contra a cadeira do motorista. Do lado de fora, Ulla me agarrou e os policiais a puxaram pelo cabelo. Bateram-lhe brutalmente na cabeça. Ela desmaiou e caiu no chão, inerte. (JAGET, 1980 *apud* ROBERTS, 1998, p. 405-406)

Em relação às prostitutas que ocuparam outras igrejas, ações semelhantes foram realizadas pela polícia francesa. Esse movimento impulsionou o surgimento de associações em outros países como, por exemplo, Associação das Prostitutas Inglesas, Associação das Prostitutas de Nova Iorque, Comitê para os Direitos Civis das Prostitutas Italianas,

Organização Canadense pelos Direitos das Prostitutas. Em razão da repercussão do movimento em relação à luta pelos direitos das prostitutas, o dia 02 de junho é reconhecido como o Dia Internacional da Prostituta.

Apesar de as décadas de 70 e 80 terem sido um período fértil para a organização das lutas das prostitutas, houve diversos fatores que contribuíram para a estigmatização destas mulheres, dentre eles, o tráfico de drogas, a criminalidade e a AIDS.

O surgimento da AIDS impôs profundas mudanças no que diz respeito ao imaginário social acerca das prostitutas, pois estas, novamente, passaram a ser vistas como *locus* de transmissão de doenças venéreas – “grupos de risco”. Era sustentada a ideia de que a doença se concentrava em grupos específicos (homossexuais masculinos, usuários de drogas injetáveis, prostitutas etc) inseridos, assim, no conceito epidemiológico “grupos de risco”. Esta associação era semelhante à epidemia da sífilis, retratada anteriormente nesse capítulo e cuja responsabilidade pela transmissão da doença foi atribuída a grupos específicos (prostitutas, operárias etc), ou seja, o “outro” que possuía corpo imoral, degradante, responsável pela disseminação destas doenças, enquanto o resto da sociedade era a “vítima”. Concepções estas arraigadas em premissas moralistas, excludentes e preconceituosas, sendo o corpo um perigoso prazer.

No fim do século XX e início do XXI, o foco das discussões mundiais sobre a prostituição está voltado para o combate ao tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual, bem como para a legalização da prostituição – dicotomia intrínseca ao desenvolvimento histórico da prostituição.

O tráfico de mulheres, seja nacional ou internacional, muitas das vezes, é impulsionado pela ilusão da “vida fácil”, com lucros altos e rápidos para a prostituta, isto é, a ascensão social como meio de fuga da pobreza, da rigidez familiar etc. Também há diversos casos em que mulheres são enganadas por meio de propostas de emprego com excelentes

salários em outros países e, ao desembarcarem nestes, são obrigadas a se prostituírem, tornando-se escravas do sexo.

As casas de prostituição têm regras severas como, por exemplo, os documentos das prostitutas são confiscados pelo dono do estabelecimento e muitas delas são obrigadas a longas jornadas de prestação de serviços sexuais, sendo agredidas e drogadas pelos seus exploradores e clientes. A dinâmica destes locais é baseada em princípios os quais tornam quase impossível a saída destas mulheres do esquema de escravidão sexual, pois elas estão sempre estando devendo altas quantias em dinheiro para o explorador – valores a serem pagos por moradia, alimentação, objetos de higiene pessoal, remédios etc – , muitas são imigrantes clandestinas, têm a locomoção restrita (grande parte delas são confinadas forçosamente); são mulheres que sofrem sérias violações em seus direitos humanos fundamentais.

No que diz respeito aos movimentos de legalização da prostituição, os princípios políticos e jurídicos que os norteiam são a liberdade de escolha, o direito de dispor do seu próprio corpo, equidade para com o reconhecimento dos direitos trabalhistas, ou seja, os mesmos direitos que outros trabalhadores têm em termos de seguridade social, de assistência à saúde, benefícios sociais, de segurança etc.

Atualmente, a prostituição é legalizada em alguns lugares, como Alemanha, Holanda, Sydney, Nova Zelândia; e em outros o exercício dessa prática, desde que seja independente, não é ilegal.

Com relação à exposição realizada nesta seção, pode-se observar o delineamento histórico da prostituição em algumas grandes fases. Na primeira, a venda de serviços sexuais tinha um caráter sacro, com aspecto mítico e tutelar. Depois dessa época, instituiu-se o período epicuriano, no qual a prostituta assume um papel estético e político, pois seu trabalho começa a ser gerenciado pelo Estado por meio da cobrança de impostos, enriquecendo a elite dominante. No terceiro período, denominado cristão, a prostituta passou a ser considerada

pejorativamente em nome da moral e dos bons costumes, mas depois dessa época passou também a ser vista como mal necessário e como mulher submetida às práticas repressivas exercidas pelo Estado como forma de controle sanitário mediante força policial. Por fim, surge o período chamado abolicionista, no qual a prostituta é caracterizada como escrava e vítima, ou seja, o surgimento das DSTs fomentaram a implementação de forma repressiva da medicina higienista (PEREIRA, 1976).

Em suma, por meio do desenvolvimento histórico da prostituição, podemos perceber que a prostituição é um fenômeno social extremamente complexo e ligado à economia, à saúde, ao trabalho, à sexualidade, à moral e às relações de gênero.

1.1 - A PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

Entre os séculos XIX e XXI, a prostituição no Brasil foi marcada por importantes fatores como, por exemplo, o discurso médico acerca de suas causas e consequências e a organização das prostitutas em busca de seus direitos civis.

Em relação às publicações médicas no Brasil, observa-se nestas a grande influência das medidas higienistas produzidas na Europa, as quais abordavam a prostituição como doença, perversão e degeneração física. Havia dois princípios norteadores para estas publicações: o regulamentarismo e o abolicionismo.

Com a intenção de normatizar a prostituição, os médicos regulamentaristas propunham a necessidade de visitas para fiscalizar os bordéis e examinar as prostitutas, o cadastramento destas mulheres e a internação em hospitais caso estivessem doentes. Engel (1989, p. 38-39) afirma que os médicos, inseridos na categoria dos profissionais liberais estabelecidos no Rio de Janeiro, apresentavam-se como um dos segmentos da intelectualidade que se empenhavam na tarefa de ordenar aquilo que era visto como desordem, transformando

a cidade num espaço civilizado. Desta feita, eles disseminavam projetos de normatização do espaço social urbano, inspirados nos padrões burgueses de modernização e progresso.

Segundo argumenta Rago (2005, p. 105), a influência do poder médico construiu a própria representação da prostituição como uma doença associada ao risco da morte, pois os doutores apresentavam sua definição pessoal, altamente moralista, como sendo a verdade sobre o sexo. Visto sob este ângulo, até mesmo os abolicionistas, que questionavam o sistema regulamentarista de controle da prostituição, argumentando que não deveria haver interferência do Estado em uma esfera altamente privada, sobretudo desde 1870, no Rio de Janeiro, Bahia, e posteriormente em São Paulo, conservaram as noções preconceituosas estabelecidas sobre o corpo da prostituta e a sexualidade feminina.

A mulher era um tópico evidente nas publicações médicas sobre questões de ordem higiênica, principalmente, nos temas como gravidez, aborto, aleitamento, educação. Por meio do uso de argumentos de autoridade, respaldados em suas formações universitária e científica, os médicos opinavam sobre tudo o que dissesse respeito à mulher, desde os aspectos relacionados à sua constituição física e mental, à conveniência do vestuário e dos hábitos da moda (uso de espartilhos, frequência em bailes etc) para a sua saúde (ENGEL, 1989, p. 44).

Em relação à prostituição, alguns médicos a considerava como “fato social”, existindo com o objetivo de atender às necessidades orgânicas do homem (instinto sexual) e, tendo, conseqüentemente, um papel estabilizador na sociedade, o que permitia ao homem descarregar a excitação causada pela necessidade imperiosa do prazer venéreo, sem provocar grandes problemas na organização social. Se, por um lado, é a necessidade de atendimento do instinto sexual masculino que determina o surgimento da prostituição, por outro ela é causada e produzida pela aglomeração humana, sendo modificada pelos costumes, pela educação, pelas leis etc. (SOARES, 1992, p. 17).

É necessário mencionar a tese intitulada “Algumas reflexões sobre a cópula, o onanismo e a prostituição, em especial na cidade do Rio de Janeiro”, publicada em 1845, pelo médico Herculano Augusto Lassance Cunha, que delineou as causas comuns da prostituição, enquanto “fato social” (SOARES, 1992, p. 18-19):

a) a sedução das meninas e o abandono destas por seus sedutores, levando-as a serem repelidas do seio familiar;

b) o abandono de mães por seus maridos, o que muitas vezes, por necessidade de alimentarem seus filhos, as forçavam se prostituir;

c) as desordens domésticas provocadas por pais desnaturados e maridos perversos e libertinos, que com o tratamento grosseiro, violento e obsceno dado à sua família, empurravam as esposas para o adultério e deste para a prostituição pública;

d) o celibato, pois o homem que não se interessava pelo casamento retirava do seio familiar as moças e depois as abandonava, para seguir novos amores;

e) a miséria, que muitas vezes, empurrava as mulheres de encontro à luxúria;

f) o luxo, considerado como fator que arruinava a moralidade dos povos modernos, seja como fonte da indústria, seja também da corrupção, pois o salário da mulher e do seu marido não era suficiente para o sustento da família, o que tornava a prostituição uma fonte de complemento de renda;

g) a ociosidade dos mancebos descendentes das famílias opulentas e poderosas que consideravam as mulheres de baixa condição social como um bem comum e/ou de fácil conquista, que seduzidas e abandonadas eram obrigadas a se prostituírem;

h) o esquecimento da doutrina cristã e da virtude, provocado principalmente pela produção de todas as obras de revoltante imoralidade que circulavam nas cidades pelas mãos dos libertinos, aguçando a imaginação da juventude acerca dos prazeres que ela não devia tão cedo conhecer e, cujo primeiro efeito era deflorar a inocência da alma;

i) a falta de educação moral, principalmente entre as mulheres cuja inteligência, não recebendo o desenvolvimento de que era suscetível, tornava-se acanhada e mesquinha, seu espírito tornava-se leviano, não conhecia por estudo e convicção toda a sublimidade da virtude e, facilmente, caía nas ciladas do vício.

De acordo com os argumentos apresentados na tese deste médico, a prostituição nas cidades brasileiras tinha como causa específica:

a) a escravidão, que continha em si a semente de outros males que também conduziam à degradação moral, sendo os escravos responsáveis por gerarem em seus senhores características negativas:

O escravo gera a preguiça, a indolência, a soberba, a vaidade, a tirania de seu senhor; opõe-se à pureza da educação, faz secar as fontes da indústria, embarga os progressos da inteligência, arrefece um pouco o fogo sagrado da religião e talvez do patriotismo; é finalmente um exemplo perene de corrupção moral. (CUNHA, 1845, p. 14 *apud* Soares, 1992, p. 19).

b) ao se instituir a escravidão, foi criada uma imagem que nos pobres se figuraria como vergonha ao trabalho, gerando uma situação injustificada de miséria em um país rico, fértil e despovoado como o Brasil:

O que é no Rio de Janeiro a miséria para as mulheres de classes inferiores, cuja idade é a vida em todo o seu vigor? É a preguiça, o orgulho, a vaidade, o desejo imoderado de trajar roupas finas, o costume de nada fazer, por isso que há escravos para servir, a repugnância de prestar os serviços desta raça, serviços que são a partilha de suas iguais nos países onde não há escravatura. (CUNHA, 1845, p. 33 *apud* SOARES, 1992, p. 20).

c) a presença da escravidão na família e sua influência maléfica sobre ela:

O negro, o bronco, rude e estúpido por natureza e por educação, ignorando o que seja pudor, não compreendendo nenhum sentimento de moral ou de virtude, é de um temperamento erótico, e conseqüentemente muito

libidinoso: neste estado é arrancado de suas florestas onde levava vida irracional, e lançado no meio de nossas famílias, para ser o autômato de nossas vontades e caprichos. (CUNHA, 1845, p. 32 *apud* SOARES, 1992, p. 20).

Essa influência maléfica do negro na família era gerada pelas escravas em três situações: eram amas das filhas dos senhores, instilando nestas moças o gérmen da corrupção; eram amigas, companheiras e confidentes das damas que acabavam sendo corrompidas pelas palavras e maus exemplos; atraíam aos seus leitos homens casados e solteiros que abandonavam o leito nupcial, da esposa terna e amável, para irem às imundas senzalas (CUNHA, 1845, p. 24-33 *apud* SOARES, 1992, p. 20).

De acordo com Soares (1992, p. 26-29), o trabalho de Cunha (1845) distinguia dois tipos de prostituição: a prostituição pública e a prostituição clandestina, sendo a primeira dividida em três ordens:

a) as Mulheres de Primeira Ordem eram todas estrangeiras ou provincianas, entregues inteiramente à ociosidade, tinham clientes ricos, viviam isoladamente em casas de sobrado decentes;

b) as Mulheres de Segunda Ordem eram, em sua maioria, negras ou portuguesas vindas de Açores, encontravam-se espalhadas por toda a cidade, mas concentrando-se, principalmente, entre o Campo da Aclamação (Campo de Santana) e a Rua da Vala, seus clientes eram homens das classes remediadas da sociedade;

c) as Mulheres de Terceira Ordem eram aquelas da mais baixa categoria, viviam em tenebrosas casas, concentravam-se nas extremidades superiores das ruas dos Ferradores, Sabão, São Pedro, Hospício etc, seus clientes eram homens da mais baixa condição social.

A prostituição clandestina era aquela exercida por mulheres com outras ocupações, não vivendo exclusivamente da prostituição e era composta, em sua maioria, por escravas, pois entre estas não era cultivada a castidade.

Algumas décadas *a posteriori*, a atenção da Academia Imperial de Medicina estava voltada também para a adoção de medidas policiais acerca da defesa da saúde pública, conforme questionamentos publicados em 15 de novembro de 1869 por membros da referida academia: “Em que poderão influir as medidas policiais sobre a propagação das moléstias venéreas? Haverá vantagem nessas medidas?” (ENGEL, 1989, p. 58).

À época, diversos estudos cujos focos eram a prostituição foram desenvolvidos, destacando-se entre eles:

a) em 1869, o médico João Macedo Júnior defendeu a tese intitulada “Da Prostituição no Rio de Janeiro e da sua Influência sobre a Saúde Pública”, a qual caracterizava a prostituição como “cancro hediondo, que salientemente se destaca no quadro das misérias sociais”;

b) em 1875, o médico Siqueira Filho publicou o estudo intitulado “A Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro. Necessidade de Medidas e Regulamentos Contra a Propagação da Sífilis”, o qual era dirigido ao chefe de polícia, e tinha como propósito defender a necessidade de criação e implementação de medidas eficazes no combate aos males que a prostituição e a sífilis causavam na sociedade;

c) em 1876, o médico João F. de Souza publica o estudo intitulado “Memória sobre as Medidas a adotar contra a Prostituição no País”.

Em 1872, o médico Francisco Ferraz de Macedo publicou um estudo no qual estabelecia a classificação das prostitutas na cidade do Rio de Janeiro em três classes (cf. SOARES, 1992):

a) Classe das Prostitutas Difíceis, que era subdividida em prostitutas trabalhadoras (floristas, modistas, costureiras, vendedoras de charutos, figurantes de teatros etc) e em prostitutas ociosas (mulheres isoladas em casas e hotéis aristocráticos);

b) Classe das Prostitutas Fáceis, que era composta por prostitutas de colégios, sobrados, estalagens, bordéis etc;

c) Classe das Prostitutas Facílimas, que era composta por prostitutas inferiores, reformadas ou gastas, que eram frequentadas ou coabitavam, sem restrições, com qualquer homem.

Em relação à prostituição clandestina, o estudo do médico supracitado estabelecia duas classes:

a) a primeira classe era composta por mulheres amancebadas, mulheres em boas condições (viúvas, casadas, solteiras e divorciadas) e mulheres em baixas condições (livres, libertas, escravas etc);

b) a segunda classe era composta por práticas antifísicas nas mulheres (doutrinas lesbianas, coito contra a natureza, onanismo) e sodomia ou prostituição masculina (pederastas ativos, passivos e mistos, onanismo).

De maneira semelhante, em São Paulo, os médicos ligados à Faculdade de Medicina, apoiavam-se em estudos produzidos pela Academia Imperial do Rio de Janeiro acerca da prostituição. Com efeito, a prostituição era vista como um problema econômico, uma vez que as mulheres vendiam seus corpos porque eram pobres e precisavam se sustentar e, também, como degradantes da moral e dos bons costumes, pois eram luxuriosas, preguiçosas, levianas, exaltadas e possuíam forte natureza erótica.

Em 1875, o chefe da Polícia do Rio de Janeiro, Ludgero Gonçalves da Silva, preocupado com o crescimento da prostituição e disseminação de doenças venéreas, realizou um levantamento sobre as prostitutas existentes na cidade, constatando que existiam cerca de 880 mulheres nesta situação. Este levantamento distinguiu em quatro classes as prostitutas da cidade – mesmo sendo considerado aquém da realidade, haja vista que se acreditava que o número real de prostitutas era no mínimo duas vezes maior (cf. SOARES, 1992):

a) escravas pretas e pardas alojadas em casas decentemente mobiliadas por seus senhores;

b) miseráveis que residiam em casas térreas, eram pobres, esqueléticas e possuíam sinais visíveis de doenças;

c) jovens estrangeiras que habitavam casa de boa aparência e viviam sob a tutela de outras mulheres que auferem os lucros da prostituição;

d) mulheres que habitavam casas suntuosas, usavam sedas, plumas e jóias de grande valor, frequentavam teatros e tinham à sua disposição carros vistosos.

Podemos observar que as classificações propostas em 1845 pelo médico Lassance Cunha e, em 1875, pelo chefe de polícia Ludgero Gonçalves da Silva, são bastante semelhantes, diferenciando-se em relação à prostituição clandestina que era exercida pelas escravas e a prostituição pública que era dividida em três categorias.

Entretanto, o estudo realizado por Ferraz de Macedo, em 1872, possuía alguns critérios não compartilhados por outros médicos e autoridades policiais de sua época, para a definição e a classificação da prostituição, pois ele incluía hábitos e práticas sexuais como lesbianismo, pederastia, onanismo e mancebia como exercício da prostituição, apesar destes serem considerados também como práticas imorais. Outro aspecto de discordância estava relacionado à distinção entre prostitutas de colégios e prostitutas de bordéis, que sob o ponto de vista de Lassance Cunha e Ludgero Gonçalves da Silva, eram sinônimos, ou seja, casas onde diversas mulheres exerciam o meretrício controlado por mulheres mais velhas ou por indivíduos que os instituíam como uma lucrativa especulação comercial (SOARES, 1992, p. 39-40).

Em contrapartida, no mesmo período de grandes publicações científicas acerca da prostituição, podemos observar que medidas políticas também foram implementadas com o intuito de reprimir o funcionamento de estabelecimentos de cultos religiosos de origem

africana – sob a alegação de serem antros de prostituição –; exemplificando-se, em 1830, o disposto pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro⁸:

Título Quarto – Parágrafo 7º– São proibidas as casas conhecidas vulgarmente pelos nomes de zungu e batuques. Os donos ou chefes de tais casas serão punidos com a pena de 8 dias de prisão e 30\$000 rs. de multa, e nas reincidências, com a de 30 dias de prisão e 60\$000 rs. de multa.

Título Décimo – Parágrafo 28º– Ficam proibidos dentro das casas e chácaras batuques, cantorias e danças de pretos que possa incomodar a vizinhança. O dono da chácara ou casa será multado em 10\$000 rs.

Soares (1992, p. 45) argumenta que a maioria das proibições estava diretamente relacionada ao fato de estes locais serem pontos de reunião dos negros escravos e libertos que frequentemente abrigavam escravos fugidos, sendo também ambientes muito mais religiosos do que antros de prostituição. Dessa forma, as proibições estavam alicerçadas em preconceitos que os grupos dirigentes (brancos e católicos) tinham em relação aos cultos de origem africana introduzidos no país pelos negros escravos e que se expandiam e incorporavam novos adeptos, mestiços e até brancos. Contudo, apesar das proibições, ocorria, significativamente, a proliferação destes estabelecimentos.

Outros ambientes também foram descritos por Ferraz de Macedo (1872) *apud* Soares (1989, p. 46-47) como antros de prostituição como, por exemplo, os bailes públicos, as sociedades de dança, os hotéis, as hospedarias e os teatros.

Os bailes seriam, segundo o médico, conjugados à venda de bebidas e ao jogo, funcionando como receptáculos de prostitutas, enquanto as sociedades de dança eram frequentadas pelas famílias pobres e rapazes de desejos degradantes, servindo de complemento aos abusos luxuriosos. Os hotéis e hospedarias eram estabelecimentos que

⁸ Código de Posturas da Illustrissima Camara Municipal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Typographia Dous de Dezembro, 1854. p. 49 *apud* Soares (1992, p.45).

tinham como hóspedes “assalariadas ou agregadas cantoneiras” de diversas categorias, que ora pagavam pela moradia, ora eram pagas para “servirem de exposição e meios excitantes aos gastos largos dos frequentadores”. Paralelamente, os teatros funcionavam como “excitadores da lascívia.” (FERRAZ DE MACEDO, 1872, p. 70-71 *apud* SOARES, 1992).

Em relação às prostitutas residentes no Rio de Janeiro, no período de 1867-1900, podemos observar a presença maciça de estrangeiras, principalmente as africanas libertas e as vindas da Europa, que totalizavam 10.205 mulheres. O contingente dessas mulheres era extremamente flutuante, pois permaneciam na cidade por pelo menos três anos e, na maioria das vezes, voltavam diretamente a seus países de origem ou migravam para as cidades de São Paulo e Santos, antes de retornarem definitivamente (SOARES, 1992, p. 54).

Outro aspecto presente na sociedade da época se refere ao tráfico de mulheres brancas, em sua maioria oriundas da Polônia, Rússia, Alemanha, Áustria, Hungria, para serem exploradas sexualmente; situação esta recorrente em diversos continentes e já relatada na seção anterior acerca do desenvolvimento histórico da prostituição. Estas prostitutas imigrantes eram recrutadas e exploradas sexualmente por *cáftens*⁹ (muitos deles de origem judaica) que obtinham altos lucros e fomentavam o tráfico de “escravas brancas”.

Em virtude do intenso tráfico de mulheres e da presença da prostituição nos espaços públicos, no final do século XIX e no início do século XX, o Estado começa a controlar rigorosamente a entrada no país, de cáftens e mulheres estrangeiras, e também a territorialidade e exercício da prostituição.

A partir de então, em São Paulo:

(...) os médicos e os policiais tinham começado a perceber as sexualidades perigosas como uma grande ameaça, desde o final do século 19, com a

⁹ Indivíduo que vive da prostituição, seja explorando meretrizes, seja estabelecido como dono de prostíbulo (cafetão).

chegada dos enormes contingentes de imigrantes europeus, no porto de Santos. Dentre estes, desembarcavam indesejáveis de todos os tipos, como notificavam os inspetores de polícia: anarquistas italianos, portugueses e espanhóis; prostitutas e cafetinas francesas e portuguesas; cáftens eslavos acompanhados de polacas voluntárias ou forçadas, as chamadas escravas brancas, destinadas a suprir o próspero mercado da prostituição nos trópicos. Os esforços para prevenir o desembarque dessas figuras ameaçadoras levaram muitas autoridades a propor soluções radicais, apoiadas pelos jornais que promoviam campanhas morais contra a corrupção. (HUTTER, 1972 *apud* RAGO, 2005, p. 97).

Em 1890, dois artigos dedicados ao delito de lenocínio¹⁰ foram introduzidos no Código Penal e puniam quem excitasse, favorecesse ou facilitasse a prostituição de alguém; induzisse mulheres à prostituição; prestasse assistência, habitações e auxílios a prostitutas para auferir lucros.

De acordo com Motta Candido (1897) *apud* Mazzeiro (1998, p. 11-12), em São Paulo, no ano de 1897, instruções foram divulgadas sob o título de “Regulamento Provisório da Polícia de Costumes” aos policiais e a 220 mulheres públicas, sendo estas proibidas de: entrarem em hotéis, morarem em casa particular em número não excedente a três mulheres (o que evitaria a cafetinagem), à noite ficarem à porta de casa; chamarem, provocarem e conversarem com transeuntes e, nesse particular, o que acontecia nos seus quartos não poderia ser visto de fora (as janelas das casas deveriam possuir cortinas), deveriam se vestir de forma decente e, também, serem recatadas no teatro, não podendo conversar com homens. Em outras palavras, o objetivo era de evitar os atentados à moral e aos bons costumes e não regulamentar a prostituição.

No seu conjunto, o saber médico, redimensionando os aspectos morais cristãos, buscou legitimar-se e se consolidar-se como uma nova instância de poder na sociedade, uma vez que os limites entre a normalidade e as doenças no campo da sexualidade traziam

¹⁰ Crime por favorecimento à prostituição ou à libidinagem.

implícito um projeto de normatização higiênica do corpo, concebido não apenas num sentido físico, mas, também, num sentido moral e num sentido social. Sob esse viés, a prostituição era analisada dentro das seguintes categorias básicas de classificação: a perversão (a doença física), a depravação (a doença moral) e o comércio do corpo (doença social). Assim, durante a elaboração de um diagnóstico minucioso, o médico desempenha o seu papel incorporando vários personagens como, por exemplo, o cientista, o educador, o moralista, o economista, o legislador, o político (ENGEL, 1989, p. 69).

Nessa perspectiva, Rago (2005, p. 95) afirma que:

Na verdade, considerando-se responsáveis pela orientação do Estado na condução da população e como substitutos da Igreja, graças à sua autoridade científica sobre os corpos e as doenças, os médicos ganhavam rápida aceitação nas instituições públicas, nas agências estatais e, de maneira geral, na vida política e social do país. Afinal, vindos das poderosas elites locais, compostas por ricos proprietários de terra e por poderosos homens de negócios, que eram freqüentemente educados na Europa, os médicos já participavam, de maneira direta ou indireta, das elites políticas que governavam o país.

A intervenção do Estado impulsionou a autonomia policial para controlar a visibilidade e localização dos bordéis, bem como os costumes das prostitutas; por conseguinte, impulsionou também a visão segregada acerca da prostituta, enquanto fonte de corrupção dos princípios morais e dos bons costumes da sociedade, para com a mulher honesta cujos princípios eram pautados na constituição de família, e espaço restrito ao lar.

No Brasil, assim como na Europa, a prostituta era estigmatizada como a responsável pela transmissão e propagação da sífilis na sociedade, favorecendo, significativamente, a criação de dispositivos de controle policial, médico e social para com estas mulheres. Nessa perspectiva, foi criado no início do século XX, na cidade de Belém – PA, o Asilo das Madalenas, cujo objetivo era o tratamento compulsório de prostitutas

contaminadas pela sífilis. Podemos observar que o nome deste asilo faz referência a uma prostituta bíblica que se regenerou, sendo que o papel do Estado não implicava apenas o controle destas mulheres, mas também a “correção” de seus comportamentos.

O confinamento das prostitutas, as medidas sanitárias adotadas em relação aos bordéis e práticas sexuais reiteram o estigma em relação ao corpo da prostituta, pois caso estas mulheres recusassem a se submeter às inspeções médico-sanitárias, poderiam ser presas por cometerem crime contra a saúde pública. Em contrapartida, aos clientes não era atribuída a responsabilidade para com a disseminação da doença, mas sim a vitimização destes – mesmo nos casos em que as esposas eram contaminadas por seus maridos. Portanto, ambos os sexos podiam disseminar a doença, porém a prostituta era, de qualquer forma, vista como a responsável pela contaminação do casal e, em consequência, a degradante da instituição família.

Apesar de todo imaginário negativo acerca das prostitutas nos séculos XIX e XX no Brasil, as prostitutas polacas e francesas, comumente denominadas como prostitutas de luxo, eram vistas como responsáveis pela

(...) introdução de novos hábitos, costumes e modos de vida existentes em Paris. Muitos bordéis e cabarés adotaram nomes franceses, além de copiarem a decoração e o estilo usados nos estabelecimentos franceses, criando um cenário condizente com a teatralização da vida do submundo parisiense, com a qual sonhava a rica burguesia. (RAGO, 2005, p. 114).

Os bordéis, além de ser um local para sexo, também se tornaram ponto de encontro para políticos, coronéis, autoridades importantes, advogados e intelectuais discutirem seus negócios e estabelecerem contatos e articulações políticas.

Sob o viés histórico-social, diversos vocábulos são utilizados na língua portuguesa para denominar a prostituta como, por exemplo¹¹:

Abre-abre, acreana, andorinha, argentina, bagaxa, bagageira, balalaica, baranga, baronesa, batalhadora, biraia, caçarola, cadela, camélia, canganha, canguicha, cantoneira, carapanã, carcaia, créa, cróia, crota, cuia dadeira, dama, doidivana, égua, ervoeira, esquinista, fadista, fardeira, Fátima, findinga, frega, frete, frincha, fuampa, fubana, gata, geobra, girafa, girabolsinha, guampa, guerreira, jereba, jerianta, jupira, juruveva, lascada, leona, libélula, loba, lolita, loureira, Madalena, madama, mãe solteira, malote, meretriz, pinica, piniqueira, piranhuda, pirara, pirigute, piroqueira, pistoleira, piturisca, polaca, puara, puriba, puta, rameira, reboque, respeitosa, roda-bolsinha, rota, rodó, surrubango, taioba, tamanqueira, tampa, tia, tolerada, torta, vaqueta, várzea, ventena, vênus de rua, vigara, vigarista, vileira, vulgívara, xandra, xerete, zabaneura, zoina.

Gradativamente, no Brasil, e principalmente nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, surgiram diversas Associações das prostitutas com o objetivo de discutir a realidade por elas enfrentada e de se organizarem para lutar por seus direitos. Em julho de 1987, na cidade do Rio de Janeiro, foi realizado o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas (organizado por Gabriela Silva Leite)¹², momento em que foi criada a Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, que possuía como objetivos a criação de associações em todo o país, a realização de ações contra a violência, a implementação de programas de saúde e a luta pela dignidade da prostituta e contra o estigma, focalizando o resgate de sua autoestima.

Entre as associações, podemos destacar (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002):

¹¹ Conforme campanha publicitária “Em todo o Brasil ser puta é legal” veiculada em camisetas da Loja Daspu.

¹² Gabriela Leite é uma importante referência do movimento de prostitutas no país.

a) Associação da Vila Mimososa, fundada no Rio de Janeiro em 1988, com o intuito de defender a vila da tentativa de desocupação instaurada por uma emissora de televisão em virtude do incômodo causado pela proximidade da zona de prostituição. Assim, surgiu o movimento “O Mangue Resiste”, que obteve êxito quanto ao comodato da área, porém, em 1996, a área foi desapropriada e demolida para que pudesse ampliar o complexo administrativo municipal. Novamente as mulheres se organizaram e compraram um enorme galpão nas proximidades da antiga vila, que hoje é conhecida por Vila Mimososa II, abrigando em média 1200 profissionais do sexo e diversas casas de prostituição em seu entorno;

b) Associação das Prostitutas do Ceará – APROCE, fundada em 1990, é responsável pela coordenação da Região Nordeste da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo e, também, foi a primeira associação a conseguir se registrar com o vocábulo “prostitutas” em seu nome;

c) Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central, fundada em 1990, em Belém/PA, tem diversos trabalhos destinados a jovens não prostitutas, a prostitutas da terceira idade, sendo composta por cerca de 5.000 associadas. Este grupo é responsável pela coordenação da Região Norte da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo;

d) Associação Sergipana das Prostitutas – ASP, fundada em 1990, tem se voltado para a implementação de projetos que visam à redução de danos associados ao uso de drogas e à capacitação profissional de jovens, possuindo mais de 8000 associadas;

e) Núcleo de Estudos da Prostituição – NEP, criado em 1993, em Porto Alegre, é pioneiro no trabalho dirigido a prostitutas soropositivas, além de responsável pela coordenação da Região Sul da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo. Esta entidade recebeu o Prêmio de Direitos Humanos da Prefeitura de Porto Alegre devido aos importantes trabalhos prestados à comunidade;

f) DaVida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde, fundada em 1992, no Rio de Janeiro, coordena a Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, promove encontros regionais e nacionais de profissionais do sexo com o objetivo de assessorar a formação de associações locais e articular políticas públicas na área de prostituição e saúde. Esta entidade presta consultoria a entidades públicas, privadas, nacionais e internacionais, produz, distribui e veicula vídeos, peças de teatro, manuais de prevenção das DSTs, distribui preservativos masculinos e femininos, edita o jornal “Beijo da Rua” (criado em 1988) que aborda notícias sobre a prostituição e os movimentos nacionais e internacionais.

De fato, até 2002 foram registradas em cartório 17 associações e criados 65 grupos, alguns em processo de formalização e outros sem registro como associação, pois devido a questões morais, diversos cartórios têm resistência em legalizá-los.

Em Minas Gerais, há a Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte – ASP/BH que, junto ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicologia Política (NPP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), realizou diversos projetos em Belo Horizonte e propiciou diversos estudos, entre dissertações e monografias, acerca do universo da prostituição.

Conforme podemos observar, em diversas Associações, o nome utilizado para se referir à prostituta é profissional do sexo, conquista esta decorrente de uma longa luta pelos direitos civis das prostitutas que será descrita a seguir.

Em 2003, o deputado federal Fernando Gabeira propôs a aprovação do Projeto de Lei 98/2003, que dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e, ademais, a supressão dos artigos nº 228 (favorecimento da prostituição), nº 229 (manutenção de casa destinada à prostituição), nº 331 (tráfico de mulheres) do Código Penal Brasileiro. A supressão do artigo nº 331 foi justificada por apenas penalizar o tráfico se a finalidade é o de incorporar mulheres que venham a se dedicar à atividade. Entretanto, em 2007, a Comissão de

Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara dos Deputados rejeitou o supracitado projeto de lei.

Porém, em período anterior, no ano de 2002, o Ministério do Trabalho e do Emprego incluiu, sob o código nº 5198-05, na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO a categoria Profissional do Sexo¹³. A ocupação é definida e desempenhada por “garota ou garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, quenga, rapariga, trabalhador do sexo”, profissionais estes que “batalham programas sexuais em locais privados, vias públicas e garimpos; atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria, realizam ações educativas no campo da sexualidade e propagandeiam os serviços prestados”.

Quanto às condições gerais, o Ministério apresenta as seguintes características: “trabalham por conta própria, em locais diversos e horários irregulares. No exercício de algumas das atividades podem estar expostos às intempéries e à discriminação social. Há ainda riscos de contágios de DSTs, maus-tratos, violência de rua e morte” e, em relação à descrição sumária da ocupação “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão”.

Nesse particular, “para o exercício profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, o acesso à profissão é restrito aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na faixa de quarta a sétima séries do ensino fundamental”.

Para a relação de competências pessoais dos profissionais da categoria foram listados 12 itens:

¹³ Conforme o *site* <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

- 1) Demonstrar capacidade de persuasão;
- 2) Demonstrar capacidade de comunicação;
- 3) Demonstrar capacidade de realizar fantasias sexuais;
- 4) Demonstrar paciência;
- 5) Planejar o futuro;
- 6) Demonstrar solidariedade aos colegas de profissão;
- 7) Demonstrar capacidade de ouvir;
- 8) Demonstrar capacidade lúdica;
- 9) Demonstrar sensualidade;
- 10) Reconhecer o potencial do cliente;
- 11) Cuidar da higiene pessoal;
- 12) Manter sigilo profissional.

Sucintamente, os recursos de trabalho listados foram “guarda-roupa de trabalho, preservativo, cartões de visita, documentos de identificação, gel à base de água, papel higiênico, lenços umedecidos, acessórios, maquiagem, álcool, celular e agenda”.

Nesta ocasião, os responsáveis pela elaboração das definições mencionadas foram: especialistas (Cassandra Fontoura, Flavio Lenz Cesar/Jornalista do Beijo da Rua, Gabriela Silva Leite, Imperialina Piedade da Silva, Jane Lucia da Silva Reis Eloy, Janete Oliveira da Silva, Maria de Fátima Medeiros Costa, Maria de Lourdes Barreto, Marilene de Jesus Silva, Rozeli da Silva e Valkiria Pereira Costa), instituições (Associação das Mulheres Profissionais do Sexo da Bahia – Asproba, Davida/Prostituição, Direitos Civis, Saúde – Rio de Janeiro, Grupo de Apoio à Prevenção da Aids – Gapa/MG, Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará – Gempac, Igualdade – Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul, Núcleo de Estudos da Prostituição de Porto Alegre e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – Fipe/Usp).

Outro marco histórico para o movimento das profissionais do sexo foi a criação da marca Daspu, em 2005, pela ONG Davida. Esta grife surgiu com o objetivo de gerar visibilidade e recursos para os projetos da instituição. A parceria entre estilistas e prostitutas propiciou a criação de estampas, frases, *designs* inspirados na prostituição, que ao longo do tempo, conquistaram espaço e sucesso no Brasil e no mundo; destacando-se a exibição de uma de suas coleções de roupas da marca durante a 27ª Bienal de São Paulo no ano de 2006.

Podemos observar que, gradativamente, as lutas dos movimentos sociais organizados buscavam a construção de novos significados acerca da prostituição balizados como, por exemplo, no reconhecimento dos direitos humanos e cidadania.

1.2- CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DAS PROSTITUTAS BRASILEIRAS

A maior parte das prostitutas brasileiras é jovem, solteira e trabalha geralmente na rua, bares e boates para receber, em média, de um a quatro salários mínimos por mês. Esse é o perfil das prostitutas brasileiras, resultado de pesquisa¹⁴ inédita realizada pela Universidade de Brasília (UNB) e que foi apresentada, em 06 de março de 2001, na abertura do seminário “*Prostituição e Aids*”, que ocorreu em Brasília. A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro de 2000 a fevereiro de 2001 e foram pesquisadas três mil prostitutas que trabalhavam nas ruas, boates, bares, hotéis e motéis de cidades em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Maranhão, Paraíba e Sergipe.

O principal objetivo da pesquisa foi aferir o papel das ações educativas em DST/Aids voltadas a mulheres profissionais do sexo. Dessa forma, foram comparados grupos de prostitutas que tiveram acesso a projetos de intervenção de ONGs e outras que nunca participaram deles, em 11 municípios do país. O resultado foi positivo, pois concluiu-se que,

¹⁴ Os resultados dessa pesquisa encontram-se disponíveis na matéria intitulada “Retrato da prostituta brasileira” do site www.beijodarua.com.br.

entre as mulheres que participam de ações educativas, 74% usam preservativo com os clientes.

A pesquisa também analisou os riscos das práticas sexuais dessas profissionais do sexo, a auto-estima das pessoas que vivem do sexo pago, o acesso aos serviços públicos de saúde, o preconceito e as mulheres infectadas pelo HIV, sífilis e hepatites B e C. Observou-se que 73,8% das prostitutas orientadas por ONGs usam camisinha nas relações sexuais por dinheiro e apenas 23,9% a usam quando estão com companheiros fixos. Os dados mostram ainda que 45,5% das prostitutas brasileiras têm de 20 a 29 anos, e destas 43,9% trabalham somente na rua.

As mulheres pesquisadas declararam que se sentem humilhadas e discriminadas por causa da profissão e evitam revelar o que fazem, principalmente, para os filhos; têm de aguentar clientes desagradáveis e outros que insistem em fazer programa sem camisinha; sofrem os efeitos da concorrência, reduzindo os preços e evitam participar de associações de prostitutas porque temem assumir a profissão e ser identificadas.

Em 2004, outro importante estudo denominado “Avaliação da Efetividade das Ações de Prevenção Dirigidas às Profissionais do Sexo, em Três Regiões Brasileiras” foi conduzido pelo Núcleo de Estudos de Saúde Pública – NESP, da Universidade de Brasília, a partir de uma demanda do Programa Nacional de DST e Aids, do Ministério da Saúde. Esta pesquisa teve como objetivo dimensionar e qualificar o resultado das ações de informação, educação e comunicação em saúde, implementadas por ONGs, com o intuito de reduzir a incidência da infecção pelo HIV e outras DSTs e, também, para a adoção de práticas sexuais e uso de drogas de forma segura; em três regiões brasileiras: Nordeste, Sudeste e Sul - no período de outubro de 2000 a março de 2001 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

Participaram do estudo 2.712 mulheres, das quais 1.399 receberam a intervenção educativa e 1.313, não; em relação à metodologia adotada foram estabelecidos grupos focais, entrevistas individuais em profundidade, abordagens quantitativas e qualitativas.

Os resultados obtidos foram delineados de acordo com as seguintes categorias: uso do preservativo, uso de drogas, acesso a serviços de saúde, conhecimento sobre DST/Aids, indicadores de prevalência e práticas educativas.

Em relação ao uso do preservativo com os clientes houve um percentual expressivo de mulheres que referem usá-lo de forma consistente: 73,8% das mulheres pertencentes ao grupo de intervenção e 60,3% do grupo sem intervenção, enquanto em relação ao uso deste com o seu companheiro e/ou namorado foi menor, 23,9% do grupo com intervenção e 15,8% do grupo sem intervenção.

O uso de drogas injetáveis apresentou baixos coeficientes de prevalência em ambos os grupos, de 0,5 a 3,7%, sendo que a maior prevalência foi para o grupo de mulheres sem intervenção, exceto na região sul.

A realização de exames para diagnóstico do HIV foi referida significativamente pelo grupo de intervenção em todas as regiões pesquisadas, bem como em relação ao exame preventivo ginecológico. Nessa situação, a busca de tratamento para a ocorrência de alguma DST também ficou evidente no grupo de intervenção.

O conhecimento dos grupos de mulheres acerca dos meios de transmissão das mulheres foi satisfatório, no entanto, em ambos, a amamentação foi o meio menos reconhecido. Outrossim, proporções importantes das mulheres pesquisadas acreditavam que alguns meios, que não constituem formas de transmissão do HIV, como, por exemplo, picada de insetos, uso de vaso sanitário, doação de sangue e convívio com pessoas HIV positivas, poderiam transmitir a doença.

As seguintes prevalências gerais foram registradas: 6,1% HIV, 3,8% sífilis, 31,9% hepatite B, 1,1% antígeno de superfície do vírus da hepatite B e, 4,5% hepatite C.

Por meio de abordagens qualitativas, evidenciou-se que os objetivos especificados nos projetos de intervenção se encontram focados, na maioria deles, na redução do risco individual, mesmo que a adoção de métodos participativos também seja mencionada nos projetos.

A partir da análise dos dados, o estudo realizado pelo Ministério da Saúde apontou algumas recomendações a serem implementadas em âmbitos individual e coletivo. No individual, foram recomendadas ações que possam trabalhar os mitos acerca das vias de transmissão do HIV, os medos relacionados aos portadores desta doença, o uso de drogas dentro das práticas de risco, aspectos referentes à afetividade e adequação dos materiais educativos.

Em seguida, no âmbito coletivo, recomendou-se a inclusão da discussão acerca do estigma como elemento central para elaboração de proposta pedagógica, com vistas ao fortalecimento da identidade de grupo, à construção de mecanismos que promovam a associatividade, à inserção da discussão sobre a necessidade de uma ação coletiva para neutralizar os fatores desfavoráveis à categoria, no plano do mercado sexual, construindo estratégias e formas de enfrentar essas questões, à promoção de espaços de sociabilidade e à articulação com outros segmentos do movimento social.

1.3- PROSTITUIÇÃO EM BELO HORIZONTE

Em Belo Horizonte, a prostituição está presente nas ruas Guaicurus e São Paulo, nas avenidas Afonso Pena e Pedro II, nas rodovias, na orla da Lagoa da Pampulha, em hotéis,

em boates e também em outros espaços como, por exemplo, em *sites* da internet e anúncios de jornais.

Para a realização desta pesquisa, visitamos alguns lugares de prostituição e, após conversa com diversas profissionais do sexo, foi possível estabelecer algumas características dos programas em alguns espaços públicos e privados. Essas características são extremamente variáveis, mas foram utilizadas nesta seção para se estabelecer um panorama de cada situação.

A prostituição no centro da cidade ocorre essencialmente em hotéis das ruas Guaicurus e São Paulo, no período de 8 horas a 24 horas, com preço médio do programa em torno de R\$10,00 reais, sendo realizados em média 13 programas por dia. Há casos em que algumas prostitutas declararam ter em média de 30 a 50 clientes em um dia. Nesse contexto, o programa é restrito a *três posições e uma chupada*.

Outra área onde ocorre a prostituição é a Praça Rio Branco, em frente à rodoviária, onde os programas são realizados durante o dia, com preço médio de R\$7,00 reais e média de 10 programas ao dia. Neste local, observa-se que há uma concentração típica de mulheres acima de 50 anos e os programas, conforme conversa informal com algumas, podem ter baixo valor para que se possa ao menos pagar o almoço no restaurante popular. Esse valor está relacionado ao fato de serem mulheres mais velhas, algumas com 60 anos, e por seus clientes também serem pessoas idosas e de baixa renda.

A maior parte dos hotéis de prostituição surgiu como um meio de controle da prostituição, sendo denominados em sua maioria como “Zonas” e ainda possuem algumas características físicas como, por exemplo, luz vermelha, escadas íngremes, longos corredores com diversas portas, banheiro coletivo. Há um segurança/porteiro na entrada dos hotéis devido ao fluxo intenso de homens, uma vez que estes hotéis não cobram pela entrada dos clientes.

É comum observar nesses locais filas de clientes esperando para serem atendidos. As portas dos quartos ficam entreabertas para que haja a negociação do programa, sendo fechadas para a realização do mesmo. As mulheres podem estar nuas, seminuas ou vestidas com roupas sensuais, pois se esforçam para chamar a atenção dos homens, possíveis clientes, que por ali circulam.

Também existe uma fila bem maior de clientes em frente às portas das prostitutas que são mais jovens e tidas como mais bonitas. Entretanto, algumas outras portas estão quase sempre abertas porque as prostitutas mais velhas e/ou que não atendem a determinados padrões estéticos não possuem muitos clientes, fatores estes que são fundamentais para o estabelecimento de um baixo valor para o programa, em média R\$5,00.

Na Avenida Afonso Pena, *locus* desta pesquisa, os programas são realizados a partir das 19 horas durante todos os dias da semana e as práticas sexuais são extremamente importantes para definição do preço do programa, sexo oral R\$ 20,00, penetração vaginal R\$ 30,00 no carro e R\$ 50,00 no motel; média de 10 programas ao dia. No capítulo de delimitação das informantes desta pesquisa, será delineada de forma mais precisa a prática da prostituição desse local.

Em boates localizadas na região centro-sul, os programas são realizados a partir das 22 horas, com média de 5 clientes por dia, preço de R\$ 100,00 por 30 minutos e R\$ 130,00 por uma hora, sendo que em média R\$25,00 são pagos à boate. Em relação a esse local, o acesso às informações é mais difícil, por ser frequentado pela alta sociedade e, tanto as prostitutas (que em sua maioria se autodenominam modelos) quanto os clientes e os donos dos estabelecimentos, buscam e ofertam uma rígida privacidade.

É interessante observar que o desenvolvimento da prostituição que é praticada nas ruas, em quartos de hotéis, em casas de massagem, em bordéis, em boates está diretamente relacionado ao desenvolvimento das tecnologias.

Em relação às tecnologias, em especial às voltadas para as ferramentas da *Internet*, observa-se também que estas contribuem fortemente para ampliar a divulgação dos locais de prostituição e ofertas de práticas sexuais.

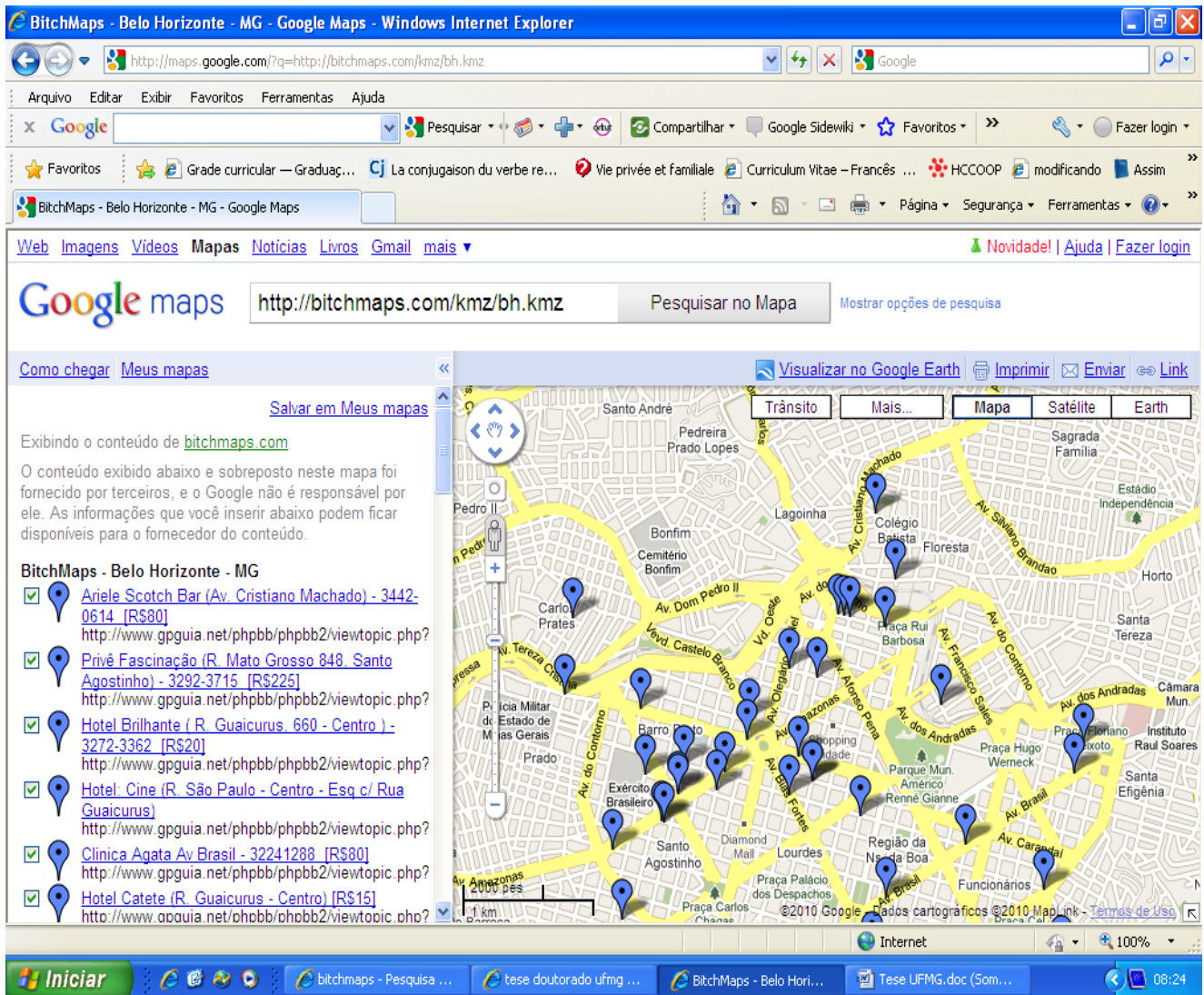
Por exemplo, o site http://bitchmaps.com/index_pt.html, apresentado como um experimento de *geotagging* (indicações geográficas pela Internet) e que apresenta inúmeros endereços de estabelecimentos de prostituição do alto ao baixo meretrício e, em alguns, os números de telefone e os preços dos serviços ofertados.

No *Bitchmaps*, o internauta pode optar por visualizar os endereços por meio de mapas ou de imagens de satélite (interface do *Google Maps* e do *Google Earth*) nas cidades de Belo Horizonte, Campinas, Curitiba, Londrina, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo.

O *site* prima pela modernidade e interatividade, uma vez que está disponível para acesso pelo *iPhone* e os internautas são responsáveis pela criação/ampliação da lista de estabelecimentos, serviços etc.

A figura 1 a seguir apresenta os locais de prostituição na cidade de Belo Horizonte no site <http://maps.google.com/?q=http://bitchmaps.com/kmz/bh.kmz>:

FIGURA 1 – Locais de Prostituição em Belo Horizonte no site *bitchmaps*.



Conforme observado, as esferas de atuação da prostituição sofrem grande expansão nos meios de comunicação, seja como propostas de *serviços personalizados*, seja por meio de anúncios em jornais ou revistas, na televisão, via telefone, ao vivo via *webcam* etc.

Com o intuito de ampliar o escopo teórico acerca das esferas citadas anteriormente, foram coletados durante dois dias (31 de maio e 01 de junho) anúncios de prostitutas em um jornal de grande circulação em Belo Horizonte, a saber: Jornal Super

Notícia. Convém ressaltar que o Jornal Super Notícia foi considerado pelo Instituto Verificador de Circulação – IVC, como o jornal de maior circulação do país no ano de 2010 (média anual de 296 mil exemplares).

Em relação aos anúncios extraídos do jornal e analisados nessa seção, procuramos preservar nas descrições expostas pelas prostitutas as abreviações, as letras maiúsculas e minúsculas, ocultando apenas os números de telefone para contato.

As anunciantes apresentam como características básicas a descrição do seu corpo e os serviços sexuais prestados. Isso demonstra que a imagem que as profissionais do sexo criam de si mesmas, por meio do discurso, tem como finalidade atrair clientes interessados nessas descrições.

De acordo com as estratégias linguísticas utilizadas por essas mulheres, podemos perceber que as descrições do corpo e dos serviços sexuais estão ancoradas em alguns princípios como, por exemplo, discrição, liberalidade, juventude, estética, celebridade, ineditismo, envolvimento emocional.

a) Discrição

A presença dessa característica nos anúncios é muito comum, pois se busca preservar a identificação dos homens enquanto clientes. A discrição é expressa por meio de palavras como, por exemplo, *apto. discreto* (apartamento discreto), *recep. de shopping* (recepção com cortesia e discrição), *atendo sozinha*, *sigilo máximo* (possui local próprio com garagem).

LUCIANA

20 a. Recep. de Shopping. Beleza Rara no Relax. Apto Discreto. R\$ 100,00

ATENDO SOZINHA

Ritinha \$60! A + linda Perola Negra, perfume natural! e 1 corpaço de enlouquecer, BB melância, vamos fazer um creu gostoso. Sigilo máximo. Minha kitnet com garagem.

b) Liberalidade

Essa característica corresponde a uma das fortes representações sociais, do senso comum, relacionadas à prostituição e à prostituta, a qual se encontra vinculada à imagem da mulher que se vende e está presente em um espaço marginal reservado à continência dos desejos sexuais masculinos.

Podemos observar a liberalidade sexual expressa por meio das palavras como, por exemplo, *deliciar, posição montanha mágica, fantasia, sedenta, gulosa, casais*.

ROSA DESEJOS

Venha se Deliciar com a Morena Sensual e Fazer a Posição Montanha Mágica. Sua fantasia será Realizada. Local Discreto e Luxuoso. R\$50,00.

LARISSA

1.65 alt. SS Médios. Cint. Fina. Sedenta e Gulosa por Macho. Atend. Casais.Loc. Disc. Eldorado

c) Juventude

Essa característica está diretamente ligada a uma fantasia sexual típica do universo masculino, na qual o homem busca por uma mulher que tem pouca experiência sexual, pouca idade, corpo e aparência de menina. Nos anúncios, nota-se que as mulheres fazem tais referências:

NINF. GABI

Fiz 18 anos e Agora Posso Te Enlouquecer de Prazer! Loira Mel, Cab Lisos, Curvas delicadas, Belos Pés 34! Atendo Toda Nua! Serei seu + Novo Vício! Meu Ap. de Luxo c/Filmes ou Motel. At. H/M/Casais.

ANINHA LINDA

NINF. INIC. 18 A. 1,55 ALT. Maneq.36 corpo e rosto perfeitos. BB carnudo, cintura fina SS. duros. ap. discr. \$60

d) Estética

Essa característica é desvelada por meio de adjetivos que criam a imagem de uma mulher que possui um corpo perfeito ou que tenha atributos físicos que elas consideram mais atraentes para os homens.

TURBINADA!!

Um espetáculo de Morenaça Toda Sarada. Lindíssima*Amanda 20a* SS E BB Turbinadíssimos. Vc nunca viu nada igual. Á + Quente do Super. Realizo Todas Fantasias. Te recebo só de calcinha no Meu Apto. 80,00

KAROLINNA

Gata Insaciável! Brincadeiras que Enlouquecem Anca Larga Tranco Apertado Cheia de T.!!

e) Celebridade

É muito comum nesses anúncios as prostitutas adotarem nomes de celebridades ou se assemelharem a mulheres que são famosas pelos seus atributos físicos e que são alvo dos desejos sexuais masculinos.

SHEILA MELÃO

Linda Loira Dançarina de Axé! SS fartos Belíssimos. Cint. Fina. cab. na Cintura, Pernas Grossas, Popozão Avantajado! Venha fazer a melhor Espanhola Comigo c/ Garganta Profunda!!! 100% Liberal. Meu Ap. Te recebo toda Sexy quase Nua!

GAÚCHA TALULA

Ex Coelha P.. Uma explosão de loira! viciada em sexo! 20a, Cli... grande rosado! Vc vai enlouquecer desta vez. Meu Ap aconchegante.

f) Ineditismo

Essa característica é usada por várias profissionais do sexo para expressar pouco tempo na profissão, na cidade, o que as tornam uma “novidade”.

INIC. JULIANA

1ª Vez. Mor. Clara. 18ª. Corpo Escultural. Clit. Grandes. Gulosa!
Venha tomar uma Surra de BB!!!

LUDMILA – LIB.

19ª. Mor. Clara. Carinhosa Liberal Atendo Casais. Recém Chegada do Interior. Região Floresta.

g) Envolvimento emocional

Ao expressar a oferta de afeto nos seus anúncios sexuais, as prostitutas buscam favorecer o estabelecimento da proximidade, da solidariedade, do envolvimento mais “natural” com os clientes.

ALINE - MORENA

R\$20. Belos SS. Gulosa c/ Muitos Beijos Carinhosos e Amassos.
S/Frescura. Centro. BH

BELA KÉSSIA

R\$20,00 Gostosa Gulosa. Quente e Ousada! Belo SS. Corpo Esbelto. Vou beijar você todo sem pressa. Tenho consolos!*R\$20,00

Ao longo dessa breve análise, foram evidenciadas as imagens que as prostitutas buscam construir de si por meio de algumas estratégias linguísticas em anúncios de jornal. Nesse contexto, podemos observar que as percepções que as prostitutas têm de si balizam-se na relação da forma como desejam ser vistas e desejadas pelos clientes, ou seja, cria-se um

jogo de fantasias, na qual a mulher exerce sua sexualidade sem amarras, dispondo o seu corpo sem restrições por meio de anúncios de serviços sexuais.

CAPÍTULO 2- ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA SEXUALIDADE DA MULHER

Neste capítulo buscar-se-á discutir alguns aspectos sócio-históricos em torno da sexualidade da mulher. Os diversos nomes para designar o vocábulo *vagina* são usados para expressar criatividade, dificuldade em lidar com a realidade ou para atenuar alguns tabus?

O vocábulo *vagina*, no dicionário Michaelis (2010), apresenta os seguintes significados:

sf (lat vagina) **1** Anat. Canal membranoso e dilatável, que vai desde a abertura da vulva até o colo do útero nos mamíferos fêmeos. **2** Bot. Produção membranosa que cerca a base dos pedúnculos dos musgos.

Em pesquisa realizada na *Internet*¹⁵ e conversas com amigos, enumerei algumas das diversas palavras usadas como sinônimos para o vocábulo *vagina*:

buceta, prexeca, xana, pitrica, perseguida, perereca, carne mijada, boca de cabelo, xoxotinha, troço, bucatinha, bucatasso, bucatão, caixa dos prazeres, zona do agrião, abençoada, aranha, bacalhau, bacurinha, banguela, barata, bicho que mata homem, bife à rolê, biscoito recheado, buça, buraco da serpente, cabaça, cachuleta, caixinha de ouro, caminho da felicidade, campo alagado, capô de fusca, casa do caralho, caverna misteriosa, chavasca, checheca, xoroca, copo de fazer milkshake, crista de galo, custozinha, desgraça de macho, dita-cuja, fruto proibido, engole espada, garagem da frente, katchanga, levanta astral, lixa-pica, luvinha, machadada, mede-rola, mela-pentelho, miséria, ninho de rola, papa-duro, paraíso, parmesão, passarinha, pecado, pechereca, peteca, pixota, pitchulinha, pombinha, porteira do caralho, racha, saca-rolha, saída de filho da puta, procurada, quebra-pinto, setor de embarque, sirica, cisterna de porra, suvaco de coxa,

¹⁵ Alguns vocábulos foram retirados do *site* <http://emperorcorporation.blogspot.com/2006/05/lista-de-nomes-populares-para-vagina.html>.

tabaca, talho, taturana, tcheca, tchonga, testador de batina, tesouro de pobre, testão, tobinha, toca encantada, tomba-macho, travesseirinho, trem partido, trevo, triângulo, túnel de afogamento, uh-tererê, valiosa, velcro, viela, funda, xavasca, xampola, xaninha, xexeca, xotinha, taio, taioba, greta, xulipa, xoxota, suga-pinto, sapo boi, pastel de pelo, sapa etc.

Através dos tempos, por influências de fatores sociais e culturais, houve um crescimento dos sinônimos para o vocábulo vagina que podem ser associados a tabus, a pejorativos e à explicitação e/ou criação de características morfológicas, estéticas e funcionais sobre o sexo feminino.

Nas mudanças devido ao tabu, podemos incluir o eufemismo, que é uma figura de linguagem bastante recorrente em nossa cultura. Por meio do eufemismo, busca-se a mudança de sentido pela suavização da ideia, favorecendo o aparecimento de expressões eufemísticas como, por exemplo, para a morte (entregar a alma a Deus, dar o último suspiro, passar desta a melhor, ir para a cidade dos pés juntos etc) e para a bebida (água-de-gato, água que passarinho não bebe, marvada).

Em relação à vagina, observa-se que o mesmo fenômeno ocorre quando dizemos: abençoada, paraíso, travesseirinho, encantada, fruto proibido, dita-cuja, biscoito recheado etc. Esta categoria de sinônimos muitas vezes é utilizada para expressar de forma mais suave ou escondida alguns tabus, seja por medo, por delicadeza ou por decência, evidenciando-se uma dessexualização do vocábulo.

O uso de vocábulos com matiz pejorativo pode retratar hábitos, pensamentos e preconceitos de uma determinada época, caracterizando também simbolicamente e de maneira servil, a vagina como contenção dos prazeres masculinos:

buça, bucatasso, bucetão, casa do caralho, copo de fazer milkshake, desgraça de macho, garagem da frente, lixa-pica, mede-rola, mela-pentelho, miséria, ninho de rola, papa-duro, porteira do caralho, saca-rolha, saída de filho da puta, quebra-pinto, setor de embarque, cisterna de porra etc.

Em relação às características morfológicas, estéticas e funcionais da vagina, podemos exemplificar:

carne mijada, boca de cabelo, aranha, bacalhau, banguela, campo alagado, capô de fusca, caverna misteriosa, chavasca, crista de galo, engole espada, luvinha, machadada, parmesão, peteca, talho, taturana, tcheca, tchonga, testador de batina, tesouro de pobre, testão, tobinha, trem partido, trevo, triângulo, túnel de afogamento, velcro, viela, funda, xavasca, taio, greta, pastel de pelo etc.

Piadas também são utilizadas para divulgar e expressar jocosamente a visão masculina sobre a vagina, nesse caso utilizarei uma piada veiculada em diversas redes sociais:

Cientistas da Austrália afirmam que espremer limão na vagina antes do sexo mata os espermatozoides, tornando-se um contraceptivo barato e simples...Juntando o útil ao agradável, adicione um pouco de açúcar, um pouco de cachaça e gelo. Usando o pênis como pilão terá um novo tipo de caipirinha: A CAIPIXOTA!!!!!!¹⁶ **(grifo meu)**

Cientistas japoneses garantem que espremer um pouco de suco de limão dentro da vagina, antes do sexo, pode matar os espermatozoides, tornando-se um contraceptivo barato e simples. Como somos brasileiros, juntando o útil ao agradável, adicione um pouco de açúcar, gelo e pinga na hora da relação sexual e, usando o pênis como socador, você terá um novo tipo de caipirinha: A Caipixota ou a Caipiceta. Os mais refinados dão-lhe o nome de Caipigina e se utilizam de canudinho. Agora, muita atenção: SE CHUPAR, NÃO DIRIJA.¹⁷ **(grifo meu)**

¹⁶ Disponível no *site* http://pt.netlog.com/groups/Arte_de_Viver/forum/messageid.

¹⁷ Disponível no *site* <http://testosterona.blog.br/2009/05/page/8/>.

Conseqüentemente, são criados novos nomes, apelidos e eufemismos para driblar ou se adaptar aos tabus e preconceitos sociais em função do que simbolizam e até das fantasias sexuais que afloram nos indivíduos.

A fim de compreender alguns aspectos sócio-históricos da sexualidade da mulher, devemos delinear a representação cultural da menstruação, da morfologia sexual na relação entre homem e mulher e, no seu conjunto, a sexualidade feminina historicamente.

De acordo com Leal (2004), à medida que a espécie humana foi se destacando dos animais irracionais e se distanciando da natureza por meio da cultura, o sexo masculino enfrentou sérias dificuldades de relacionamento com o sexo feminino, principalmente no que diz respeito ao sangue.

A menstruação, para alguns povos, tinha um sentido místico, uma vez que o sangue era concebido como algo rico em energia sobrenatural e estava presente tanto no nascimento quanto na morte. Destarte, a vagina era vista como portadora de uma força potencialmente perigosa, o que de certa forma instigava o homem a criar mitos que explicassem o ciclo menstrual e a também restringir o espaço da mulher.

Em muitas culturas, a mulher durante a menstruação, é afastada do convívio com a comunidade porque é considerada impura e pode dar origem a enfermidades devastadoras. Por exemplo, na cultura ugandense, uma mulher menstruada não pode tocar o pênis de seu marido porque ele adoecerá e, caso toque em suas armas, este não terá mais sorte durante a caça ou poderá ser morto no próximo combate.

Na cultura judaica, qualquer um ou qualquer coisa tocada por uma mulher menstruada, torna-se sujo por um dia, conforme o trecho bíblico Levítico 15:19/23:

Quando uma mulher tem seu fluxo regular de sangue, a impureza de seu período mensal durará por sete dias e qualquer um que a toque estará sujo até a noite. Qualquer lugar onde ela se deite, durante o seu período, ficará sujo e qualquer lugar onde ela se sente ficará sujo. Qualquer um que toque

sua cama precisa lavar suas roupas e banhar-se com água e ele ficará sujo até a noite. Qualquer um que toque qualquer lugar onde ela se senta deve lavar suas roupas e banhar-se com água e ele estará sujo até a noite. Se for a cama ou qualquer coisa que ela estava sentada, que alguém tocou, ele ficará sujo até a noite.

Em algumas sociedades primitivas, o sangue também exercia papel fundamental na concepção da mulher, pois a menstruação era símbolo de sujeira, gerando nojo, repulsa e, sobretudo, medo.

Em Papua-Nova Guiné, na sociedade *baruya*, durante o período menstrual, a mulher se refugiava numa casa especial do vilarejo e era proibida de preparar com as mãos, consideradas impuras, o alimento do marido e da família (LEAL, 2004).

Na sociedade *Baruya* a segregação sexual é tão profunda que se reproduz no interior da própria casa, pois a mulher, em hipótese alguma, deve passar por cima do fogão, porque é certo que seu sexo se abriria ao passar por cima do fogo que serve para cozinhar a comida que vai à boca do homem. Existem também diversas proibições: as mulheres devem se purificar para reiniciar a vida conjugal após ser separada do marido seja para dar a luz, seja em razão do ciclo menstrual; as mulheres não podem se posicionar por cima do homem durante a relação sexual e nem mesmo exibir seu órgão sexual.

Por meio dessas características culturais expostas, observa-se que a menstruação expõe o homem ao perigo e não a própria mulher; fator este que contribui para o imaginário social acerca dos poderes maléficos da vagina e, conseqüentemente, da mulher.

Outro aspecto distintivo entre o homem e a mulher está relacionado à morfologia dos órgãos sexuais, o que gera diversos outros mitos, uma vez que o pênis é projetado, externo e facilmente visível, de forma que não é algo que aguça a imaginação, porém, a vagina é algo misterioso, coberta de pêlos e úmida.

Por isso, através do seu sexo, a mulher era considerada como o ser responsável pela atração, disseminação de malefícios e a sua menstruação como uma ameaça à virilidade do homem e, conseguinte, ao domínio do homem sobre a sociedade. As relações sexuais também estavam cerceadas por diversas crenças, dentre elas, de que não se podia fazer sexo antes que o homem saísse à caça, durante o período de desbravamento da terra, do plantio e, sendo permitido, após o nascimento de um filho, somente quando nascessem os primeiros dentes deste.

No que diz respeito à posição da mulher durante o coito, era proibido que a mulher ficasse por cima do homem, devido aos mistérios da vagina, uma vez que esta possuía estranhos poderes e líquidos que poderiam se espalhar sobre o ventre do homem.

De acordo com Badinter (1992), a vagina é representada, nos mitos, como uma força devastadora, devoradora e insaciável que causa pesadelos e finalmente a morte.

Um mito voltado aos mistérios da vagina e presente em diversas culturas indígenas como, por exemplo, os índios *Wichitta* dos Estados Unidos e os índios *Toba*, da região de Grão Chaco na América do Sul, é o da *Vagina Dentata*, expressão de origem latina para Vagina com Dentes (LEAL, 2004).

Nesse mito, a vagina da mulher é provida de dentes que podem cortar o pênis durante a penetração, o que de certa forma, cria uma ambivalência em relação ao coito, uma vez que é algo desejado e ao mesmo tempo expõe o homem ao risco da castração. Assim, em diversas culturas, o coito é precedido por rituais mágicos cujos objetivos são neutralizar possíveis riscos causados pela vagina, fonte esta de energias misteriosas e perigosas.

Este mito foi abordado na obra *A Grande Arte*, de Rubem Fonseca, publicada em 1983, na qual o narrador relata uma de suas aventuras sexuais:

A gente sempre quer descobrir alguma coisa e afinal descobri, depois de muitos dias, naquele dia, quando enfiei o dedo naquele canal viscoso e ardente, que mais parecia uma máquina rudimentar de moer carne, naquele

dia descobri algo espantoso. Era a vagina dentata, dos antigos, que sempre pensei ser uma ficção literária ou uma invenção dos arquitetos da repressão sexual, mas que estava ali, à minha mão, roendo meu dedo depois de ter devorado o meu pau. A vagina dentata! Céus! Minha alma se encheu de terror. Sendo um anão, e ainda por cima preto, e ainda por cima velho, ainda que não pareça, por todos esses motivos eu não podia dizer ela ‘sua vagina está me assustando’, isso um homem, ainda mais um homem de peculiaridades, como eu, nunca confessa. Aliás, medo, nessa circunstância, ou em qualquer outra, para ser exato, eu só havia tido uma vez, antes, na minha vida, mas aí foi por causa do cheiro. Essa é outra história interessante, que eu, se puder, se der tempo, conto ainda hoje; era um cheiro de inferno, de deixar qualquer um arrepiado, e olha que eu já andei onde nem rato anda – mas isso fica pra depois. (FONSECA, 1983, p. 216-217).

Etimologicamente, mito significa “palavra, narrativa transmitida”, assim as diversas presentificações destes preceitos sócio-culturais servem para o mito como campo em que são concretizadas suas criações, transformações e atualizações. O significado dessa palavra tem se delineado historicamente, chegando a ser empregada no sentido de ficção ou ilusão. Desta feita, os mitos não devem ser apreendidos como simples histórias, pois eles estão sempre inseridos num contexto social, e pautam-se em sua maioria em lição ética ou moral. Neles se fala de seres superiores, das relações sociais entre os homens e se dão explicações para os acontecimentos naturais.

A narrativa mítica possui uma organização estética cujo saber tem as funções explicativa e organizacional, o que de certa forma caracteriza o mito enquanto um argumento que permeia segurança e poder ao discurso. Nesse viés, a construção dos valores morais funciona como amálgama da relação explicativa dos mitos para a origem e relações da sociedade.

De acordo com Machado e Pageaux (1988), podemos entender o mito a partir de quatro definições básicas:

a) o mito, como narrativa, diz respeito à organização estética e é formado por uma sequência de fatos;

b) o mito como saber, que se manifesta através da nomeação, explicação e hierarquização das coisas;

c) o mito como História, pois pode ser confundido com a própria história de um povo;

d) o mito como um valor ético funciona como o sistema de valores de uma determinada sociedade.

Os mitos estão presentes na vida cultural da sociedade e visam, por um lado, a explicação das relações estabelecidas entre homem, mundo e entre os próprios homens, contribuindo para o desenvolvimento filosófico, literário e religioso das civilizações.

Redigimos uma crônica sob o ponto de vista de uma garota que acabara de completar 18 anos. De modo fictício, consideramos que o texto fora postado em seu *blog* pessoal:

Enfim, meus 18 anos

Dormi muito mal essa noite porque estava muito ansiosa pelo dia 08 de março de 2010. Enfim, meu aniversário de 18 anos. Às 5:00h da madrugada acordei, liguei meu computador e fui ler os scraps no meu blog. Às 7:30h tomei meu banho, vesti a cueca sambacção que minha avó me deu ontem como presente de aniversário e descii até a cozinha para tomar café com minha família, afinal é um ritual que sempre tenho que cumprir. À mesa estávamos em um silêncio absoluto, eu, meu pai, minha mãe e meu irmão Adão de 16 anos. Putz, já estava esquecendo de me apresentar! Bom dia, meu nome é Eva. Meu pai me disse: - Parabéns pelo seu aniversário! A sua mãe já escolheu o seu presente de aniversário. Tenho certeza que você vai amar!

Confesso que fiquei super curiosa ahhhhhhhhh. Minha mãe disse: - Como Adão já teve uma festa de 15 anos no ano passado e foi um baile como todas as famílias fazem para os meninos que completam 15 anos e ainda ganhou a coleção comemorativa de 50 anos da boneca Barbie. Eva, eu lhe darei o tão sonhado presente de toda garota que completa 18 anos!

Fala logo mãe, eu nem dormi direito essa noite!

Adão interrompe nosso diálogo e diz: Pai, anda rápido que tô atrasado para minha aula de balé e depois ainda tenho aula de culinária.

Mãe me fala que eu vou ganhar o presente que todas as meninas de minha idade ganharam ao completarem 18 anos!!! Minha mãe sorriu e disse: Eva, é segredo!!! Meu pai e o Adão gargalharam e disseram: Até parece, o seu presente é algo tão comum.

Que vontade de pegar sair de casa para jogar futebol com minhas amigas e andar o dia inteiro de skate pelo bairro!!! Minha mãe finalmente falou: Eva, hoje nós duas iremos à sauna no centro da cidade. Hoje você perderá sua virgindade com um homem bem experiente, você se tornará uma mulher assim como eu me tornei há 22 anos na mesma sauna.

Dei um pulo da mesa e berrei de alegria. Chegou o tão sonhado dia em que serei mulher. Esse é o sonho de toda garota ao completar 18 anos!!!

O meu pai olhou para o Adão e disse: Ainda bem que meu filho vai se casar virgem, honrará nossa família, nos dará muito netos, cuidará do lar e será um homem muito prendado e fiel a sua esposa.

Minha mãe disse ao meu pai: Claro que sim. O Adão é um moço de família e esse é o papel que cabe a todo homem em nossa sociedade. Já a Eva, vai estudar, ganhar dinheiro para sustentar seu esposo, mas aos finais de semana fará o programinha favorito de qualquer mulher né? Jogar futebol com as amigas e tomar umas cervejinhas geladas.

Levantei-me e saí correndo pela sala. Só gritava ebaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa, hoje eu me tornarei mulher e depois vou contar para todas minhas amigas que me tornei adultaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa. Enfim, meus 18 anosssssssssssssssssssss.....

Na crônica acima, podemos notar a moral sexual vigente e enviesada pelo construto sócio-cultural dos universos masculino e feminino. Historicamente, na construção dessa moral, a mulher foi *dessexualizada*, fazendo emergir a imagem de uma mulher restrita ao domínio *lar* e sua virgindade como algo a ser guardado até o casamento. Entretanto, ao homem era possível acesso aos domínios *lar* e *mundo*. Outrossim, foram estabelecidos espaços e atividades específicas do universo masculino e do feminino, sendo estes domínios muitas vezes considerados inconciliáveis.

A sexualidade humana é uma construção da espécie, vinculada às formas de interações interindividuais, transformando-se ao curso do tempo e conforme o espaço, não possuindo caráter ou modelos definitivos. Nesta situação, uma grande importância é atribuída ao sexo, ora valorizado por representar força, riqueza e fecundidade, ora condenado ao deixar de cumprir sua função reprodutora (SEIXAS, 1998, p. 23).

De acordo com Seixas (1998, p. 33), na Antiguidade, a civilização egípcia era matricêntrica, a sucessão do trono matrilinear e, apesar de homens e mulheres terem os mesmos direitos, estas, significativamente, exerciam o poder. Os egípcios inventaram a circuncisão para os homens e a extirpação do clitóris para as mulheres, objetivando-se desencorajar a promiscuidade. Ao mesmo tempo, como método de contracepção, as egípcias introduziam na vagina um tecido que impedia a penetração do fluido seminal no útero e bloqueava a abertura cervical que liga a vagina ao útero; também utilizavam misturas consideradas anticoncepcionais, colocadas na forma de tampões na vagina como, por exemplo, mistura de fezes de crocodilo com algum tipo de pasta ou mel com carbonato de sódio, ou com brotos de acácia.

Na Mesopotâmia, durante o período sumeriano (4000 a. C. a 2500 a. C.), as mulheres recém-casadas eram defloradas pelo rei, cujo direito era nato, e um sacerdote mantinha relações sexuais com uma sacerdotisa, no festival de ano novo, para que fosse assegurada a fertilidade do ano que se iniciava. Havia punições diversas para algumas mulheres, a morte para as que cometessem o adultério; o divórcio e o rebaixamento à condição de escrava para a esposa estéril, pois o divórcio era privilégio masculino (SEIXAS, 1998).

Paralelamente, na Palestina, em 3000 a. C. a 1700 a. C., a virgindade da mulher hebreia era extremamente valorizada, por volta dos 12 anos de idade, a menina se casava com o homem escolhido pelos seus pais e a prática sexual tinha como finalidade a procriação. Em

caso de adultério, a mulher era apedrejada até a morte e, ademais, somente ao homem era permitido o divórcio.

Em relação à Antiguidade Clássica, a masturbação era frequente entre as mulheres, uma vez que a prática não era considerada como vício, mas como válvula de escape, realizada por meio do uso de um *dildo* – imitação de pênis feita de madeira ou couro acolchoado. Para os gregos, caso a mulher não se casasse até a época certa (mulher se casava com pelo menos 16 anos e o homem com 30), permanecendo virgem, o sangue não teria como sair, lançando-se para o coração e para o diafragma, causando torpor, embotamento, arrepios de febre, delírios, alucinações, impulsos suicidas, sendo esta doença do útero denominada de histeria, cujo remédio era o casamento seguido de gravidez (SEIXAS, 1998, p. 39-40).

Segundo Beauvoir (1967, I, p. 153):

Existem, desde a Antigüidade, práticas anticoncepcionais, destinadas em geral à mulher: poções, supositórios, tampões vaginais, mas que são segredos das prostitutas e dos médicos; talvez desse segredo tenham tido conhecimento as romanas da decadência, cuja esterilidade os satíricos exproavam. Para muitas mulheres, a vida era então uma série ininterrupta de partos; mesmo as mulheres de maus costumes pagavam suas licenças amorosas com numerosas maternidades. Em certas épocas, a humanidade sentiu muito a necessidade de reduzir a população, mas, ao mesmo tempo, as nações receavam enfraquecer-se. Nas épocas de crise e de miséria era retardando a idade de casamento para os celibatários que se realizava uma baixa do índice de nascimentos. A regra continuava a ser: casar cedo e ter tantos filhos quanto os pudesse engendrar a mulher; somente a mortalidade infantil diminuía o número de crianças vivas.

Em virtude do surgimento do Cristianismo, os empoderados princípios religiosos determinavam que o sexo pertencia ao âmbito matrimonial e, exclusivamente, à procriação; qualquer atividade sexual externa ao casamento, bem como voltada ao prazer, era pecaminosa. Desta feita, a virgindade das mulheres e a monogamia eram virtudes.

Neste contexto, algumas regras estabeleciam a frequencia das relações sexuais, conforme declara Tannahill (1983, p. 158):

certos teólogos recomendavam a abstenção nas quintas-feiras, em memória da prisão de Cristo; nas sextas-feiras, em memória de sua morte; aos sábados, em honra à Virgem Maria; aos domingos, em homenagem à Ressurreição e às segundas-feiras em comemoração aos mortos. As terças e quartas-feiras eram amplamente abrangidas por uma proibição de intercurso durante jejuns e festivais – os quarenta dias antes da Páscoa, Pentecostes e Natal; os sete, cinco ou três dias antes da Comunhão, e aí por diante.

De maneira semelhante, a Igreja determinava as posições sexuais, sendo permitidas apenas aquelas em que o homem estivesse, invariavelmente, em posição superior. Todas as outras posições eram consideradas “antinaturais”, pois modelavam o homem ao animal, invertiam a natureza hierárquica do homem e da mulher e, também, por serem posições suspeitas de prevenirem a concepção, ferindo a natureza do matrimônio. Afinal, a contracepção era um dos maiores pecados do sexo (TANNAHILL, 1983).

As proibições sexuais eram bastante solenes e minuciosas conforme podemos observar em alguns trechos de um penitencial elaborado pelo canonista alemão, Burchard, bispo de *Worms*, no século XI; constituindo o livro XIX, dentre 25 obras, do Direito da Igreja (BERLIOZ, 1969 *apud* GUILLEBAUD, 1999, p. 225)¹⁸:

120. Você fornicou, como o fazem os sodomitas, pondo sua verga na parte traseira de um homem? Se você é casado e fez isso uma ou duas vezes: 10 anos de penitência nos dias santificados, um dos quais a pão e água. Se você tem esse hábito: 12 anos. Se é com um irmão de carne seu: 15 anos

122. Você fornicou pegando em sua mão o membro de um outro e ele o seu, para que alternadamente agitem o membro respectivo e assim,

¹⁸ Citado e traduzido para o francês por Jacques Berlioz, *Le Pécheur et la Pénitence au Moyen Age*, Ed. du Cerf, 1969.

com este prazer, espalhem seu sêmen? Caso sim: 30 dias de penitência a pão e água.

123. Você fornicou sozinho, isto é, tomando seu membro viril em sua mão e puxando-lhe o prepúcio e agitando-o a ponto de com este prazer espalhar seu sêmen? Caso sim: 10 dias.

124. Você fornicou colocando seu membro em uma prancha de madeira com um buraco, ou algo semelhante, de modo que com o movimento e o prazer tenha espalhado o seu sêmen? Caso sim: 20 dias.

126. Você cometeu a sodomia e a bestialidade com homens ou animais, ou seja, com uma vaca, uma égua ou qualquer outro animal? Se você fez isto uma ou duas vezes, e se você não tinha esposa para amainar a sua lubricidade, você jejuará 40 dias a pão e água – uma quaresma – e fará sempre penitência. Se você era casado, jejuará por 10 anos em dias fixos. Se você tinha o hábito de cometer este crime, jejuará durante 15 anos. Se você cometeu o referido ato em sua juventude, jejuará 100 dias a pão e água.

166. Você bebeu o esperma de seu marido, esperando que ele a ame mais graças a estas suas maquinações diabólicas? Caso sim: 7 anos de penitência a pão e água, em dias fixos.

172. Você agiu tal como as mulheres: elas pegam um peixe vivo, o introduzem em seu sexo e aí o mantêm até que ele morra e, depois de tê-lo cozido ou grelhado, o dão a seu marido para que ele assim aumente seu desejo por elas? Caso sim: 2 anos de jejum.

Em seu conjunto, as posturas adotadas pela Igreja proibiam o desejo, impunham limites e regras à sexualidade, tornando àqueles que não as respeitassem pecadores, em suma, à mercê de seus dogmas e, a redenção, determinada por meio de penitências – um instrumento de coerção à constante desobediência às interdições sexuais como, por exemplo, erotismo, adultério, prostituição, onanismo, sodomia etc.

De acordo com Del Priore (1995, p.142), a Igreja tentou coadunar o aparentemente incompatível domínio da sexualidade terrena com a salvação eterna e, a continência, o casamento e a fornicção deviam se arranjar-se dentro de um sistema binário, cujos elementos eram o bem e o mal. Desse modo, a Igreja criou um tipo de sexualidade útil, lícita e protegida, o que evitava condenar ao pecado mortal e a suas implicações, aqueles que tivessem desejos carniais.

Associado à imagem da mulher estava o elemento dualidade, considerado inerente e insuperável, pois a mulher era herdeira de Eva, fonte do pecado original e, por conseguinte, instrumento do diabo, isto é, sua caracterização enquanto ser inferior estava relacionada ao fato de ter sido criada a partir da costela de Adão e o seu aspecto diabólico ao sucumbir à serpente. Nessa vertente, a mulher foi caracterizada como ser traiçoeiro que incitava a luxúria, o ciúme, criando desavenças entre os homens. Por outro lado, por ser considerada mais frágil, era também vista como mais vulnerável ao mal.

Perpetuava-se a imagem da mulher como uma ameaça vil à humanidade, pois estava ancorada na representação de oposição entre Eva pecadora e Maria virgem santa. Contudo, durante o Renascimento, o arquétipo da mulher foi o da feiticeira, mantendo-se ao menos em caráter criminal até o século XVII. Estas mulheres perseguidas pelos inquisidores eram vistas como corruptíveis e propensas à bruxaria, uma vez que se acreditava terem sido criadas a partir da costela recurva de Adão, e por isso imperfeitas, contrárias à retidão do homem e, também possuíam uma cobiça carnal insaciável o que as levavam a copular com o demônio. Ao mesmo tempo, as mulheres eram consideradas perversas, influenciáveis, crédulas, vingativas, vaidosas, de inteligência parca, tagarelas, mentirosas etc.

A partir do século XVIII, surge a “ciência sexual” constituída por um conjunto de disciplinas e técnicas relativas ao comportamento sexual como, por exemplo, a pedagogia, a medicina, a economia, a demografia, a psiquiatria e a psicanálise, que favoreceriam o

adestramento do corpo, não somente pela repressão sexual, mas significativamente pela produção da subjetividade, pelo incitamento e encadeamento de desejos. (FOUCAULT, 1977)

Em 1803, o médico Jacques Moreau de la Sarthe, publicou a obra intitulada *Histoire Naturelle de la Femme*, na qual declarava que o sexo do homem e da mulher eram diferentes em todos os domínios do corpo e da alma, em cada aspecto moral e físico. À época, o útero era definido como o principal órgão feminino responsável pelo funcionamento de todos os outros (RAGO, 1997).

De acordo com Rago (1997), o clitóris foi descoberto em 1559 por Readolus Colombus como "a sede do deleite das mulheres", era chamado nos textos do século 16 de *mentula muliébris* (female penis), *nympha* (termo de Galeno), *columnella* (coluna), *crista* (de galo), *dulcedo amoris* ou *oestrum veneris*; era visto como o pênis feminino.

O século XIX foi marcado pelo retorno das normas, das virtudes e do combate à permissividade, sendo a feminilidade assentada em quatro pilares (SEIXAS, 1998, p. 70):

- a) domesticidade: a mulher era incentivada a permanecer em casa para cuidar do lar e dos filhos;
- b) criação do amor materno: imagem da mãe dedicada e sofredora;
- c) pedestal feminino: a mulher deveria ser pura e submissa, religiosa e despreparada para as atividades públicas;
- d) amor romântico: homens e mulheres podem se casar por atração individual, sendo o afeto a base deste amor e não a sexualidade.

Por meio da representação sócio-cultural em que a mulher é delineada em diferentes culturas, percebe-se a criação de rígidos mecanismos de controle ideológico para a domesticação do sexo feminino, ou seja, era necessário que tais mecanismos não fossem tão somente impostos pelo homem e funcionassem na presença destes, mas internalizados pela mulher e que esta exercesse o autocontrole. (LEAL, 2004, p. 13-14).

Leal (2004, p. 14) enumera 12 ideologemas¹⁹ criados pela sociedade patriarcal:

- 1- a mulher é menos inteligente que o homem;
- 2- é extremamente falsa;
- 3- é infiel;
- 4- é insaciável sexualmente;
- 5- é interesseira;
- 6- é frágil fisicamente;
- 7- é incapaz de exercer tarefas próprias do homem;
- 8- possui habilidades específicas para tecer, bordar, cuidar da casa;
- 9- é medrosa, supersticiosa, emotiva, apaixonada;
- 10- depende do homem;
- 11- tem no casamento e na família a sua única razão de ser;
- 12- sua maior realização é a maternidade.

Nessa época, o lesbianismo, a masturbação, a insatisfação conjugal, a ninfomania²⁰ eram consideradas como doenças e suas causas atribuídas pelo desenvolvimento excessivo do clitóris. Acreditava-se que o clitóris era dispensável, uma vez que era visto apenas com a funcionalidade do prazer sexual feminino. Assim, em 1860, na Inglaterra, o médico Isaac Baker Brown realizou diversas extirpações do clitóris (clitoridectomia), com o intuito de curar doenças, sendo esta medida terapêutica preconizada nos Estados Unidos e em outros países da Europa.

Nos Estados Unidos, o ginecologista Robert T. Morris, por temer que a clitoridectomia levasse a uma diminuição do desejo sexual e, desta feita, a uma independência

¹⁹ Componente mínimo de uma ideologia; componente irreduzível, dentre outros, de uma convicção, fé, ideal, idealização.

²⁰ Necessidade compulsiva e inesgotável de satisfação sexual.

maior das mulheres, propôs o ajustamento do tamanho do clitóris em vez de eliminá-lo (SEIXAS, 1998, p. 71).

Na sociedade contemporânea, a mutilação sexual feminina é considerada como um ritual de passagem, ou iniciação, praticado na África, Oriente Médio e sudeste asiático há 2000 anos, sendo as vítimas, jovens entre uma semana de vida e 14 anos. A mutilação é realizada com o uso de facas, tesouras, navalhas, em condições precárias de higiene, para retirada do clitóris, dos pequenos e dos grandes lábios vaginais e, conforme o caso, de parte da vagina, com posterior sutura que somente deverá ser rompida pelo marido durante a noite de núpcias.

Em 1996, a Revista Marie Claire publicou uma entrevista com a então modelo somaliana Waris Dirie, na qual revelava a sua história de mutilação genital:

Quando tinha 5 anos, meu pai decidiu que era hora de eu ser circuncidada. Lembro tão bem desse dia que se pensar muito posso vomitar. A mulher que me cortou era uma velha cigana. Andava pelo deserto sozinha. Ela e a sua sacola. Minha mãe me colocou sentada no colo e disse: ‘Seja boazinha, não se mexa. Não tenho forças para segurar você’. A velha tinha na mão uma navalha suja, onde vi o sangue da pessoa que ela havia cortado antes de mim. Abri minhas pernas, fechei os olhos e bloqueei minha mente. Fiz isso por minha mãe. A mulher não cortou apenas o clitóris – cortou tudo, inclusive os lábios. Depois me costurou com uma agulha, bem apertado. Eu só sentia dor. Fiquei deitada no chão em agonia. Eles amarraram minhas pernas para impedir que eu andasse, para não me rasgar. Fiquei deitada de costas durante um mês. Não conseguia comer, não conseguia pensar, não conseguia fazer nada. Fiquei preta, azul, amarela. Não podia urinar - o xixi saía em gotas. Três semanas depois, minha mãe encontrou alguém para me abrir um pouquinho, de modo que eu pudesse urinar. Estava muito doente. Sangrei durante dois ou três meses. Quase morri. O tempo todo sentia vontade de morrer. Tinha desistido de viver. Uma das minhas irmãs mais novas e duas primas minhas haviam morrido em consequência da circuncisão (ZIV, 1996, p. 58).

De acordo com dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde²¹, cerca de 140 milhões de mulheres já foram vítimas da mutilação sexual, sendo, somente na África, em torno de 92 milhões de jovens com menos de 10 anos.

Tal prática está arraigada em valores religiosos e culturais, sendo, muitas vezes, relacionadas à manutenção da higiene, à preservação da virgindade, à prevenção da promiscuidade, ao favorecimento do matrimônio, à promoção da saúde.

Nos séculos XX e XXI, a sexualidade da mulher foi marcada por estudos acerca do prazer, por importantes avanços nas tecnologias reprodutivas (contraceptivas e conceptivas), por lutas das feministas acerca dos direitos da mulher, o que de certo modo, a permitiu se desvincular, mesmo que pouco significativamente, da relação sexual com fins reprodutivos. Em suma, ressaltam-se os direitos sexuais e reprodutivos, que asseguram às mulheres o direito ao planejamento familiar para organização da vida reprodutiva e o tratamento de patologias ligadas à função reprodutiva.

Os estudos do biólogo norte americano Alfred Charles Kinsey acerca do comportamento sexual resultou na publicação de dois livros: *Sexual Behavior in the Human Male*, em 1948, e *Sexual Behavior in the Human Female*, em 1953. Estes estudos exerceram grande influência nos valores sociais e culturais do mundo ocidental com conceitos fundamentais para o entendimento da sexualidade humana.

Tais estudos definiam a sexualidade como função biológica normal, ao mesmo tempo em que demonstravam que um grande número de mulheres não conhecia o orgasmo e outras estavam extremamente insatisfeitas. Os resultados obtidos em relação ao orgasmo demonstravam que a masturbação era o meio pelo qual a mulher o atingia com mais frequência.

²¹ Conforme divulgado no *site* <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs241/en/>.

Em relação aos métodos contraceptivos, destaca-se a pílula, criada na década de 60, tornando-se símbolo da emancipação feminina e da revolução sexual, pois permitiu à mulher o controle sobre a própria fertilidade, e, conseqüentemente, o empoderamento sexual, que a permitiu aliar carreira profissional e planejamento familiar.

De modo geral, a concepção e a busca pelas diversas formas de prazer à época apresentaram os seguintes marcos:

Em 1967, nos Estados Unidos, são legitimadas as crianças geradas por inseminação artificial. Nos anos 70, a Associação Psiquiátrica Americana deixa de rotular a homossexualidade como doença mental. Em 1978, na Inglaterra, nasce o primeiro bebê de proveta, Louise Brown. (...) Surgem os *sex-shops*, lojas especializadas em “produtos sexuais”, como vibradores, falsos pênis, mulheres de plástico inflável, objetos para práticas sadomasoquistas (chicotes, cordas, algemas), literatura e filmes pornográficos. (SEIXAS, 1998, p. 90).

A partir dos anos 60, as reivindicações feministas, tanto das americanas quanto das européias, estavam balizadas em lutar pela soberania do desejo, pela inocência do prazer, exigindo o amor livre, ou seja, as mulheres contestavam o casamento burguês, por seu caráter alienante e dimensão possessiva e monógama (GUILLEBAUD, 1999, p. 378).

Havia duas vertentes sob este movimento, uma que lutava para permitir às mulheres, exploradas e inferiorizadas historicamente, a igualdade de direitos e de condição para com os homens; para a outra vertente, a igualdade não era suficiente e coerente, uma vez que reivindicavam a existência de uma cultura feminina específica.

Dentre as feministas mais influentes, podemos destacar Simone de Beauvoir, autora do livro *O Segundo Sexo* (1949), Betty Friedan, autora de *The Feminine Mystique* (1963) e dedicado a Simone, Kate Millet autora de *Sexual Politics* (1969).

O Segundo Sexo foi publicado na França como uma ampla abordagem acerca da mulher sob a perspectiva existencialista. Criticava o determinismo biológico, o materialismo

histórico, tornando-se, atualmente, uma das principais obras de referência nos estudos acerca da mulher e para diversas outras feministas. Uma das frases imortalizadas de Simone de Beauvoir é “não se nasce mulher, torna-se mulher.”

Buscamos ao longo desta seção evidenciar alguns elementos culturais, históricos e sociais que muito contribuíram para o surgimento de diversas concepções acerca da vagina e, por conseguinte, da sexualidade feminina.

No capítulo a seguir serão apresentados os pressupostos teóricos da Análise da Conversação, da interação face a face e das estratégias de polidez negativa e polidez positiva.

CAPÍTULO 3 – ALGUNS ASPECTOS DA ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

A Análise da Conversação está direcionada para investigações empíricas acerca das ações sociais cotidianas de troca conversacional nas quais os interlocutores estão engajados, delineando fatores subjacentes à interação com intuito de apreender a construção recíproca dos processos de troca conversacional imbricadas no e pelo discurso.

Nessa pesquisa adota-se a perspectiva da Análise da Conversação enquanto abordagem discursiva e o discurso oral a ser analisado como troca conversacional, interativo, sequencial, intencional, produzido e condicionado contextualmente.

A Análise da Conversação enquanto abordagem discursiva teve origem em meados da década de 60, ligada aos estudos da Antropologia Cognitiva e da Etnometodologia.

Em uma primeira dimensão, a Análise da Conversação se direcionava para a explicação descritiva da conversação, seja por meio de suas estruturas e dos mecanismos que atuam em sua organização. Concomitantemente, em outra dimensão surgiram estudos que buscavam a compreensão da organização interacional da conversação, considerando outros fatores como, por exemplo, a descrição circunstanciada dos recursos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais compartilhados entre os interlocutores.

A Conversação pode ser analisada considerando-se os três níveis de enfoque da estrutura conversacional proposto por Hilgert *apud* Dionísio (2001):

a) Macronível: envolve as fases conversacionais de abertura, da parte central e de fechamento;

b) Nível Médio: envolve o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência conversacional, os marcadores conversacionais, os atos de fala;

c) Micronível: envolve elementos internos dos atos de fala que constituem a sua estrutura sintática, lexical, fonológica e prosódica.

Para o desenvolvimento dessa tese, os pressupostos teóricos da Análise da Conversação tornam-se fundamentais para a delimitação e análise do nosso objeto de estudo: a produção oral das profissionais do sexo.

A conversação é um evento dinâmico que possui como característica básica a alternância entre os papéis de falante e ouvinte. Marcuschi (1986) afirma que a conversação é essencial em nossas relações diárias, constituindo-se a primeira das formas de linguagem a que somos expostos.

Segundo Dittmann *apud* Marcuschi (1986, p.15), a organização elementar da conversação possui sucintamente cinco características básicas:

- 1- interação entre pelo menos dois falantes;
- 2- ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- 3- presença de uma sequência de ações coordenadas;
- 4- execução em uma identidade temporal;
- 5- envolvimento em uma interação centrada.

Segundo argumenta Marcuschi (1986, p.15), essas características mencionadas permitem conceber a conversação como uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa em comum. Portanto, a conversação se ancora no princípio de trocas comunicativas, não sendo somente suficiente que os interlocutores falem alternadamente, mas sim que a interação seja produto de um trabalho colaborativo.

A conversação pode ser caracterizada por uma série de turnos conversacionais, situada dentro de um contexto e seus interlocutores alternam seus papéis de falante e ouvinte. Charaudeau e Maingueneau (2004, p.489) afirmam que:

O turno de fala é uma realização interativa, não somente em razão das regras de alternância e de alocação que o governam, mas, na sua própria construção em função do *ajustamento* (orientação e formatação) ao receptor (*recipient design*), que designa os aspectos múltiplos por meio dos quais o locutor constrói o seu turno de modo a se ajustar aos seus interlocutores.

O turno de fala constitui a unidade essencial da organização das produções orais dialogadas e os turnos de diferentes locutores se encadeiam segundo um sistema de alternância de papéis. A definição de turno engloba dois sentidos: o de distribuição de turno e o de unidade construcional, ou seja, qualquer locutor pode tomar a palavra e a fala é elaborada no momento em que o indivíduo toma a palavra e torna-se falante (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974).

Para proceder ao estudo da comunicação, Hymes (1972) elaborou um modelo denominado "SPEAKING" cujo objetivo era fornecer pressupostos teóricos para a análise funcional das atividades de linguagem específicas de uma cultura:

Setting: espaço físico (tempo e lugar) e psicológico;

Participants: participantes (membros que estão presentes de algum modo no desenrolar da ação);

Ends: finalidades e resultados da atividade de comunicação;

Acts: atos, conteúdos e forma da mensagem;

Key: tom, canal e formas do discurso;

Instrumentalities: instrumentos, canais de comunicação e códigos correspondentes;

Norms: normas de interação e de interpretação;

Genre: gênero, o tipo de atividade da linguagem.

Assim, ao analisarmos as interações verbais torna-se essencial que consideremos os aspectos linguísticos, o contexto em que estas foram produzidas, bem como fatores de ordem cultural, social, pessoal, situacional e emocional que perpassam as situações sociais e interacionais. Brait (2002, p. 194) argumenta que a interação é um fenômeno sociocultural com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas.

Por conseguinte, acreditamos ser pertinente, para se desvelar aspectos inerentes à relação entre linguagem e interação, realizarmos a identificação e análise de alguns recursos linguísticos presentes nas produções orais das profissionais do sexo, que estabelecem relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores, dentre eles os marcadores conversacionais.

Existem muitas terminologias para os Marcadores Conversacionais (doravante MCs): frases de reparo, conectores do discurso, operadores de discurso, partículas do discurso, dispositivos de sinalização do discurso, conectores fáticos, conectores pragmáticos, termos pragmáticos, marcadores pragmáticos, operadores pragmáticos, partículas pragmáticas, conectores de frase (FRASER, 1999). Dentre outros, por exemplo, marcadores retóricos, conectores argumentativos, os conectores interativos, introdutores do discurso etc.

Os MCs podem ser produzidos pelo falante e pelo ouvinte, podem aparecer no início, meio ou final de unidades linguísticas. Estes marcadores são utilizados para apoiar a mudança de tópico (*aí, como, e, ou, então* etc.), preencher pausas, dando tempo suficiente para a organização do pensamento (*eh, uh, ah, hmm, oh* etc.), expressar intenções, indicar o início ou o final de um tópico (*eu penso, eu acho, eu acredito, para mim* etc.), dar advertência ou prever algo que vai ser dito, concordar (*ahã, sim, claro* etc.), discordar (*não, impossível* etc.), verificar a compreensão (*não é?, sacou?, né?, entende?* etc.), dentre outros.

De forma significativa, os marcadores contribuem para coesão e coerência do texto falado, pois funcionam como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto e dos interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto e, representando a produção de forma interacional e pragmática, ou seja, os marcadores são elementos que amarram o texto tanto como estrutura verbal cognitiva quanto estrutura de interação interpessoal (URBANO, 1995, p. 85-86).

Em suma, os marcadores estão relacionados a processos cognitivos de produção de fala, ligam as partes do texto, mostram a posição do falante em relação ao enunciado e estabelecem uma relação interativa entre os interlocutores, funcionando como estratégias de negociação nas relações e papéis sociais.

Partindo-se da premissa que o processo interacional necessita da linguagem, seja oral, escrita, verbal ou não-verbal para se estabelecer, nota-se que os marcadores são elementos importantes na estrutura organizacional da conversação como, por exemplo, na abertura, fechamento e troca de turnos, na escolha de tópicos etc. Portanto, os MCs funcionam como palavras e expressões, mais ou menos fixas, características da fala espontânea e que funcionam como organizadores da interação oral (MARCUSCHI, 1986).

O panorama exposto nesta seção evidencia que os marcadores são elementos que fazem parte da estrutura esquemática de qualquer conversação típica de um sistema linguístico, sendo, também, determinados por convenções próprias das interações orais. Significativamente, a utilização dos marcadores pelos interlocutores está relacionada às estratégias linguísticas de gerenciamento do turno conversacional, bem como permite, segundo Castilho (1986), uma maior coerência conversacional, pois ocorrem no início, no meio e no final de turnos de fala.

A seguir, discutiremos os pressupostos teóricos acerca da interação face a face e, apresentaremos algumas considerações a respeito das estratégias de polidez negativa e polidez positiva.

3.1- INTERAÇÃO VERBAL FACE A FACE

De acordo com Goffman (1967), tem-se uma situação social quando dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e seus atos são regidos por regras culturais específicas, podendo ser observados por todos os presentes. Em suma, uma interação face a face é um encontro social.

O autor supracitado afirma que, em uma conversa, os participantes se apresentam uns aos outros por meio de um padrão comportamental que revela sua visão acerca do tema em debate, da situação comunicativa, dos participantes da interação e de si mesmos como seres sociais. E por isso, entende-se que as atitudes comunicativas adotadas são permeadas por significação social, isto é, estão intrinsecamente ligadas ao comportamento adotado.

O termo face refere-se ao valor social que um indivíduo clama para si a partir da avaliação social da linha de conduta ou do comportamento adotado, ou seja, a imagem social sustentada pelos julgamentos e evidências conhecidos pelos outros participantes da interação (GOFFMAN, 1967).

O tipo de face de um indivíduo faz parte de um construto socialmente estabelecido, ou seja, a expressão social de seu "eu" individual. Os indivíduos que participam de uma interação percebem que estão ligados em situação de engajamento e, por isso, o contato pessoal direto constitui-se numa situação única para a passagem de informação.

Assim sendo, torna-se importante considerar que alguns fatores podem mudar as regras que regem a expressão da imagem social como, por exemplo, caráter do tópico

discursivo (genérico ou pessoal), partida ou chegada de um interactante, alterações no contexto situacional, os movimentos linguísticos dos parceiros etc.

A noção de face permeia todo o processo de interação e seus participantes encontram-se entre dois eixos: a preservação de sua própria identidade e o respeito pela identidade do outro.

Segundo a Teoria da Polidez Linguística proposta por Brown e Levinson (1987), a maior parte dos atos de linguagem produz certos efeitos sobre a face dos participantes de uma interação e podem ser ameaçadores como, por exemplo, a crítica, a desaprovação etc. Essa teoria postula que todo indivíduo é movido pelo desejo de preservar seu "território" (corporal, material, espacial, temporal ou mental) e sua "face"- o indivíduo intenta gerar boa impressão durante o evento interacional, pois quer ter a sua face preservada.

Conforme argumenta Koch (1997, p.141):

A estratégia de preservação das faces manifesta-se linguisticamente através de atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudanças de tópico e dos marcadores de atenuação em geral. O grau de polidez é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou, ainda, condicionado por normas culturais.

De acordo com Goffman (1967), "perder a face" significa causar má impressão, enquanto "salvar a face" está relacionado ao processo em que o indivíduo se sai bem ao dar a impressão de que não "perdeu a face".

Brown e Levinson (1987) distinguem dois aspectos complementares da auto-imagem construída socialmente: a face positiva e a face negativa. A face positiva reflete o desejo de aprovação e reconhecimento dos anseios do indivíduo, ou seja, desejo de que estes sejam compartilhados pelo próximo. A face negativa refere-se ao desejo de não imposição ou à reserva do território pessoal.

Assim, em uma interação os participantes buscam defender a própria face como também a do outro, o que propicia o estabelecimento de um equilíbrio entre essas perspectivas. Cada interlocutor adota a estratégia mais adequada ou compensatória para ele, de acordo com as circunstâncias subjacentes ao ato a ser realizado.

3.2- ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

As diversas situações interacionais podem gerar conflitos e, conseqüentemente, ameaçar a imagem pública tanto do falante quanto do seu interlocutor. Tal ameaça é denominada por Brown e Levinson (1987) como *ações que ameaçam a imagem pública (face-threatening acts)*.

Nesse contexto, o papel exercido pela polidez é extremamente importante, pois é concebida como fruto da necessidade humana de manter o equilíbrio nas relações interpessoais e, sua manifestação externa seria o conjunto de estratégias linguísticas que podem ser utilizadas pelo falante para evitar ou amenizar conflitos com o seu interlocutor quando os interesses de ambos não coincidem (BROWN e LEVINSON, 1987).

3.2.1- POLIDEZ NEGATIVA

A polidez negativa como estratégia de trabalho de face volta-se para a face negativa do ouvinte. O falante, ao fazer uso dessa estratégia, de certa forma, assegura o reconhecimento e o respeito aos anseios da face negativa do ouvinte. As categorias mencionadas por Brown e Levinson (1987) para a polidez negativa são:

- 1) seja direto;

- 2) não presuma;
- 3) não pressione o ouvinte;
- 4) comunique o desejo do falante de não impingir nada ao ouvinte;
- 5) atenda a outros anseios do ouvinte que derivem de sua face negativa;

Valério (2003) afirma que o uso de tais estratégias favorece o estabelecimento de uma atmosfera emocional que prima pelo comedimento, isto é, não deve servir de veículo para as emoções, uma vez que estas precisam ser contidas para não causar embaraço.

Essa categoria de polidez é típica de contextos formais onde a distância social e as diferenças de *status* são respeitadas e sinalizadas por meios linguísticos.

3.2.2- POLIDEZ POSITIVA

De acordo com Brown e Levinson (1987), a polidez positiva seria a amenização da ameaça à face positiva do ouvinte e estaria relacionada a algumas estratégias como, por exemplo:

- 1) alegar aspectos em comum;
- 2) deixar transparecer que falante e ouvinte são cooperadores;
- 3) realizar o desejo do ouvinte.

Em contextos que não estejam diretamente ligados à ameaça de face dos interlocutores, a interação é permeada por cumplicidade, isto é, o falante pode empreender esforços para a promoção da face positiva do ouvinte.

O discurso, ao focar aspectos em comum entre os interlocutores, dinamiza a interação, pois favorece o estabelecimento da proximidade, da solidariedade, do

envolvimento dos interactantes entre si e dos mesmos com o seu discurso, uma vez que é desejável a expressão dos sentimentos na polidez positiva.

No capítulo a seguir serão apresentados estudos importantes que abordaram a relação entre linguagem e gênero.

CAPÍTULO 4 - LINGUAGEM E GÊNERO

No Brasil, os estudos que abordam as relações de gênero acompanham diferentes momentos dos movimentos sociais feministas. Esses movimentos surgem no Brasil em meados da década de sessenta, mas, no final das décadas de oitenta e no decorrer dos anos noventa, a prática desses movimentos sociais apresenta novas formas de atuação e de inserção na sociedade, que por consequência, também refletem a trajetória dos estudos de gênero no país (SILVA, 2000).

No seu conjunto, a partir da década de 80, as pesquisas passam a apontar também o caráter relacional entre os sexos que é construído socialmente a partir das relações de poder, o que favorece o surgimento de hierarquias que conduzem à desigualdade social.

Silva (2000) afirma que nos anos 90 surge a institucionalização dos movimentos sociais e o movimento de mulheres não foge à regra, ao organizarem-se sob a forma de instituições não governamentais disseminadas pelo país e financiadas por órgãos nacionais e internacionais.

Diversos grupos de pesquisa em várias instituições tematizam as relações de gênero como, por exemplo:

- Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP);
- Núcleo de Estudos de População (NEPO/UNICAMP);
- Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR/UFGM);
- Núcleo de Estudos da Mulher e do Gênero (NEMGE/USP);
- Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a Mulher (NIEM/UFRGS);

A categoria gênero focaliza o processo de construção sócio-cultural da feminilidade e da masculinidade em diferentes sociedades, tendo como parâmetro algumas teorias sociais. Para o Marxismo, por exemplo, o cerne da questão é a exploração que começaria na família pela subordinação do trabalho feminino ao patriarcalismo.

Para a Socioantropologia Francesa, em sua abordagem simbólica-funcional-estrutural (Durkeim, Mauss, Lévi-Straus e Pierre Bourdieu), a definição de gênero estaria diretamente ligada ao processo de socialização, ou seja, ao modo como mulheres e homens desde o nascimento são incluídos ou excluídos de relações sociais. Neste projeto, o termo gênero é utilizado como sendo as características oriundas de expectativas socioculturais sobre o modo como nos conduzimos, nos vemos e como vemos o outro.

Ao propormos um estudo sobre as o estilo interativo de um grupo específico – profissionais do sexo –, acreditamos ser pertinente esboçar um panorama histórico sobre as pesquisas que se pautam na inter-relação entre linguagem e gênero, para se ter uma visão mais ampla do conjunto.

Diversos estudos podem ser citados como, por exemplo, os relacionados aos estereótipos da fala feminina (Lakoff, 1975), à linguagem utilizada para se referir à mulher (Lakoff, 1975; Leitão, 1988; Chaika, 1994, Wood, 1993), ao que e ao como as mulheres falam (Fishman, 1983; Zimmerman e West, 1975; Poyton, 1990; Cameron, 1994; Tannen, 1990, 1994), às dinâmicas interativas no discurso da mulher (Valério, 2000) e ao discurso feminino e identidade social (Ferreira, 2002).

Por meio desses estudos, surgiram diversos pressupostos teóricos acerca do universo feminino, destacando-se as estratégias de gestão do turno conversacional, indiretividade, inserção social, introdução de tópicos, estilo interativo, comportamento linguístico da mulher etc.

Em relação às estratégias conversacionais destaca-se o trabalho de Zimmerman e West (1975) – acerca das interações entre pessoas de mesmo sexo²² e sexo oposto – no qual se verificou que as falas simultâneas e o silêncio entre os turnos ocorreram de forma simétrica nas interações entre indivíduos de mesmo sexo, mas, em interações com o sexo oposto, observou-se uma preponderância de interrupções feitas por homens sobre as falas das mulheres.

O estudo de Leet-Pellegrini (1980) analisou o uso de marcadores conversacionais de apoio em interações de pessoas de mesmo sexo e sexo oposto, focalizando as variáveis sexo e tópico discursivo em debate. Obteve-se como resultado a assertiva de que as mulheres que possuíam menor domínio do tópico em debate falavam menos e usavam mais marcadores conversacionais de apoio que os homens de mesma posição. Outros estudos também confirmaram a hipótese de que as mulheres usavam mais marcadores de apoio como, por exemplo, Strodbeck e Mann (1956); Fishman (1980), Zimmerman e West (1975).

Coates (1986) verificou se a introdução de tópicos em uma interação verbal entre mulheres funcionaria como sinal de dominância conversacional e concluiu que estas desenvolveram seus tópicos colaborativamente e a intervalos regulares.

Holmes (1988) observou o fazer elogios, que é considerado um ato de fala ameaçador da face do falante, e concluiu que as mulheres frequentemente faziam mais elogios que os homens, elogios esses direcionados a outras mulheres. Isto é, a valorização da face positiva foi socialmente reconhecida na comunidade de fala das mulheres pesquisadas.

Tannen (1994) e Brower *et al* (1979) apontam que pedir opiniões e informações pode constituir uma ameaça à face, uma vez que pode ser interpretado como reflexo de insegurança. Porém, pedir opiniões e informações também é utilizado como sinal de consideração do ouvinte para com o seu interlocutor. Esses autores concluíram que as

²² Neste trabalho a palavra sexo refere-se à distinção biológica determinada por código genético.

mulheres faziam mais perguntas que os homens, pois isso se deve ao fato de as mulheres serem menos inibidas e ao fato de tal prática não ser contraditória ao seu papel de gênero.

Valério (2000) pesquisou doze mulheres naturais do estado de Minas Gerais, de classe média, com idade entre 35 e 49 anos e que possuíam diferentes inserções sociais – quatro eram donas de casa, quatro trabalhavam fora e outras quatro eram militantes políticas. A pesquisadora verificou que o discurso das militantes tinha uma menor orientação para a polidez positiva devido a uma possível alteração em seu papel de gênero, uma vez que estavam inseridas em uma rede social marcada historicamente pela hegemonia masculina.

Ferreira (2002) pesquisou a identidade social da mulher por meio do desempenho discursivo oral de executivas e donas de casa. As oito informantes eram moradoras da cidade de São Paulo, de classe média alta, com idade média de 35 a 50 anos e todas possuíam pelo menos o nível médio de ensino completo. A pesquisadora concluiu que a mulher executiva espelha um discurso "simétrico", ou seja, seu fluxo informacional revela-se pela centração e organicidade temáticas, o que seria característico de um desempenho linguístico considerado de prestígio.

No entanto, a dona de casa reflete um discurso "assimétrico", pois seu fluxo de informações é descontínuo e seu léxico situa-se na informalidade da oralidade. Verificou-se que a linguagem da dona de casa caracterizava-se como a linguagem da sensibilidade, da emoção e da busca da conexão pela intimidade; a linguagem da mulher executiva era ativa, forte, enxuta e demonstrava uso de poder.

De acordo com Ferreira (2002), os processos de identificação dos dois grupos de falantes – mulher, sua relação com a língua e suas respectivas marcas de identidade mostram a variação linguística e sua significância como uma questão de posicionamento e percepção de universos transculturais.

No capítulo seguinte, iremos apresentar a metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho. Primeiramente, faremos uma breve explanação sobre a natureza da pesquisa e, em seguida, apresentaremos os instrumentos e os critérios utilizados para coleta e transcrição dos dados, para, finalmente, delimitarmos o perfil das informantes.

PARTE II

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E APRESENTAÇÃO

DO *CORPUS*

CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA ADOTADA

O presente trabalho se caracteriza por propor uma pesquisa etnográfica, nos moldes de um Estudo de Caso.

A etnografia como abordagem de investigação científica contribui significativamente para o campo das pesquisas qualitativas, uma vez que se baliza em uma análise holística ou dialética²³ da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais e por revelar as relações e interações ocorridas no interior de uma esfera social.

Cultura é a forma como o homem significa o seu mundo a partir da teia de signos e símbolos que ele criou e teceu ao longo de sua história (WEBER, 1921; GEERTZ, 1989; ERICKSON, 1987).

Essa metodologia de pesquisa permite analisar comportamentos, seus significados no dia-a-dia de interação social, ou seja, o contexto social maior em que este comportamento está inserido. A análise da interação face a face é um dos procedimentos que pode ser adotado para compreensão destes aspectos.

O Estudo de Caso tem como objeto uma unidade social que pode ser um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma comunidade, apoiando-se em princípios que enfatizam a interpretação contextual desse objeto inserido na multiplicidade de aspectos que o envolvem e o determinam. (GILLHAM, 2000)

Nesta pesquisa, optou-se pelo Estudo de Caso por acreditar que esta metodologia atende aos objetivos expostos anteriormente, uma vez que permite a investigação detalhada

²³ Dialética no sentido fundamental da noção, que os norte-americanos chamam de relação ecológica entre os vários atores sociais ou grupos numa comunidade ou instituição, movimento histórico vivenciado pelos atores sociais num determinado espaço de tempo.

de particularidades, considerando-se também o contexto social em que as profissionais do sexo estão inseridas, bem como os aspectos que norteiam suas interações verbais.

1.1 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Seguindo os critérios estabelecidos pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o projeto desta pesquisa foi aprovado pelo COEP - Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, em 31 de março de 2009, sob o número de registro CAAE-0118.0.203.000-09. Esse procedimento torna-se obrigatório para os projetos cuja fonte primária de informação é o ser humano, individual ou coletivamente, direta ou indiretamente.

Em razão de zelarmos pelo sigilo das mulheres pesquisadas, conforme estabelecido pela supracitada resolução, durante todo o período de coleta de dados as participantes foram informadas dos objetivos da pesquisa, do fato da participação ser voluntária, sem ônus para o pesquisador, e que a qualquer momento poderiam desistir da mesma. Foi solicitado que cada sujeito assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) permitindo o uso dos dados para realização desta tese.

Destarte, para que fosse cumprido o exposto pela resolução supracitada, optamos por utilizar o código *M* associado a números de 1 a 10 para identificação das profissionais do sexo nos dados coletados.

As entrevistadas foram escolhidas deliberadamente, levando-se em consideração, unicamente, o *locus* de trabalho Avenida Afonso Pena. Os dados que compõem nosso *corpus* foram coletados nos dias 23, 24 e 25 de abril, do ano de 2010, no período de 22:00 às 04:00 horas, por meio de questionários e de entrevistas com 10 profissionais do sexo.

Em relação ao questionário utilizado (Anexo II), objetivou-se a coleta das seguintes informações: nome (real, de batalha ou outro), idade, estado civil, filhos (quantos e

idade), cidade em que reside, com quem mora, grau de escolaridade, ocupação (principal e secundárias), renda mensal aproximada e religião. Em suma, o questionário foi utilizado para o detalhamento do perfil socioeconômico das informantes e para obter dados referentes à sua formação familiar, profissional, dentre outros que são fundamentais para o delineamento do perfil das entrevistadas.

As entrevistas foram semi-estruturadas e o tempo em que nos encontramos com cada profissional do sexo foi de aproximadamente 25 a 30 minutos, pois foram seguidos os seguintes procedimentos obrigatórios: convite como voluntárias para essa pesquisa, explicitação dos propósitos do estudo e das garantias de confidencialidade e de esclarecimentos. Outrossim, por serem abordadas em seu local de trabalho, buscou-se não perturbar o fluxo de negociação de programas.

Os elementos norteadores para a elaboração do roteiro das entrevistas semi-estruturadas estavam relacionados ao trabalho, à violência, à saúde e à vida familiar e, por se tratar de uma investigação de natureza qualitativa, permitiu às informantes a expressão espontânea de pensamentos e experiências, bem como a elaboração, por parte do pesquisador, de novas perguntas ao decorrer das entrevistas.

O roteiro seguido nas entrevistas foi o seguinte:

- a) Há quanto tempo e qual o principal local de batalha e horário de trabalho;
- b) Preço médio e número de programas por dia;
- c) Aspectos positivos e negativos do trabalho;
- d) Profissão declarada;
- e) O que é prostituição e o que é ser prostituta;
- f) Vestuário;
- g) Frequência de uso de preservativo e o perfil dos seus clientes;
- h) Qual situação complicada já vivenciou;
- i) Desejo de abandonar a prostituição;
- j) Relação com a sua família;

k) Discriminação e violência.

1.2 TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

As produções orais das profissionais do sexo foram registradas em um gravador digital de voz e depois transcritas, seguindo-se as normas que se encontram no quadro a seguir, adaptadas daquelas utilizadas por Castilho & Preti (1987).

QUADRO 1

Sinais de Transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Falas do Entrevistador	E
Falas das Prostitutas	M1, M2, M3 etc.
Nome de Batalha das Prostitutas	XXXX ²⁴
Pausa Breve	(+)
Pausa Média	(++)
Pausa Longa	(+++)
Entonação Exclamativa	!
Entonação Interrogativa	?
Alongamento Vocálico	:::
Corte Brusco da Fala	/.../
Ênfase ou Acento Forte	Maiúsculo
Registro Incompreensível ²⁵	*
Citações	“discurso direto”
Sobreposição de Vozes	[]
Risos	((risos))
Comentários do Pesquisador	{ }
Truncamento	//

²⁴ Por motivos de sigilo decidimos não utilizar nas transcrições os nomes de batalha das prostitutas.

²⁵ Cada asterisco representa um vocábulo não compreendido.

As adaptações nas normas para transcrição, anteriormente expostas, foram realizadas em virtude dos objetivos desta pesquisa e, todas as transcrições das gravações utilizadas nessa tese encontram-se em anexo (Anexo III).

1.3 DELIMITAÇÃO DE INFORMANTES

A partir da análise dos dados coletados, por meio do questionário aplicado, pudemos delinear as seguintes características das profissionais do sexo:

- a) Todas as pesquisadas adotam um nome de batalha;
- b) A faixa etária das informantes é de 24 a 36 anos de idade;
- c) Homogeneidade Linguística: as informantes são unilíngues, falantes do Português Brasileiro e pertencentes à mesma comunidade linguística;
- d) Residência: todas as informantes residem em Belo Horizonte/MG;
- e) Escolaridade: todas as informantes possuem segundo grau completo, sendo que duas são estudantes universitárias;
- f) Estado civil: 07 solteiras, 01 casada e 02 divorciadas;
- g) Renda Mensal: entre R\$ 3.000 e R\$ 6.000;
- h) Religião: 03 evangélicas, 05 católicas e 02 espíritas;
- i) Filhos: 05 possuem filhos e as outras 05 não;
- j) Habitação: todas as mulheres residem com a família;
- k) Profissão: todas se declararam prostitutas, sendo que uma mulher é vendedora em uma loja no turno diurno, outra vendedora de cosméticos e as duas estudantes universitárias exercem também a profissão de massagista;
- l) Tempo de batalha: a média é de 3,3 anos.

Conforme exposto, podemos observar que as mulheres pesquisadas não possuem baixa escolaridade, são jovens, residem com a família, possuem uma expressiva renda mensal, sendo que três possuem ocupação secundária (massagista e vendedora). Em relação à mudança de nome para o exercício da prostituição, pudemos observar que todas as mulheres pesquisadas adotam nome de batalha, uma vez que almejam se resguardar de um possível reconhecimento por alguém que não esteja inserido no universo da prostituição.

No capítulo seguinte, serão apresentadas as estratégias linguísticas, utilizadas pelas prostitutas, que favoreceram a promoção da polidez negativa e da polidez positiva e a relação destas para com a identidade social desvelada.

PARTE III

ANÁLISE DO *CORPUS*

CAPÍTULO 1 – ANÁLISE LINGUÍSTICA DOS DADOS

Essa análise, de natureza qualitativa, tem como objetivo investigar as estratégias linguísticas que promovem a polidez negativa e a polidez positiva – conforme pressupostos teóricos de Brown e Levinson (1987) e Valério (2003) – presentes na fala das profissionais do sexo entrevistadas para a realização dessa pesquisa.

Serão demonstradas as funções e os trechos dos marcadores encontrados nas transcrições, suas relações com as estratégias conversacionais e com os tópicos abordados pelo entrevistador.

1.1-ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NEGATIVA

Em relação à polidez negativa, cuja finalidade está pautada em impedir, anular ou atenuar possíveis reações desfavoráveis às ideias emitidas pelo falante, pudemos observar o uso de estratégias linguísticas para expressar distanciamento e imprecisão, bem como rejeição/atenuação quanto ao tópico abordado.

O falante pode resguardar sua face por meio de recusa do ponto de vista do enunciado, por distanciamento temporal e, também, por distanciamento emocional. (VALÉRIO, 2003, p. 95-97)

As estratégias linguísticas que desvelam o distanciamento por meio da recusa são locuções verbais impessoais e indeterminação do sujeito, as quais podem ser motivadas pela incerteza acerca do tópico abordado e/ou pelo desejo de não se comprometer com o que foi dito.

De acordo com Menon (2006, p. 129):

o referente é conhecido pelo locutor (e em certos casos, também do interlocutor, o que torna possível a compreensão mútua) e se ele quisesse ou se isso lhe fosse conveniente ou interessante, ele poderia nomeá-lo ou descrevê-lo. Nesse sentido, o

referente pode ser recuperado pelo locutor a qualquer hora. Trata-se, antes de tudo, de uma maneira de escamotear o sujeito extralinguístico por meio de uma forma de expressão linguística, em função da situação de comunicação.

No excerto 1, podemos observar que a profissional do sexo, ao fazer uso do marcador *só ouvi dizer por aí*, intenta o não comprometimento para com a afirmação *tem violência* e, também, delimitar uma experiência individual por meio dos marcadores *mas* e *não*.

(1)

E: tem violência aqui?

M8: tem violência, **mas** graças a Deus nunca tive problema, **só ouvi dizer por aí, mas** comigo **não!** (VIII, 33-35)

Outra estratégia linguística encontrada no *corpus* foi a criação do efeito de indeterminação do sujeito lexical por meio dos vocábulos *povo, eles, elas, ninguém, todo mundo, cara(s)*. Assim, o falante minimiza sua responsabilidade acerca dos conceitos emitidos, bem como, atribui valores, realiza generalizações e/ou busca a sua distinção em relação a outrem.

No exemplo a seguir, o falante, ao atribuir características e atitudes negativas acerca da prática da violência, faz uso do vocábulo *povo*, forma lexical singularizada que possui sentido generalizador (efeito de indeterminação), o que poderia propiciar a inferência de que o falante estivesse inserido no grupo daqueles que praticam a violência. Contudo, o pronome *eles* está correlacionado a um espaço/ambiente (àqueles que passam pela Avenida Afonso Pena), por meio do advérbio de lugar *aqui* – expressando-se, assim, que o falante pertence a um grupo distinto do qual está sendo referido, isto é, ocorre um efeito de indeterminação do sujeito e não da indeterminação da referência do sujeito.

(2)

E: você já sofreu algum tipo de violência?

M6: o **povo** é sacana demais cara, **eles** passam **aqui** e xingam a gente de tudo que é nome, joga uma porrada de coisa na gente de madrugada eh (+++) num respeita

ninguém (+) uma vez eu levei uma ovada **aqui** na rua, **eles** são babacas demais (VI, 48-51)

No exemplo abaixo, a profissional do sexo, ao ser questionada sobre as vestimentas que utiliza para trabalhar, faz uso dos vocábulos *povo* e *todo mundo* como estratégias de efeito de indeterminação do sujeito, por meio de generalizações; são possíveis as seguintes inferências: o falante se exclui de um grupo específico (o povo falava = eles falavam) e se inclui em um grupo geral. Podemos observar tal estratégia, por meio de interpretação semântico-discursiva do uso da 1ª pessoa do plural (todo mundo veste = nós vestimos) e, não somente, por meio da referenciação formal à 3ª pessoa do plural (todo mundo veste roupa igual = eles vestem). O marcador conversacional de introdução de novo tópico *mas* funciona como prefaciador de novo tópico e/ou explicação, sendo responsável pela estruturação e coesão das unidades que compõem o texto conversacional e pela progressão temática da interação. Enquanto elemento de coesão, propicia a continuidade do tópico em andamento, atuando como sequenciador tópico de pressuposições e inferências acerca de tópicos anteriores.

(3)

E: em relação à roupa, cê tem que vestir diferente pra trabalhar aqui?

M2: não! se fosse na boate a gente pode ficar até pelada, mas na rua a gente num pode ficar (++) hoje em dia a gente veste a mesma roupa que uma mulher normal veste, num tem diferença não (+) antigamente a gente usava roupa curta e o **povo** falava “aquela ali é garota de programa” **mas** hoje num tem nada disso não, hoje **todo mundo** veste roupa igual, eu visto a roupa que eu me sinto bem (II, 66-71)

No excerto 4, o vocábulo *povo* também foi utilizado para efeito de não pertencimento do falante a um grupo de pessoas que condenam a prostituição. Assim, observa-se a indeterminação por meio da relação *povo* = *eles*.

(4)

E: como as prostitutas são vistas?

M10: isso aí é complicado demais né cara (+++) o **povo** sempre acha que a gente num vale nada, que tá eh (+) aqui na sem vergonhice (++) acha que é fácil essa vida aqui, num pensa no sofrimento também não eh a gente passa frio (+) tem que ficar na rua (++) eh a noite toda de domingo a domingo e encarar cada homem estranho (X, 36-40)

Nos exemplos 5 e 6, o vocábulo *ninguém* indica indeterminação do sujeito, inserido em um contexto de generalização, traço essencial para o estabelecimento deste efeito por meio da relação ninguém = falante e clientes.

(5)

E: algum cliente que num quis pagar?

M3: já, mas eu levei na boa, ele sabia que eu ia chamar a polícia, **ninguém** quer problema com polícia né? resolveu na boa (III, 112-114)

(6)

E: as prostitutas se previnem?

M5: imagino que sim (++) **ninguém** tá a fim de pegar doença não! (V, 44-45)

Podemos observar, no exemplo 7, o uso do pronome *elas* como elemento de indeterminação do sujeito, ou seja, a 3ª pessoa do plural (profissionais do sexo) figura como elemento externo à interlocução verbal, que apesar de um efeito de distanciamento, demonstra a expressão de um “eu” ampliado em *elas tão fazendo isso, elas tão fazendo isso porque estão precisando de dinheiro* e, ratificado, por meio de *eu não* (recusa) e *meu negócio é só o dinheiro* (inserção), uma vez que o falante também pertence ao grupo de profissionais do sexo. Entretanto, em *elas fazem isso pra (++) elas ficam aí se prostituindo para roubar os outros, para mexer com droga*, podemos observar que o falante se exclui de um grupo específico de mulheres, o qual acredita ter um perfil negativo; distanciamento este reiterado por meio do uso do marcador conversacional *mas* para explicitação da relação safadeza, pilantragem, roubo = elas (exclusivamente outras mulheres profissionais do sexo).

(7)

E: mas você acha que quem trabalha como prostituta é piranha, vagabunda?

M1: não, tem muitas /.../ **elas** tão fazendo isso, **elas** tão fazendo isso porque estão precisando de dinheiro, **mas** tem muita mulher que tá aqui só por safadeza mesmo, **mas** tem muita mulher pilantra mesmo, **elas** fazem isso pra (++) **elas** ficam aí se prostituindo para roubar os outros, para mexer com droga, EU NÃO, meu negócio é só o dinheiro (I, 174-178)

No trecho anterior, podemos observar a relativização da identidade social da mulher inserida na prostituição, ou seja, a criação de hierarquizações face à imagem negativa das prostitutas que teriam condutas não aceitáveis para as regras socialmente estabelecidas pelo grupo, o qual tem seus códigos e parâmetros de ética. Essa estratégia baliza-se nos pressupostos da polidez negativa, orientada principalmente para estabelecer, mesmo que parcialmente, distância social.

Quanto às estratégias linguísticas de distanciamento temporal, este efeito pode ser expresso da conjunção condicional *se*, demonstrando a necessidade do falante em se resguardar de reações desfavoráveis do ouvinte, bem como proporcionando um delineamento do tópico abordado em um campo hipotético.

No excerto a seguir, a profissional do sexo relata uma situação em que o cliente estava interessado em receber práticas sexuais masoquistas, porém, ela não aceitou, porque alguns homens contratam essa prática para que, ao terminarem o programa, ameacem chamar a polícia, sob a alegação de que foram agredidos. Com isso, a prostituta se vê forçada a desistir do pagamento pelos serviços prestados. Nesse contexto analisado, o falante faz uso da condicional para atenuar o valor da verdade das proposições veiculadas (*se eu batesse* e *se ele entendia*), ou seja, estas ações hipotéticas vinculam-se ao domínio da incerteza, descomprometendo o falante acerca de suas proposições e dos resultados destas, como por exemplo, o convencimento do ouvinte de que o cliente desistiu das práticas masoquistas: *até que ele pediu para ficar batendo só na beirada da cama.*

(8)

... aí ele pediu pra socar o salto no saco dele até ficar roxo ((risos)) aí eu pensei esse negócio vai dar problema eu vou ser presa aqui aí eu fiquei falando com ele que **se eu batesse** ele ia ficar com problema(+) falei pra ver **se ele entendia** até que ele pediu para ficar batendo só na beirada da cama (risos) aí a gente tem que pensar bem porque o cara depois pode sacanear e falar com a polícia que eu bati nele, aí acham que a gente é mentirosa, porque quando eu falo um negócio desse ninguém acredita, a imaginação humana é muito doida (++) o cara morreu de tesão! nem precisou transar, só de bater o salto na cama ele ficou doido! ... (II, 99-101)

O marcador *se*, nos exemplos 9 a 11, ocorreu como sinal de novo tópico/explicação, servindo para encadeamento dos argumentos e, outrossim, como fator condicionador a determinadas proposições. Conseqüentemente, desvela-se o caráter hipotético dos argumentos.

(9)

E: ele sabe do seu trabalho aqui na Afonso Pena?

M5: sabe, no início ele achou ruim, queria me proibir, mas ele ganha muito pouco e **se fosse** depender dele a gente até passava fome (V, 76-78)

(10)

E: mas se ela usar camisinha?

M1: mesmo assim, e **se A CAMISINHA ESTOURAR?** eu acho que ela num pode continuar a trabalhar não (I, 271-273)

(11)

E: você beija na boca?

M3: **se** rolar química eu beijo, mas **se** não, não beijo não, a maioria quer beijar na boca (++) só **se** o cara for bonitinho, **se** for bonitinho aí rola (III, 80-82)

Outra estratégia linguística relacionada a distanciamento refere-se ao uso de marcadores que prefaciam opiniões, sinalizando a avaliação que o falante faz do tópico discursivo abordado.

A opinião, enquanto modalidade, está inserida em atos elocutivos que permitem ao locutor situar sua proposta em relação a si mesmo, o que revela a sua própria posição quanto ao que diz, exprime o lugar que o propósito do enunciado ocupa no universo de crenças do sujeito falante e, também, a atitude intelectual. Desta feita, se estabelece uma lógica que salienta um julgamento hipotético que se pronuncia a favor ou contra os fatos do mundo. (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 353)

Os marcadores de opinião (*eu acho, eu penso, na minha opinião* etc.), permitem que o falante emita de forma mais subjetiva e explícita suas opiniões acerca dos tópicos discursivos, limitando a verdade ao seu conhecimento, o que lhe previne de reações desfavoráveis do ouvinte.

Nos excertos 12 a 17, a seguir, as profissionais do sexo, quando questionadas acerca de aspectos referentes à prostituição, como, por exemplo, práticas sexuais e perfil dos clientes, fazem uso dos MCs *eu acho* e *acho* para evidenciar o modo pelo qual desejam ser compreendidas, ou seja, estes estabelecem limites para a interpretação do tópico abordado, não assumindo de modo incisivo os seus pontos de vista.

(12)

E: *cê já ficou triste com algum programa?*

M4: *nossa! meu primeiro programa eu chorei demais (++) comecei a ver que num era nada fácil deitar com homem desconhecido, que *cê* nunca viu a cara, num sabe se tem doença (+) essas coisas (++) **acho** que num vou acostumar nunca, mas chorar eu num choro mais não! tô aqui pra isso e tenho que ser profissional (IV, 81-85)*

(13)

E: *o que é ser prostituta?*

M7: *pergunta difícil hein? ((risos)) **eu acho** que é ser livre (++) eu me sinto melhor pensando assim (VII, 16-18)*

(14)

E: *que tipo de cliente *você* tem aqui?*

M8: tem de tudo aqui mas eu só vou eh::: eu só vou com quem me paga antes.

E: são pobres, ricos?

M8: tem uns que **eu acho** rico, mas a maioria é mais ou menos (++) eles têm cara de rico

E: cê atende quantos clientes aqui na rua por dia? (VIII, 24-28)

(15)

E: os clientes procuram o que?

M9: eles gostam de coisa diferente, então sempre uso uma personagem com meus clientes, **acho** que isso faz com que eles voltem sempre (IX, 51-53)

(16)

E: você já fez teste de hiv?

M1: não, nunca fiz isso não

E: você num fez porque num tem vontade ou porque tem medo?

M1: eu nunca fiz porque **eu acredito** que num tenho nada (I, 278-281)

De acordo com Galembeck (1997), os marcadores de opinião associados a hesitações expressam incerteza, imprecisão, falta de convicção. No trecho a seguir, observa-se que a associação entre os marcadores *ah* (sinalizador de hesitação), *eu acho* (opinião) e a segunda demarcação do viés pessoal de sua assertiva por meio de *eu sempre ganhei bem* revelam um caráter não genérico do tópico discursivo abordado. Ademais, o marcador *mas*, como prefaciador de *tem uma coisa que é interessante* (homens velhos gostam de mulheres novas e homens novos gostam de mulheres velhas), sinaliza a atenuação da expressão do ego do falante acerca do autoelogio apresentado anteriormente, favorecendo o estabelecimento de uma estratégia linguística orientada para a polidez negativa.

(17)

E: a idade é importante pra trabalhar como prostituta?

M2: **ah eu acho** que não! eu sempre ganhei bem ((risos)) *mas* tem uma coisa que é interessante, os homens mais velhos adoram as prostitutas mais novas, mas os rapazes mais novos adoram as mulheres mais velhas ((risos)) é o oposto, uma troca (++) os novos querem experiência, já os velhos querem é ensinar (II, 86-90)

O marcador *pra mim* foi utilizado pelas profissionais do sexo para sinalizar a expressão do viés pessoal acerca de determinado enunciado e, por conseguinte, a função de atenuação. Objetiva-se, com isso, a exclusão antecipada de determinadas objeções do interlocutor ao tópico discursivo abordado.

No excerto abaixo, o falante, ao expressar sua opinião acerca do que é prostituição, faz uso do marcador *pra mim*, sinalizando de forma subjetiva, a introdução do tópico discursivo *não é venda do corpo*.

(18)

E: uh pra você o que qui é prostituição?

M2: olha prostituição em si (+) **pra mim** não é a venda do corpo tá? não é! é prestação de serviço de sexo e fantasia erótica (II, 30-32)

No exemplo 19, o uso do marcador *bom* possibilita ao falante tempo para formular seu enunciado, ou seja, sinaliza atividade de planejamento verbal e sustentação de turno. O marcador *pra mim* evidencia uma avaliação subjetiva do tópico discursivo, enquanto que o marcador *no meu caso*, apesar de sinalizar este viés pessoal, também desvela o alto grau de adesão para com o conteúdo proposicional *sair da prostituição*.

(19)

E: o que é ser prostituta?

M3: bom, **pra mim**, é uma pessoa normal que eh::: que tá com pouca oportunidade de vencer na vida e eh (+) encontrou uma forma bem mais rápida de ganhar dinheiro, mas com vontade eh correndo atrás pra sair

E: então você acha que tem que sair?

M3: eh **no meu caso** eu to lutando pra sair

E: eh como você vê a prostituição?

M3: **pra mim** é normal, cada um faz da sua vida o que bem entender, ninguém tem nada a ver com isso, então **pra mim** é normal (III, 16-24)

No trecho abaixo, os marcadores *na minha opinião* e *pra mim* expressam de forma subjetiva a opinião do falante acerca do tópico em discussão (o que é prostituição) e,

também, funcionam como estratégia para se evitar ou até mesmo amenizar reações desfavoráveis ao seu ponto de vista.

(20)

E: o que é prostituição pra você?

M6: **na minha opinião** é vender sexo

E: como assim?

M6: eu sou diferente de dia e de noite, ninguém nem imagina que eu trabalho aqui na rua à noite (++) a prostituição **pra mim** é realizar fantasias sexuais dos clientes (VI, 32-36)

No exemplo 21, as sentenças *prostituição?* e *não sei o que você está dizendo* foram direcionadas ao interlocutor como meio de solicitar maior clareza para que o falante possa ser igualmente preciso. O marcador *pra mim* demonstra que o tópico e a contextualização de suas proposições serão introduzidos por um viés marcadamente pessoal.

(21)

E: como você vê a prostituição?

M7: prostituição? não sei o que você está dizendo, isso **pra mim** é trabalho, e trabalho que exige da pessoa muito amor próprio, porque senão ela dança rapidinho (++) já vi meninas, aqui nessa avenida (+) trabalhar para comprar droga, tinha umas que só fazia em troca de pó, ai não dá, essas rodam fácil (VII, 22-26)

No trecho a seguir, o uso do marcador *pra mim* foi utilizado na abertura do turno como sinalizador da abordagem pessoal acerca do tópico discursivo *ganhar dinheiro* e, o marcador *mas* para introdução de explicação, evidenciando a relação entre sexo, dinheiro e prostituição.

(22)

E: o que é ser prostituta?

M10: **pra mim** é ganhar dinheiro (+) com essas fantasias eh a gente (+) cobra pra fazer isso, **mas** cê pode olhar que tem muita gente que transa de graça nessa vida, que num é garota de programa ((risos)) (X, 32-35)

De acordo com Valério (2003, p. 99), outra forma de limitar o comprometimento do falante com o seu enunciado e, assim resguardar-se de críticas, é por meio da criação de

um efeito de imprecisão, isto é, enunciados imprecisos perpassam a ausência de convicção do falante sobre suas palavras, as quais podem ser questionadas, com danos minorados à sua face negativa. Esse efeito está relacionado à limitação do grau de verdade do enunciado e/ou de pertinência de elementos do conteúdo proposicional.

Entre as estratégias linguísticas abordadas pela autora supracitada, como forma de limitação do comprometimento, destacam-se o uso dos marcadores que sinalizam aparências, grau de possibilidade, conhecimento do falante, domínio, período de tempo e determinação de categoria.

Em relação às estratégias que sinalizam aparências, foi encontrado em nosso *corpus* o marcador *parece*, que apesar de trazer implicitamente a ideia de apreciação e julgamento, sinaliza que o valor da verdade do tópico discursivo a ser introduzido pode não ser sustentado diante de um exame mais criterioso dos fatos abordados; situação esta ilustrada pelo exemplo que se segue.

(23)

E: e quanto você ganha aqui por dia?

M1: tem dia que eu ganho só 200 reais só, **parece** que quanto mais tarde vai ficando aqui o trem vai melhorando, os homens vão passando e vai procurando a gente, teve um dia que eu entrei dentro do carro de manhã, o cara mandou eu chupar, eu falei que sem camisinha não, o cara mandou eu descer do carro e eu tive que descer tudo a pé {ela teve que descer do final da Avenida Afonso Pena até a esquina do Corpo de Bombeiros}, NOSSA A GENTE SOFRE DEMAIS (+++) (I, 247-253)

O uso de *talvez*, *é possível*, *possivelmente* e, em alguns casos, do modal *poder*, limitam a veracidade da proposição a um determinado grau de possibilidade (VALÉRIO, 2003, p. 101)

Ao serem questionadas se contariam que são prostitutas a seus filhos (exemplos 24 e 25) e, no trecho 26, em relação ao abandono da prostituição, as profissionais do sexo, por

meio do uso dos marcadores *talvez* e *quem sabe*, assinalam claramente uma atitude de dúvida ou incerteza, permitindo-lhes que não se vejam tão comprometidas com os juízos emitidos.

(24)

E: você vai contar pra ele um dia?

M1: ah num sei não, **talvez**, mas eu tenho vergonha, tenho vergonha do que eu faço, porque eu faço isso, dá vergonha na gente né? (I, 229-331)

(25)

E: seu filho sabe que você é prostituta?

M5: ele tem só 5 anos, num entende dessas coisas e num sei se vou contar quando ele entender (+++) é difícil né moço, imagina que choque pra ele saber que a mãe deita com tudo qui é homem por aí (++) num sei se vou contar (+) **quem sabe** até ele crescer eu posso até ter parado, né? (V, 85-89)

(26)

E: vai parar de se prostituir?

M9: **quem sabe** ((risos)) (++) isso depende da cabeça da gente (+) cada um sabe o que faz (IX, 86-87)

No excerto 27, o tópico discursivo introduzido por *pode* (ser agredida) está delimitado pelo argumento “transar com mais de um cliente ao mesmo tempo”, assim, o modal expressa que o tópico a ser introduzido restringe e/ou determina a aplicação dos argumentos explicitados anteriormente pelo falante, revelando considerações baseadas em suas atitudes e em suas crenças.

(27)

E: e se for casal?

M6: nem assim, se fosse pra transar só com o cara, tava tudo bem, mas é muito arriscado, quando é mais de uma pessoa a gente **pode** apanhar, ser agredida de graça (VI, 98-100)

No exemplo abaixo, ao ser questionada se é melhor se prostituir na rua, a profissional do sexo faz uso do modal *pode*, o qual sinaliza que o tópico discursivo abordado

é uma importante variável a ser considerada, ou seja, desvela uma modalidade epistêmica orientada para a proposição, pois diz respeito à especificação do grau de comprometimento do falante com relação à proposição que ele apresenta. Assim, o conteúdo proposicional ir *embora a qualquer hora* revela-se como uma verdade indiscutível e aplicável a todos.

(28)

E: por que que é bem melhor?

M1: porque aqui você ganha seu dinheiro e **pode** ir embora na hora que quiser, num tem que ficar pagando os outros, num tem que esperar ninguém pra poder ficar (I, 137-139)

Alguns marcadores como, por exemplo, *não sei, sei lá, até onde eu sei, ao que me consta, que eu me lembre, que eu saiba, se não me engano* limitam a verdade ao conhecimento do falante, admitindo explicitamente não ser suficiente para se fazer uma afirmação categórica (VALÉRIO, 2003, p. 102).

Em nosso corpus, foram encontrados os marcadores *num sei, num sei mesmo, sei lá e eu nem sei* com a função de permitirem que o falante não se veja tão comprometido com os juízos emitidos, uma vez que representam uma antecipação com a finalidade de limitar ou até mesmo neutralizar possíveis reações desfavoráveis e/ou interpretações contrárias por parte do interlocutor.

No excerto 29, os marcadores *num sei* e *num sei mesmo* expressam que a profissional do sexo não tem conhecimento acerca dos motivos pelo qual o seu parceiro não está lhe dando a devida atenção. Assim, ao não explicitar argumentos para as proposições *ele tá pisando na bola* e *ele num tá me ligando mais não*, o falante veicula em seu discurso imprecisão e incerteza.

(29)

E: em questão de relacionamento, você tá namorando, tem alguma coisa?

M1: tenho um namorado, só que ele tá pisando na bola, **num sei** o que que tá acontecendo com ele, mas eu gosto dele (++) ele num tá me ligando mais não, **num sei mesmo** o que tá acontecendo (I, 44-48)

O mesmo efeito de imprecisão e incerteza é veiculado, por meio do marcador *num sei*, nos excertos abaixo, nos quais as profissionais do sexo foram questionadas acerca do perfil do cliente, da decisão de contar ao filho sobre sua ocupação e do porquê de não beijar na boca do cliente, respectivamente.

(30)

E: eh::: seus clientes são jovens ou mais velhos?

M4: varia demais (++) num tem um tipo fixo (+) **num sei** te falar porque cada dia é diferente (IV, 68-70)

(31)

E: seu filho sabe que você é prostituta?

M5: ele tem só 5 anos, num entende dessas coisas e **num sei** se vou contar quando ele entender (+++) é difícil né moço, imagina que choque pra ele saber que a mãe deita com tudo qui é homem por aí (++) **num sei** se vou contar (+) quem sabe até ele crescer eu posso até ter parado, né? (V, 85-89)

(32)

E: tem alguma coisa que você num faz?

M7: eu num beijo na boca não

E: por que?

M7: **num sei** onde ele põe a boca ((risos)) (VII, 63-66)

O marcador *sei lá* indica planejamento verbal e, ao mesmo tempo, evidencia a incerteza do falante, diminuindo o comprometimento deste para com o enunciado. Nos exemplos 33 e 34, podemos observar essas características quando as profissionais do sexo relatam algumas práticas sexuais.

(33)

E: e as fantasias? tem alguma que você quer contar?

M2: teve um cliente muito engraçado, ele levou um MONTE DE CORRENTE e um cadeado, eu fiquei com medo, pensei se ele ia querer me matar, me roubar, **sei lá**, fazer maldade comigo (++) mas aí eu perguntei se ele ia me bater porque eu num aceito apanhar mesmo... (II, 93-97)

(34)

E: você tem limites pro programa?

M5: tenho porque penso no meu marido, **sei lá** (++) bunda por exemplo é exclusividade dele, pra cliente não faço de jeito nenhum (V, 61-63)

No excerto a seguir, o marcador *eu nem sei* assinala a incerteza do falante quanto às práticas sexuais dos clientes, ou seja, se estas são seguras ou não. Destarte, o MC veicula a avaliação epistêmica que o falante faz sobre o que diz, exercendo também a função de atenuador, uma vez que diminui o comprometimento para com o enunciado e dilui a força ilocutória das asserções. Esta relação de comprometimento é evidenciada se pensarmos que, ao invés de dizer *eu nem sei onde anda o pinto dele*, a profissional do sexo poderia dizer *ele tem doenças sexualmente transmissíveis*.

(35)

E: tem cliente que não quer usar?

M6: tem uns mesmo, que acha que a gente vai cair de boca no pau deles e pronto ((risos)) mas eu num faço mesmo, a gente conversa e aí resolve o problema (++) **eu nem sei** onde anda o pinto dele, num dá pra fazer sem camisinha não, é um risco muito grande (+) tem que ter muita coragem pra correr risco de pegar um monte de doença (VI, 66-70)

Dentre as estratégias linguísticas que denotam a limitação da verdade da proposição a um período de tempo, ressalta-se, em nossos dados coletados, a utilização dos MCs temporais *ainda, hoje, hoje em dia, antes, antigamente*.

O marcador *ainda*, nos exemplos a seguir, expressa que as declarações dadas pelas prostitutas em relação aos questionamentos do pesquisador pautam-se em ações que não aconteceram até o presente momento, mas que poderão acontecer no futuro. Assim, a verdade

da proposição é limitada ao período de tempo presente, ou seja, em cada um dos trechos analisados, podemos inferir que o falante realizará ou não as seguintes ações: irá ao médico, declarará a sua profissão junto ao governo, poderá ser agredido por um cliente, e se casará, respectivamente. Em suma, observa-se a expressão de um caráter dúbio em relação ao futuro, porém verdadeiro em relação ao presente.

(36)

E: e você vai ao médico, faz exames?

M1: todo ano eu vou ao ginecologista, só que esse ano eu **ainda** não fui não (I, 185-186)

(37)

E: uhum eh você tem uma profissão declarada?

M2: esta já é uma profissão de trabalho!

E: sim, eu sei, mas eh a declarada pro governo?

M2: **ainda** não (+) é uma complementação de renda, pra pagar cursos, coisas de casa, pra mim viver, podê viajar, podê comprar as coisas que eu gosto (II, 25-29)

(38)

E: algum cliente já te agrediu?

M6: **ainda** não, mas se encher o saco eu sento a mão na cara dele ((risos)) (++) o cara sabe com quem ele apronta, eu tô aqui pra ganhar meu dinheiro, num vem com esse negócio de bater em mim não que senão ele vai sobrar! eh se vier bater ni mim eu vou me defender! (VI, 52-55)

(39)

E: você é casada?

M10: **ainda** não! (X, 3-4)

Os marcadores *antes*, *antigamente*, *hoje em dia* e *hoje* também estabelecem a relação de que a proposição está limitada a possibilidades de interpretação circunscritas em uma instância temporal do presente, mesmo que haja um efeito de deslocamento temporal entre passado e presente.

(40)

E: e você atende mulher?

M2: **antigamente** num tinha não, **hoje** tá tendo um monte de casal, tá aumentando muito, mas a maioria é pra eu transar com o marido delas, mas tem que ter cuidado (+) às vezes tem muita mulher que é ciumenta, ela acompanha eh aquela coisa às vezes ela num tá muito preparada eh porque casal é meio complicadim (II, 111-115)

(41)

E: e você se apaixonou por algum cliente?

M5: já! **antes** de conhecer meu marido, mas **hoje** tô casada e amo ele (V, 79-80)

(42)

E: você usa camisinha nos programas?

M6: claro né! eu só faço programa com camisinha, até pra chupar o cara eu só chupo com a borracha, **hoje em dia** num dá pra brincar com isso não (+) tem muita gente doente que num preocupa com os outros, acha que a gente transa de qualquer jeito (++) isso num é verdade não, a gente se cuida, até porque a gente também tem família no mundo pra criar, tem que cuidar da gente mesmo (VI, 60-65)

(43)

E: por que que os homens te procuram?

M2: tem gente que até **hoje** num sabe o que é orgasmo eh tem gente com mais de 60 anos e num sabe o que qui é o orgasmo, a gente entende o cliente, sabe o que vai dar prazer, o que vai mexer com a imaginação dele (II, 122-125)

A verdade proposicional também pode ser permeada por pronomes indefinidos usados para restringir os tipos de elementos aos quais ela se aplica, isto é, a uma determinada categoria (VALÉRIO, 2003, p. 103). Assim sendo, podemos observar que o uso dos pronomes indefinidos *algumas*, *alguns* e *uns* indica uma quantidade de valor impreciso, mas restrito às categorias mulher e cliente.

(44)

E: você atende mulher?

M6: já vieram **algumas** aqui me procurar, mas eu já falo na lata que não rola não, eu curto homem (VI, 95-97)

(45)

E: você tem prazer com os seus clientes?

M2: depende, com **alguns** sim, mas o que é o prazer? é dá prazer ou é conseguir algo que me dá prazer? é um prazer de sexo, ejaculação, de carinho, depende do que eu quero no dia (II, 129-132)

(46)

E: você já sofreu algum tipo de violência?

M10: eu nunca apanhei de homem não eh mas sempre tem **uns** engraçadim que acha que a a gente tá aqui pra aguentar tudo né, aí os caras se enganam ... (X, 41-46)

Em se tratando de promover o efeito de imprecisão acerca da proposição, podemos destacar o uso dos marcadores *mais ou menos e meio*.

No excerto abaixo, em que a prostituta foi questionada acerca do local em que se prostitui, o uso do marcador *mais ou menos* limita o grau de verdade da proposição *é trabalhar na rua*.

(47)

E: você trabalha na Afonso Pena ou em outros lugares?

M6: só aqui na Afonso Pena mesmo

E: é melhor?

M6: **mais ou menos**, aqui a gente num tem que ficar sendo cobrada por ninguém, o dinheiro é todo meu e trabalho a hora que eu quiser (VI, 13-15)

O marcador *meio*, no exemplo 48, expressa a incerteza do falante quanto ao modo e quanto à intensidade do que foi dito, ou seja, acerca dos aspectos de programas com casais.

(48)

E: e você atende mulher?

M2: antigamente num tinha não, hoje tá tendo um monte de casal, tá aumentando muito, mas a maioria é pra eu transar com o marido delas, mas tem que ter cuidado (+) às vezes tem muita mulher que é ciumenta, ela acompanha eh aquela coisa às vezes ela num tá muito preparada eh porque casal é **meio** complicadim (II, 111-115)

Segundo Valério (2003, p. 105), o falante pode minimizar um elemento da proposição, toda a proposição ou até a si próprio como conversacionalista, com o intuito de resguardar sua face negativa, evitando reações desfavoráveis de seu parceiro na interação. Outrossim, o falante minimiza o seu comprometimento com o enunciado, contudo a sua responsabilidade sobre sua fala não é minimizada, mas a importância que deve ser atribuída aos conceitos por ele emitidos.

Nas entrevistas transcritas para essa pesquisa foram encontrados os marcadores *às vezes, de vez em quando, geralmente, tem hora* expressando função de atenuação, por intermédio da minimização da frequência com a qual a proposição acontece.

No excerto 49, o marcador *às vezes* sinaliza a frequência da verdade da proposição *é obrigada a fazer mais programas*.

(49)

E: qual a diferença de trabalhar na rua, na boate, num hotel?

M5: é tudo ruim, mas na boate é pior (++) na rua a gente tem mais liberdade (+) boate cê fica ali e **às vezes** é obrigada a fazer mais programa que cê quer (V, 31-33)

A profissional do sexo, ao relatar as justificativas dadas a seus pais para que não saibam de seu trabalho, faz uso do marcador *de vez em quando* sinalizando a minimização da ocorrência das proposições *fazer trabalho e dormir na casa de uma amiga*.

(50)

E: quantos clientes você tem aqui na rua por dia?

M9: no máximo uns cinco por noite, mesmo porque falo com meus pais que estou fazendo trabalho na casa de uma amiga (++) que vou dormir lá **de vez em quando** (IX, 28-30)

Nesse outro exemplo, o marcador *geralmente* sugere, simultaneamente, imprecisão acerca de quais são as práticas sexuais solicitadas pelos clientes e acerca da frequência destas.

(51)

E: por que os caras procuram você?

M4: uai, pra fazer o que **geralmente** não faz com a esposa ou com a namorada (IV, 86-87)

A seguir, a profissional do sexo expõe quais são os motivos que a levam a querer abandonar a prostituição e, ao fazer uso dos marcadores *tem hora* e *às vezes*, assinala imprecisão quanto à frequência em que ocorre o que é expresso: *ter vergonha, ficar mal e sofrer agressão verbal por parte da mãe*.

(52)

E: por que?

M1: ah eu tenho vontade de arrumar um emprego, ah:: porque meu irmão, ninguém lá em casa aceita isso não, **tem hora** que fico com vergonha, mas **tem hora** que eu fico mal, mas é ruim ter que ficar ouvindo me chamar de vagabunda, de piranha, **às vezes** minha mãe fica lá em casa falando que sou piranha, que eu sou isso, que sou aquilo, é chato sabe? (I, 169-173)

Nos excertos a seguir, as profissionais do sexo, ao serem questionadas acerca dos tópicos *o que é ser prostituta, como é realizada a higiene íntima após um programa e como são vistas as prostitutas*, fizeram uso de prefácios para indicarem suas dificuldades em falar sobre o tópico discursivo abordado. Em outras palavras, por meio da intensificação da dificuldade de discorrer sobre este, o falante cria estratégias linguísticas que favorecem a minimização da importância que deve ser atribuída às suas proposições, bem como da sua competência para tratar do assunto. Consequentemente, propicia-se ao falante a oportunidade de resguardar sua face negativa.

(53)

E: o que é ser prostituta?

M7: **pergunta difícil hein?** ((risos)) eu acho que é ser livre (++) eu me sinto melhor pensando assim (VII, 16-18)

(54)

E: como é qui você faz a sua higiene depois de um programa?

M8: **isso é complicado**, mas quando é no motel eu tomo banho (++) se é no carro, a gente se limpa com esses lenços de papel aí o banho só em casa depois (VIII, 75-87)

(55)

E: como as prostitutas são vistas?

M10: **isso aí é complicado demais né cara** (+++) o povo sempre acha que a gente num vale nada, que tá eh (+) aqui na sem vergonhice (++) acha que é fácil essa vida aqui, num pensa no sofrimento também não eh a gente passa frio (+) tem que ficar na rua (++) eh a noite toda de domingo a domingo e encarar cada homem estranho (X, 36-40)

A seguir, podemos observar no QUADRO 2 as estratégias de polidez negativa encontradas em nosso corpus e abordadas nessa seção de análise:

QUADRO 2
Estratégias de Polidez Negativa

Aspectos	Funções	Estratégias Linguísticas
<i>Distanciamento</i>	Recusa de ponto de vista do enunciado	Indeterminação do sujeito
	Distanciamento temporal	Uso de condicional
	Distanciamento emocional	Marcadores de opinião
<i>Imprecisão e Minimização</i>	Limitação do grau de verdade	Marcadores que sinalizam aparências, grau de possibilidade, conhecimento do falante, domínio, período de tempo e determinação de categoria

1.2-ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ POSITIVA

Em relação às estratégias de polidez positiva cuja finalidade está balizada em promoção da proximidade, da cooperação, aprovação e estima, pudemos observar o uso, pelas mulheres entrevistadas, de elementos léxicos, sintáticos e de estratégias conversacionais para compartilharem conhecimentos de mundo, valores, perspectivas e desejos comuns para com o ouvinte.

De acordo com Valério (2003, p. 112), as estratégias que visam o estabelecimento de proximidade servem para trazer o ouvinte para o discurso, buscando o seu envolvimento e a sua participação ativa na interação. Assim sendo, essas estratégias constituem recursos retóricos que aproximam os interlocutores a partir das noções de ponto de vista, de tempo e de esquemas mentais.

Em relação à aproximação temporal, podemos observar o uso das locuções adverbiais *agora*, *agora mesmo* e *outro dia*, pois estas possibilitam que os fatos relatados, mesmo que ocorridos no passado, sejam transferidos para a recentidade do conteúdo proposicional, trazendo a ação relatada para perto do ouvinte. (VALÉRIO, 2003, p. 113)

Nos excertos 56 e 57, podemos observar os marcadores temporais *agora* e *outro dia* estabelecendo uma relação de proximidade temporal que torna o conteúdo proposicional quase presente.

(56)

E: usa camisinha com o seu parceiro fixo?

M4: a mulher tem que usar camisinha com parceiro sim, com cliente, com tudo que é homem (+) tem que usar com certeza (+++) eu engravidei três vezes porque dei muita bobeira com meus namorados, fui lá na empolgação e pá::: **agora?** **agora** nem posso pensar porque três filhos (+) já viu, né! ((risos)) (IV, 98-102)

(57)

M1: cada um tem seu lugar aqui, **outro dia** chegou umas aqui, fiquei com medo de caçar confusão comigo, mas aí eu peguei e fiquei quieta, aí eu perguntei pra elas se eu podia ficar, aí elas falaram “não meu bem pode ficar”, uma falou que trabalha fora que vem aqui de vez em quando (I, 127-130)

Outra estratégia que sinaliza proximidade é desvelada por meio do uso do discurso direto, uma vez que a suposta exata reprodução da fala ao mesmo tempo em que torna o discurso vívido, aproxima temporalmente, o evento narrado da instância de enunciação e, conseqüentemente, dos interlocutores (VALÉRIO, 2003, p. 114).

Nos exemplos a seguir, podemos observar que o discurso direto nos relatos sexuais das prostitutas permite que estas possam trazer para o presente as reais palavras utilizadas no passado por outrem e, nesse sentido, darem mais realidade ao que dizem.

(58)

E: o que?

M6: teve uma vez que um cara cheio da grana veio fazer programa comigo (++) aí a gente foi pro motel eh o cara todo engravatado, todo machão, ele era até bonitão mesmo aí ele pegou uma sacola no banco de trás ((risos)) aí ele tirou um abobrinha do saco e falou assim “**eu nunca fiz isso não, é a primeira vez**” ((risos)) claro que eu num acreditei nele, o povo mente muito, fica com muita vergonha dessas coisas (+) então ele virou e falou comigo “**enfia lá com cuidado porque eu nunca fiz isso**” ((risos)) eu fiquei com vontade de rir porque ele era daqueles caras que fica fingindo que tem o cu apertado, mas sô cê enfiar o dedo, a mão já cai rapidim dentro e cê até tira um extintor de incêndio de lá dentro ((risos)) no final foi tudo tranquilo, ele amou o treco, fico gemendo e gozou um tantão ((risos)) (VI, 73-83)

(59)

E: por que ela te maltratou?

M1: CLARO, ela me chamou de puta perto do marido dela, aí ela ficou falando com o marido dela “**num goza agora não, num goza agora não, se gozar vai perder a graça**”, NUM GOSTEI MESMO, foi a primeira e última, nunca mais eu fiz (+++) ah lembrei de outro casal, eles moram ali perto mesmo da Pampulha, só que a mulher ficou lá na cama e eles colocaram vídeo pornô, e eles ficaram olhando, só que num fiz nada com eles também não, só queriam que eu ficasse ali olhando, aí depois eles me deixaram no mesmo lugar que eles me pegaram (I, 219-226)

Nessa vertente, foram utilizados os marcadores *né?*, *entendeu?* e *entendeu né?*, os quais demonstram que o falante compartilha as suas proposições com o ouvinte e busca a sua participação e/ou seu apoio, outrossim, conduz o seu interlocutor ao longo da interação.

Segundo Urbano (1999, p. 99), esses marcadores são elementos linguísticos que estruturam o texto, considerado não só como construção verbal cognitiva, mas também como uma organização interacional interpessoal. Portanto, trata-se de recursos que sinalizam orientação ou alinhamento recíproco dos interlocutores ou destes em relação ao discurso.

Nos excertos, a seguir, os marcadores *né?*, *entendeu?* e *entendeu né?* foram utilizados no fim do turno conversacional, indicando a solicitação de participação do ouvinte, ou seja, esse marcador tem valor interacional, pois sinaliza a entrega explícita do turno ao ouvinte.

(60)

E: é mais seguro em lugar fechado?

M4: pra falar a verdade nenhum lugar é cem por centu seguro (++) a gente quase nunca sabe com quem tá lidando, **né?**

E: já sofreu violência ou foi discriminada? (IV, 41-44)

(61)

E: já sofreu alguma coisa de violência, discriminada?

M5: discriminada sempre a gente é sim, já apanhei de uns homens, mas hoje ando ligada porque a gente num sabe o que tá pra vir **né?**

E: você veste diferente pra trabalhar aqui? (V, 36-39)

(62)

M1: nada, ele num pagou nada não, eu num cobre nada não, ele me deu uma carona do centro até aqui {ele a levou da praça sete até o alto da Avenida Afonso Pena}, foi uma troca porque ao invés de eu pegar um ônibus e pagar passagem ele me deu uma carona, **entendeu né?**

E: uhum (I, 161-165)

Em relação à verificação da compreensão do ouvinte, o falante emprega os MCs na posição medial do turno conversacional com entonação ascendente e continua a desenvolver suas proposições, não objetivando ceder o turno. Assim, esses marcadores sinalizam que a atenção do ouvinte está sendo testada e que o falante pretende envolver o ouvinte na exposição dos tópicos. Nessa perspectiva, podemos observar o uso dos marcadores *né?*, *entendeu?* e *sabe?* a seguir.

(63)

E: você usa alguma roupa diferente para trabalhar aqui na rua?

M6: eu venho bem vestida (+) com perfume bom, maquiada, mas eu num fico pelada não (++) uso roupa normal, mas eu adoro usar bota, fica mais chique **né?** de dia eu trabalho com roupa normal, de uniforme e cabelo preso (VI, 56-59)

(64)

E: como que é trabalhar aqui na rua, tem regras?

M3: bom, cada uma escolhe o lugar que ela vai ficar, quanto à roupa cada uma escolhe a roupa que quer usar (+) depende da pessoa (+) eu, por exemplo, ODEIO trabalhar com roupa curta porque tipo assim, aqui na rua tem tipo um preconceito (++) quem trabalha na rua é vagabunda e tal, a roupa aqui eh manda aqui **entendeu?** o cara que compra revista de mulher pelada ele num compra a revista por causa da roupa, ele quer o que tá dentro ((risos)) (III, 38-44)

(65)

E: você já ficou triste com algum programa?

M10: eu só fiquei uma vez, no primeiro programa (++) fica aquela coisa na sua cabeça, passa um filme na hora né (+) o cara ali passando a mão toda na gente aí depois a gente fica mais com a cabeça fria **sabe?** (++) a gente fica pelo dinheiro, tem que saber separar as coisas senão a gente num dá conta do trabalho (X, 80-84)

O uso de vocativos (*cara*, *moço*, *menino*, *bobo*) e de determinados imperativos (*vê* e *olha*) também foi recorrente em nosso *corpus* e tiveram como objetivo chamar a atenção do ouvinte para a fala do falante e, de forma significativa, envolver o ouvinte na interação ao estabelecer laços de cumplicidade.

(66)

E: eh você tem um preço médio por programa?

M4: varia **moço**, é cinquenta a hora com tudo completo (++) se o cliente quiser só um oral é trinta (IV, 18-20)

(67)

E: você já sofreu algum tipo de violência?

M6: o povo é sacana demais **cara**, eles passam aqui e xingam a gente de tudo que é nome, joga uma porrada de coisa na gente de madrugada eh (+++) num respeita ninguém (+) uma vez eu levei uma ovada aqui na rua, eles são babacas demais (VI, 48-51)

(68)

E: alguém já te bateu, te xingou aqui?

M1: JÁ, quando os carros passam aqui eles me xingam de puta, piranha, um dia **menino**, um carro parô aqui e o cara sentô um negócio na minha barriga, nossa foi foda, ficô um tempão doendo (I, 78-81)

(69)

E: você tem nojo dos homens?

M1: ah **bobô**, tem uns que dá pra ficar com nojo né (I, 72-73)

(70)

E: no sexo oral também?

M10: CLARO! eu num chupo pau sem camisinha (++) eh o trem das doenças hoje tá feio demais! **vê** se a gente pode ficar brincando com essas coisas! (X, 53-55)

(71)

E: cê tem uma média de números de programas por dia?

M2: **olha**, eu sempre trabalho com disposição, na média de 5 programas por dia (II, 23-24)

Nesse contexto de busca pelo envolvimento do ouvinte, podemos notar que o uso de certos marcadores de sustentação de turno e introdução de novo tópico discursivo e/ou explicação como, *então, aí, por exemplo, assim e agora*. Valério (2003, p. 117-118)

argumenta que alguns elementos linguísticos exercem a função interativa de manter o ouvinte na linha discursiva (direcionadores discursivos), evitando que ele se distancie da instância de enunciação. Desta feita, estes elementos funcionam como indicações de qual rumo o raciocínio do ouvinte deve seguir, uma vez que direcionam sua atenção ao longo do discurso e, nessa vertente, solicitam sua paciência e atenção até que o desfecho do que se quer dizer seja alcançado.

No excerto abaixo, o marcador *então* demonstra a retomada da proposição *pra mim é normal* após o comentário *cada um faz da sua vida o que bem entender, ninguém tem nada a ver com isso* feito pela profissional do sexo.

(72)

E: eh como você vê a prostituição?

M3: pra mim é normal, cada um faz da sua vida o que bem entender, ninguém tem nada a ver com isso, **então** pra mim é normal (III, 22-24)

O marcadores *por exemplo*, *então* e *mas como eu tava te contando* sinalizaram mudança no discurso com a introdução de uma explicação ou comentário, de uma reformulação, de um exemplo, de um novo dado ou argumento, de uma conclusão, desempenhando função interativa, pois intentam manter a atenção do ouvinte voltada para o desdobramento do discurso.

(73)

E: eh você já chorou, ficou mal com algum programa?

M2: não! GRAÇAS A DEUS ATÉ HOJE NÃO! mas a gente tem que falar não, tem que falar o que num faz, **por exemplo**, eu não gosto que ninguém me bate, **então** eu num vou sair com cliente que gosta de bater, se eu sair com esse tipo de cliente num vai dar nada que preste, **então** tem um perfil que eu me encaixo nele, eu num posso fazer o que eu não gosto só por causa de dinheiro (II, 116-121)

(74)

E: tem cara que num quer usar camisinha? ele paga mais?

M2: tem demais! mas eu faço **assim**, se o cara num quer usar camisinha eu ponho a feminina (+) num transo mesmo sem camisinha! os caras querem muito transar sem camisinha, num dá não! (II, 79-82)

(75)

E: mas ele sabe que você faz programa?

M1: sabe sim, aliás ele me conheceu **assim** (++) ali no centro, na praça sete, ele me conheceu quando eu fui procurar emprego no PSIU, tava lá procurando emprego e conheci ele lá dentro (+) aí eu falei que eu faço, que eu saio para arrumar meu dinheiro, ele num gostô não, ele NUM GOSTA NAUM, porque ele fica com ciúme né (I, 49-53)

(76)

E: o que mais os caras querem?

M6: tem um monte de coisa que os clientes buscam, **mas como eu tava te contando**, tem muito homem que gosta de vestir calcinha para trepar com a gente, tem uns que gostam de levar uma dedada, tem de tudo aqui (++) tem gosto pra tudo (VI, 84-87)

Nos exemplos 77 e 78, o marcador *agora* chama a atenção do ouvinte para uma mudança na direção que a argumentação segue:

(77)

E: quanto que você cobra pelas coisas que faz num programa?

M7: se for só uma rapidinha é cem (++) **agora** se for oral é uns 40 (VII, 47-48)

(78)

M3: meu sonho é terminar de pagar minha faculdade (+) meu apartamento que já tô quitando e **agora** vou terminar de pagar meu carro, juntar dinheiro e parar de trabalhar na rua (III, 124-126)

Dentre as estratégias de polidez positiva que buscam a aproximação social entre falante e ouvinte, encontradas em nosso *corpus*, podemos observar a utilização dos pronomes *você*, *nós* e *a gente*, que produzem um efeito de coletivização do ponto de vista que parece não ser somente do falante, mas dos envolvidos na situação comunicativa e na proposição.

Nos excertos abaixo, o falante interpela diretamente o ouvinte ao fazer uso do pronome *você*, sinalizando a busca por proximidade; o que implica no estabelecimento de polidez positiva, ou seja, cria-se um efeito no qual falante e ouvinte são assemelhados por algum aspecto como, por exemplo, conhecimento de mundo.

(79)

E: e você usa camisinha com todo mundo?

M7: camisinha é coisa básica (+) se **você** quer continuar viva nessa profissão (VII, 78-79)

(80)

E: como que é trabalhar aqui na rua?

M8: é perigoso, mas a gente vai conhecendo as pessoas (++) depois **você** acaba acostumando com todo mundo daqui (VIII, 30-32)

(81)

E: por que você num contou antes?

M3: tipo assim quando **você** começa a trabalhar e ganhar muito dinheiro então **você** fica (++) vira fato, **você** só pensa em dinheiro eh tipo assim quando **você** tá ali com ele, aí **você** fica pensando MEU DEUS eu não tô aqui ganhando dinheiro, to dando tesão pro cara entendeu?... (III, 103-107)

Em relação ao emprego dos pronomes *nós* e *(a) gente*, podemos observar que estes elementos sinalizam um efeito de coletividade das proposições do falante, no qual ele também se insere, criando-se assim uma esfera enunciativa *eu + outras profissionais do sexo* (conforme os exemplos 82 a 84). Assim sendo, o falante ao utilizar esses pronomes associados à expressão de sentimentos intenta a comunhão do seu ponto de vista com o ouvinte, o que nos permite perceber a busca por apoio e por solidariedade acerca de conclusões e/ou reflexões.

(82)

E: como as pessoas vêem as profissionais do sexo?

M4: o povo acha que **nós** somos vagabundas eh::: que tamu aqui por que **a gente** quer (++) acha que não temu família (+++) que tudo isso é pilantragem (IV, 36-38)

(83)

E: você tem prazer?

M10: eu num tenho não! **a gente** tem com o cara que a gente gosta, tem que ter amor no meio, pagando num tem isso não! (X, 94-96)

(84)

E: em relação à violência cê já sofreu alguma coisa? já foi discriminada?

M2: a mulher só sofre discriminação quando ela fala que é prostituta porque eu posso andar beagá inteira que eu sou conhecida como mulher comum, mas o travesti já é discriminado pelo visual (+++) aqui na Afonso Pena, quando **a gente** tá no ponto pra trabalhar o povo sabe que **a gente** é prostituta aí passa os *playboy* joga latinha na **gente**, extintor de incêndio, xinga de tudo quanto é nome mas quando dá problema de machucar alguém **a gente** pega a placa e chama polícia! (++) assim que **a gente** tem que fazer! (II, 56-62)

Entretanto, no excerto a seguir, podemos notar que apesar de o pronome *nós* delimitar a esfera enunciativa *eu + profissionais do sexo*, a expressão *todo mundo* balizada na associação *eu + ouvinte ou qualquer outra pessoa* estabelece uma aproximação social entre falante e ouvinte, pois permite a inclusão do ouvinte na proposição *conhecimento acerca dos riscos de se transar sem proteção* e, assim, cria-se um efeito de coletivização do ponto de vista.

(85)

E: você acha que as prostitutas que ganham menos também se previnem?

M2: todas **nós** nos prevenimos, **todo mundo** sabe do risco de transar sem camisinha (II, 77-78)

Outra forma de promoção da polidez positiva encontrada em nossos dados refere-se ao uso de determinados itens lexicais indicadores de identidade de grupo como, por exemplo, gírias e vocábulos próprios das profissionais do sexo. Valério (2003, p. 122) afirma que certos elementos linguísticos (vocábulos populares ou gírios, clichês, piadas etc)

utilizados em interações informais promovem a atmosfera de polidez positiva na interação, pois apesar de possuírem nuances próprias, estes se apóiam sobre pressupostos culturais compartilhados e podem ser usados para reafirmar tais valores.

Sob esse ângulo, podemos observar o uso de alguns elementos linguísticos que funcionam como indicadores de identidade de grupo: *consolo*, *batalhar*, *bato ponto*, *ponto*, *dá pau*, *ligada*, *borracha*, *papai e mamãe* e *arroz com feijão*.

No excerto a seguir, o vocábulo *consolo* foi usado como alusão à penetração no ânus masculino por meio de um vibrador ou um pênis.

(86)

E: e os clientes procuram o que?

M3: a maioria dos clientes aqui procura mesmo é travesti ((risos)) eles procuram mesmo o negócio né? eles querem **consolo** ((risos)) muito homem casado vem ser passivo ((risos)) a maioria dos meus clientes vem pra realizar fantasia comigo (III, 69-72)

Os termos *batalhar* e *bato ponto* significam *se prostituir*, enquanto *ponto* se refere *ao local de prostituição* – não como um todo (Avenida Afonso Pena), mas em espaços bem específicos como, por exemplo, uma esquina, um ponto de ônibus, em frente a um determinado estabelecimento ou prédio etc.

(87)

E: o que qui é mais ou menos?

M6: porque aqui a gente fica exposta né cara, todo mundo passa (+) dá uma olhada, xinga a gente (++) dá um medo de ver gente conhecida, mas fazê o que? tenho que **batalhar** aqui (VI, 16-18)

(88)

E: trabalha só aqui na Afonso Pena?

M4: aqui na Afonso Pena, mas **bato ponto** eh::: em outros locais de vez em quando, mas na maioria das vezes tô sempre aqui (IV, 13-15)

(89)

E: como que é trabalhar aqui na rua, tem regras?

M7: a regra é cada uma na sua, mas entre nós é tranquilo (++) só não gostamos de chegar e ver outra no nosso **ponto**, aí dá pau ((risos)) no mais cada uma sabe o que quer atrair (VII, 38-40)

No excerto abaixo, o termo *ligada* significa *ficar esperta*.

(90)

E: já sofreu alguma coisa de violência, discriminada?

M5: discriminada sempre a gente é sim, já apanhei de uns homens, mas hoje ando **ligada** porque a gente num sabe o que tá pra vir né? (V, 36-38)

O vocábulo *borracha* foi utilizado como sinônimo de *preservativo*.

(91)

E: você usa camisinha nos programas?

M6: claro né! eu só faço programa com camisinha, até pra chupar o cara eu só chupo com a **borracha**, hoje em dia num dá pra brincar com isso não (+) tem muita gente doente que num preocupa com os outros, acha que a gente transa de qualquer jeito (++) isso num é verdade não, a gente se cuida, até porque a gente também tem família no mundo pra criar, tem que cuidar da gente mesmo (VI, 60-65)

No excerto 92, a expressão *papai e mamãe* significa relação sexual em que a mulher fica deitada de pernas abertas, sendo penetrada pelo homem, que está posicionado em cima dela, ou seja, ambos ficam face a face.

(92)

E: por que cê acha que os clientes te procuram?

M6: eles vêm aqui na gente porque as esposas num chupam (+) num gosta de ficar de quatro, fica cheia de frescura na cama, fica só no **papai e mamãe** (VI, 88-90)

A expressão *arroz com feijão* significa relações sexuais cujas posições e práticas são rotineiras.

(93)

E: por que você acha que os homens para aqui?

M1: porque eles querem algo diferente, acham que a gente sabe fazer o negócio, eles tão cansados do mesmo negócio todo dia, tão cansados do **arroz com feijão** ((risos)) (I, 254-256)

De acordo com Valério (2003, p. 124), expressões vagas e formas onomatopaicas (indicadores de vaguidade) são usadas quando o conhecimento compartilhado pelos interlocutores dispensa a complementação ou especificação da informação que se quer expressar, pois a lacuna informacional deixada pelo falante é facilmente completada pelo ouvinte com base no seu conhecimento de mundo.

Vistos sob este ângulo, os marcadores *e tal*, *coisa(s)*, *trem*, *negócio*, *treco*, *tudo quanto é nome*, *tudo que é nome*, *de tudo*, por serem termos genéricos, conduzem o ouvinte a realizar uma interpretação, por meio de inferências, do discurso do falante. Nos exemplos a seguir, podemos observar essa estratégia linguística que se baseia em polidez positiva, cujos princípios estão ancorados na pressuposição de que falante e ouvinte pertencem ao mesmo grupo, compartilhando conhecimento de mundo, anseios e valores.

(94)

E: como que é trabalhar aqui na rua, tem regras?

M3: bom, cada uma escolhe o lugar que ela vai ficar, quanto à roupa cada uma escolhe a roupa que quer usar (+) depende da pessoa (+) eu, por exemplo, ODEIO trabalhar com roupa curta porque tipo assim, aqui na rua tem tipo um preconceito (++) quem trabalha na rua é vagabunda **e tal**, a roupa aqui eh manda aqui entendeu? o cara que compra revista de mulher pelada ele num compra a revista por causa da roupa, ele quer o que tá dentro ((risos)) (III, 38-44)

(95)

E: e os clientes te procuram pra quê?

M6: ((risos)) eh prum tanto de **coisa** (VI, 71-72)

(96)

E: quanto que você cobra pelo programa?

M8: cem reais, mas às vezes os clientes gostam do **trem** e pagam mais (VIII, 42-43)

(97)

E: alguém já te bateu, te xingou aqui?

M1: JÁ, quando os carros passam aqui eles me xingam de puta, piranha, um dia menino, um carro parô aqui e o cara sentô um **negócio** na minha barriga, nossa foi foda, ficô um tempão doendo (I, 78-81)

(98)

M6: teve uma vez que um cara cheio da grana veio fazer programa comigo (++) aí a gente foi pro motel eh o cara todo engravatado, todo machão, ele era até bonitão mesmo aí ele pegou uma sacola no banco de trás ((risos)) aí ele tirou um abobrinha do saco e falou assim “eu nunca fiz isso não, é a primeira vez” ((risos)) claro que eu num acreditei nele, o povo mente muito, fica com muita vergonha dessas **coisas** (+) então ele virou e falou comigo “enfia lá com cuidado porque eu nunca fiz isso” ((risos)) eu fiquei com vontade de rir porque ele era daqueles caras que fica fingindo que tem o cu apertado, mas sô cê enfiar o dedo, a mão já cai rapidim dentro e cê até tira um extintor de incêndio de lá dentro ((risos)) no final foi tudo tranquilo, ele amou o **treco**, fico gemendo e gozou um tantão ((risos)) (+++) (VI, 74-83)

(99)

E: em relação à violência cê já sofreu alguma coisa? já foi discriminada?

M2: a mulher só sofre discriminação quando ela fala que é prostituta porque eu posso andar beagá inteira que eu sou conhecida como mulher comum, mas o travesti já é discriminado pelo visual (+++) aqui na Afonso Pena, quando a gente tá no ponto pra trabalhar o povo sabe que a gente é prostituta aí passa os *playboy* joga latinha na gente, extintor de incêndio, xinga de **tudo quanto é nome** mas quando dá problema de machucar alguém a gente pega a placa e chama polícia! (++) assim que a gente tem que fazer!

(100)

E: e agressão verbal aqui é constante?

M3: com certeza eh passa um monte de cara e manda a gente trabalhar (++) chama a gente de vagabunda, mas num me atinge não, chama a gente **de tudo que é nome**, homem e mulher mexem (III, 108-111)

(101)

E: que tipo de cliente você tem aqui?

M8: tem **de tudo** aqui mas eu só vou eh::: eu só vou com que me paga antes (VIII, 24-25)

De modo semelhante, o uso da forma onomatopaica *pá:::* cria um efeito de realidade ao reproduzir uma reação de uma dada ação, sendo a sua interpretação dependente do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte.

(102)

E: usa camisinha com o seu parceiro fixo?

M4: a mulher tem que usar camisinha com parceiro sim, com cliente, com tudo que é homem (+) tem que usar com certeza (+++) eu engravidei três vezes porque dei muita bobeira com meus namorados, fui lá na empolgação e **pá:::** agora? agora nem posso pensar porque três filhos (+) já viu, né! ((risos)) (IV, 98-102)

Valério (2003, p. 127-128) declara que a pressuposição de conhecimento de mundo, anseios e valores compartilhados permite ao falante se surpreender quando o comportamento linguístico ou não do ouvinte não corresponde ao esperado e, por isso, perguntas cujas respostas são óbvias e asserções ou ações que violem os esquemas compartilhados são comumente interpeladas pela interjeição *uai*.

Nos excertos 103 e 104, podemos notar o uso dessas interjeições para expressar surpresa:

(103)

E: que profissão você declara ter?

M4: essa **uai**, sou prostituta (IV, 24-25)

(104)

E: você atende mulher e casal?

M8: só homem mesmo! mulher não **uai** ((risos)) (VIII, 58-59)

Em relação à expressão de sentimentos em seus relatos, as profissionais do sexo explicitam aspectos em comum entre os interlocutores, dinamizam a interação, o que favorece o estabelecimento da proximidade, da solidariedade, do envolvimento dos interactantes entre si e dos mesmos com o seu discurso, uma vez que é desejável a expressão dos sentimentos na polidez positiva.

Dentre as estratégias linguísticas voltadas para a promoção da expressão de sentimentos, podemos destacar o uso de interjeições, de modificadores expressivos, de locuções verbais interjectivas, de dupla negativa e dupla afirmativa, de reiterações e enumerações expressivas, de diminutivos conotativos afetivos e de palavras com grande carga expressiva. (VALÉRIO, 2003, p. 132-142)

Nos trechos a seguir, podemos notar o marcador *ah* exercendo função de intensificação do tópico discursivo que introduz e o marcador *eh* sinalizando planejamento verbal (hesitação). Torna-se importante destacar que interjeições, geralmente, expressam emoções, desejos e atividade mental.

(105)

E: e quando você faz programa os clientes fazem sexo oral em você, eles usam camisinha?

M2: não, não, eu gosto que me chupa, mas eu num deixo qualquer um pôr a boca ni mim não

E: por quê?

M1: **ah** não, eu tenho medo de pegar doença (I, 180-181)

(106)

E: você batalha só aqui na Afonso Pena?

M10: **ah** desde que eu comecei **eh** tô sempre aqui (X, 12-13)

Outros marcadores utilizados pelo falante para expressar de maneira emotiva os tópicos discursivos abordados referem-se às interlocuções adjetivas *nossa senhora* e outras que incluem o vocábulo *Deus*.

(107)

E: já sofreu violência ou foi discriminada?

M4: **nossa senhora!** (++) se a gente fala que é puta a gente sofre discriminação sim, os clientes mesmo tratam a gente como objeto e fazem questão de falar que tamu ali pra isso e pronto (++) teve um sim que queria me bater porque num queria pagar meu preço, até me deu um tapa e se eu não saísse correndo, ele ia me espancar! (+) os outros foram só bate boca mesmo (IV, 44-49)

(108)

.... aí ele falou “enquanto eu num cumê seu cu cê num vai sair daqui”, aí eu fiquei pensando em **DEUS, OH MEU DEUS** num deixa esse homem tirar minha vida não, eu tinha família, tenho meu filho, aí eu fui passando a mão no rosto dele... (I, 96-98)

(109)

E: eh você já chorou, ficou mal com algum programa?

M2: não! **GRAÇAS A DEUS ATÉ HOJE NÃO!** mas a gente tem que falar não, tem que falar o que num faz, por exemplo, eu não gosto que ninguém me bate, então eu num vou sair com cliente que gosta de bater, se eu sair com esse tipo de cliente num vai dar nada que preste, então tem um perfil que eu me encaixo nele, eu num posso fazer o que eu não gosto só por causa de dinheiro (II, 116-121)

(110)

E: mas algum cliente já te agrediu?

M1: não não **GRAÇAS A DEUS NÃO** (I, 82-83)

Os modificadores expressivos são elementos que intensificam a carga expressiva de um enunciado e contribuem para uma maior contundência no extravasamento das emoções do falante e, assim sendo, podem intensificar a importância e/ou a veracidade da proposição e seus elementos, bem como a plenitude ou abrangência do conteúdo proposicional ou a quantidade a qual este se refere. (VALÉRIO, 2003, p. 136-137)

Os marcadores *demais*, *(bem) mais*, *mesmo*, *o tanto de*, *super* foram utilizados pelas profissionais do sexo para intensificar a importância, a contundência ou a veracidade de um tópico discursivo.

(111)

E: cê já ficou triste com algum programa?

M4: nossa! meu primeiro programa eu chorei **demais** (++) comecei a ver que num era nada fácil deitar com homem desconhecido, que cê nunca viu a cara, num sabe se tem doença (+) essas coisas (++) acho que num vou acostumar nunca, mas chorar eu num choro **mais** não! tô aqui pra isso e tenho que ser profissional (IV, 81-85)

(112)

E: e as fantasias?

M5: eles chegam cheios de fantasias (+) é engraçado porque é cada uma **mais** esquisita que a outra (++) mas geralmente as fantasias são com duas mulheres, eles me pagam e pagam outra meninas e leva nós prum motel e aí ce já viu ((risos)) (V, 57-60)

(113)

E: agora eu vou perguntar da parte íntima do programa, você pode falar mesmo, num precisa ter vergonha não, quando você encontra os clientes o que que eles querem?

M1: anal né, num gosto de fazer sexo anal não, **NÃO FAÇO SEXO ANAL MESMO**, num gosto, não **mesmo** (++) combino antes pra depois eu ir, anal num faço **mesmo** não (I, 24-27)

(114)

E: por que trabalhar na rua?

M3: porque na rua eu fico **bem mais** exposta, olha o **tanto de** gente que para aqui pra me pegar! (III, 13-15)

(115)

E: e como você é no seu dia a dia?

M3: sou a mesma coisa, **super** normal, cada ambiente a gente tem um comportamento diferente, eu num vou comportar no **, que será a minha profissão do jeito que eu me comporto aqui na rua, na faculdade brincando com os meus amigos (++) cada lugar você deve comportar, cada local exige um comportamento (III, 50-54)

Outros marcadores como *mó*, *claro* e *com certeza* também sinalizam que o falante intensifica, seja por pela veracidade, seja por pela importância da proposição:

(116)

E: alguém sabe que você faz esse tipo de trabalho?

M1: alguém da minha família já descobriu, o meu irmão já me viu na rua, achô um bolo de dinheiro na minha gaveta, deu **mó** problema aí eu saí de casa e depois eu voltei de novo (I, 59-61)

(117)

E: e em relação às doenças hoje você se previne?

M2: **claro!** hoje as prostitutas se previnem mais do que os clientes, tem um monte de cliente que num tá nem aí pra nada (++) os cara viram e falam “eu sou casado, médico, advogado e eu num tenho nada” mas eu num acredito não, num sei com quem ele tava há dois minutos atrás, eles não se cuidam (II, 72-76)

(118)

E: e tem clientes fixos?

M3: **claro!** tem cliente que vem toda semana, cliente fixo mesmo! (III, 94-95)

(119)

E: cê pensa em parar de se prostituir?

M5: **claro**, isso não é vida (++) se tiver oportunidade melhor eu paro sim, **com certeza!** (V, 90-91)

Paralelamente, os marcadores *até*, *completamente*, *nenhum*, *nada*, *nem*, *ninguém*, *simplesmente*, *só*, *mesma*, *muito(as)*, *pelo menos*, *tantos(as)*, *toda* e *monte* indicam a plenitude ou a abrangência, a precisão e a quantidade expressa pelo conteúdo proposicional, conforme exemplos a seguir.

(120)

E: você já ficou mal com algum programa?

M8: eu fico mal com **todos**, mas já tô até acostumando, tem uns que **até** acho graça depois (++) tem uns com o pinto muito pequeno ((risos)) (VIII, 50-52)

(121)

E: você faz a separação amor x sexo?

M2: **COMPLETAMENTE!** existe o sexo como complemento do amor, lógico, mas tem muita gente que **só** se realiza no sexo, amor é uma coisa, sexo é outra (II, 126-128)

(122)

E: tem algum cliente que se recusa a usar camisinha?

M4: tem sim, mas num faço de jeito **nenhum!** (++) se quiser tem que ser com camisinha, se num quiser com camisinha **nem** faço, deixo **até** de ganhar, mas num **FAÇO NEM MORTA MESMO!** (IV, 57-60)

(123)

E: você tem uma profissão declarada pro governo?

M10: eu num tenho carteira assinada não! (+) mas já tive né, eu trabalhava numa loja daqui do centro (++) eu tava cansada porque trabalhava demais e no fim do mês eu ganhava um salário mínimo que num dava pra pagar **nada** (++) eh eu ficava só pagando conta, aí tive que dá um jeito de ter mais grana pra fazer as coisas que eu queria (X, 22-26)

(124)

E: e como você acha que o povo vê as prostitutas?

M5: tem muito preconceito né, mas num ligo porque num tô roubando (+) **nem** matando (V, 29-30)

(125)

E: você contou pros seus namorados que você trabalhava aqui?

M9: não! pra **ninguém!** (IX, 97-98)

(126)

E: mas aí ele comentou com alguém?

M1: não, mas ele me viu parada na rua perto duns motel na pampulha (+++) aí chegado em casa ele falou **até** na minha cabeça, me encheu de tapa, deu **monte** de tapa na minha cabeça, me xingou **toda**, aí eu liguei pra minha tia chorando e fui pra lá, aí eu tinha falado para ele que eu tinha vendido uns produtos para muié lá, que eu tava lá pra isso, pior que tinha uma muié lá mesmo que eu vendia pra ela... (I, 62-67)

Os marcadores *nunca*, *ninguém*, *muitas vezes*, *direto*, *na maioria das vezes*, *sempre* sinalizam a frequência, a continuidade ou descontinuidade de algum elemento do conteúdo proposicional abordado na interação, como podemos observar a seguir:

(127)

E: seu filho sabe que você é prostituta?

M6: **NUNCA VAI SABER!** (++) rapidim eu to saindo dessa vida e **ninguém** vai saber o que eu fazia aqui na rua! (128-130)

(128)

E: e você já se apaixonou por algum cliente?

M10: **NUNCA!** eu sou bem resolvida nesse trabalho na noite (X, 97-98)

(129)

E: e como você acha que o povo vê as prostitutas?

M2: nós somos julgadas na rua porque o povo pensa que prostituição é droga, que a gente tá com a cara enfiada nas drogas, mas o povo **muitas vezes** faz isso pra sacanear! (++) a gente vê **direto** aí na televisão quando a prostituta é presa com droga, mas né verdade não! como é que a gente pode enfrentar a realidade com droga na cabeça, num dá pra trabalhar drogada não (++) **na maioria das vezes** é o cliente que vem com a droga pra cá, aí depois todo mundo joga tudo de ruim na gente entendeu? num dá não (II, 39-45)

(130)

E: você é casada?

M6: **sempre** fui solteira (VI, 1-2)

(131)

E: você usa camisinha?

M3: com oral, com tudo, não chupo sem camisinha não (+++) o cara me chupa sem camisinha, mas eu faço exame **direto**, eu cuido de mim, num dou bobeira não, **sempre** vou ao ginecologista particular (III, 83-86)

Nesse contexto de expressão das emoções também foram utilizadas a dupla negativa e a dupla afirmativa como sinalizadores da intensificação da expressão dos sentimentos do falante em relação a uma determinada situação.

Em relação à dupla negativa, podemos observar o seu uso recorrente enquanto estratégia linguística para intensificar a expressão dos limites das práticas sexuais das profissionais do sexo.

Nos excertos 132 e 133, as profissionais do sexo utilizam a dupla negativa para enfatizar que não fazem sexo anal, destacando-se também que o elemento *mesmo*, dentro de uma oração negativa, enfatiza a declaração *não faço* e, de modo geral, potencializa a negação, em sua totalidade, das proposições veiculadas em seu discurso.

(132)

E: agora eu vou perguntar da parte íntima do programa, você pode falar mesmo, num precisa ter vergonha não, quando você encontra os clientes o que que eles querem?

M1: anal né, **num** gosto de fazer sexo anal **não**, **NÃO FAÇO SEXO ANAL MESMO**, **num** gosto, **não** mesmo (++) combino antes pra depois eu ir, anal **num** faço **mesmo não** (I, 24-27)

(133)

E: você tem limites pro programa?

M2: TUDO TEM LIMITE! eu realizo fantasias, os caras sempre querem a bunda, mas a bunda eu **num** dou **não**, o cara tem que saber que as coisas tem limites, eu ofereço o que eu gosto e aí eles pagam por isso (II, 107-110)

Nos excertos 134 a 136, a dupla negativa foi utilizada para sinalizar a não realização de práticas sexuais sem proteção (incluindo sexo oral no cliente), negar a pressuposição de que as prostitutas não se previnem e, também, expressar que não beija na boca dos clientes. Nas orações *num dou bobeira não* e *num dá pra brincar com isso não*, a negação evidencia a preocupação dessas mulheres para com a prática sexual segura.

(134)

E: você usa camisinha?

M3: com oral, com tudo, **não** chupo sem camisinha **não** (+++) o cara me chupa sem camisinha, mas eu faço exame direto, eu cuido de mim, **num** dou bobeira **não**, sempre vou ao ginecologista particular (III, 83-86)

(135)

E: você usa camisinha nos programas?

M6: claro né! eu só faço programa com camisinha, até pra chupar o cara eu só chupo com a borracha, hoje em dia **num** dá pra brincar com isso **não** (+) tem muita gente doente que num preocupa com os outros, acha que a gente transa de qualquer jeito (++) isso **num** é verdade **não**, a gente se cuida, até porque a gente também tem família no mundo pra criar, tem que cuidar da gente mesmo (VI, 60-65)

(136)

E: tem alguma coisa que você num faz?

M7: eu **num** beijo na boca **não** (VII, 63-64)

A dupla afirmativa foi utilizada para intensificar os sentimentos expressos pelas profissionais do sexo acerca do tópico discursivo: prazer com o cliente (ex.137), discriminação (ex. 138) e desejo em abandonar a prostituição (ex. 139).

(137)

E: cê sente prazer com o cliente?

M4: se for um cara gostosão, dá pra ter tesão **sim** e com esses eu gosto, mas tem uns velhu aí que ne:::m faço e num vejo a hora de acabar o negócio pra ir embora logo (IV, 93-95)

(138)

E: já sofreu alguma coisa de violência, discriminada?

M5: discriminada sempre a gente é **sim**, já apanhei de uns homens, mas hoje ando ligada porque a gente num sabe o que tá pra vir né? (V, 36-38)

(139)

E: você quer mudar de profissão?

M6: depois que eu conseguir comprar as minhas coisas, ter uma vida mais tranquila eu vou querer sair **sim** (+) é um momento na vida da gente, depois a gente sai e pronto! com as coisas já compradas, num vai ter que ficar sofrendo para pagar um monte de prestação ((risos)) (VI, 131-135)

O uso de palavras com grande carga expressiva traduz um julgamento ou uma avaliação, buscando-se produzir no ouvinte sentimento análogo, ou seja, a expressão da avaliação emocional do falante visa ao envolvimento do ouvinte (VALÉRIO, 2003, p. 142).

Nos exemplos abaixo, podemos notar a expressão de emoções das prostitutas desveladas por meio do uso de itens lexicais com grande carga expressiva de sentimento: *ai nossa, ah:::, ódio, triste, ruim, durona, medo, dó, sofrimento e credo*.

(140)

...fiquei lá falando tudo de Deus com ele, fiquei falando toda hora, toda hora eu ficava falando de Deus com ele lá, aí ele foi ficando nervoso, toda tremendo, num sabia o que mais que eu falava, toda tremendo e o homem pegava a minha perna, punha no sofá, **AI NOSSA** {a mulher fez cara de pavor} **RANCOU ATÉ SANGUE NO MEU RABO AH::: QUE ÓDIO QUE ME DEU DESSE HOMEM** ... (I, 99-103)

(141)

E: já ficou deprimida com algum programa?
M5: não! (+) sei que é um trabalho **triste, ruim**, mas preciso disso, encaro assim (++) sou **durona** (V, 67-69)

(142)

E: o que qui é mais ou menos?
M6: porque aqui a gente fica exposta né cara, todo mundo passa (+) dá uma olhada, xinga a gente (++) dá um **medo** de ver gente conhecida, mas fazê o que? tenho que batalhar aqui (VI, 16-18)

(143)

E: já teve algum programa que depois você ficou deprimida?
M1: eu num gostei do cara que te contei, que tentou cumê meu cu porque no outro dia ficou tudo dolorido, ele me pegou a força, olha só que **sofrimento**, fico com **dó** dessas mulheres que os homens pegam aí na rua e estupram, faz o que quer e que não quer, depois mata elas, **CREDO** (++) (I, 207-211)

Em contextos de polidez positiva cujos princípios estão balizados na promoção da proximidade, semelhança e cooperação entre os interlocutores, o uso de certas palavras – que

em outros contextos seriam consideradas como reprováveis ou depreciativas –; revela uma atmosfera de intimidade entre os parceiros conversacionais, uma vez que é permitido se expressar de modo espontâneo e despreocupado acerca de um tópico discursivo.

Nos exemplos a seguir, o uso dos vocábulos *puta*, *piranha* e *vagabunda* demonstra a intenção de expressar de modo enfático como algumas das profissionais do sexo acreditam que sejam vistas pela sociedade.

(144)

E: alguém já te bateu, te xingou aqui?

M1: JÁ, quando os carros passam aqui eles me xingam de **puta**, **piranha**, um dia menino, um carro parô aqui e o cara sentô um negócio na minha barriga, nossa foi foda, ficô um tempão doendo (I, 78-81)

(145)

E: já sofreu violência ou foi discriminada?

M4: nossa senhora! (++) se a gente fala que é **puta** a gente sofre discriminação sim... (IV, 44-45)

(146)

E: como cê acha que as pessoas vêem as prostitutas?

M6: o povo acha que a gente é tudo **vagabunda** (+) que num trabalha, que é fácil ficar aqui de noite trepando (++) com gente que a gente nem conhece e acha que a gente num merece respeito, que tamos envolvidas com um monte de coisa errada eh (++) é foda isso (VI, 39-42)

(147)

E: você contou pros seus namorados que você trabalhava aqui?

M9: não! pra ninguém!

E: por que você num contou?

E: porque homem é complicado demais! (++) eles acham que a gente é **vagabunda** se trabalha como prostituta (IX, 76-80)

Nesse viés de expressão de despreocupação e espontaneidade, podemos observar o uso de alguns termos para se referir a pênis, ânus e práticas sexuais, conforme os exemplos seguintes.

Nos excertos 148 e 149, as expressões *chupo pau* e *cair de boca no pau* foram usadas para se referir à prática de sexo oral no cliente, uma vez que o vocábulo pênis foi substituído por *pau* e *pinto*.

(148)

E: no sexo oral também?

M10: CLARO! eu num **chupo pau** sem camisinha (++) eh o trem das doenças hoje tá feio demais! vê se a gente pode ficar brincando com essas coisas! (X, 53-55)

(149)

E: tem cliente que não quer usar?

M6: tem uns mesmo, que acha que a gente vai **cair de boca no pau** deles e pronto ((risos)) mas eu num faço mesmo, a gente conversa e aí resolve o problema (++) eu nem sei onde anda o **pinto** dele, num dá pra fazer sem camisinha não, é um risco muito grande (+) tem que ter muita coragem pra correr risco de pegar um monte de doença (VI, 66-70)

Nos trechos abaixo, os vocábulos *cu* e *bunda* foram utilizados em substituição a ânus e as expressões *comer meu cu* e *cumê seu cu* referem-se ao coito anal.

(150)

...fechou a janela toda, pegou um negócio verde, um negócio que ele começou a enrolar no papel, aí começou a fumar, ficou DOIDÃO, aí falou que ia **comer meu cu** de tudo quanto é jeito, que enquanto eu num desse o **cu** pra ele eu num ia sair de lá, PASSEI MÓ APERTO ((risos)) aí ele falou “enquanto eu num **cumê seu cu** cê num vai sair daqui”... (I, 93-96)

(151)

E: você tem limites pro programa?

M2: TUDO TEM LIMITE! eu realizo fantasias, os caras sempre querem a **bunda**, mas a **bunda** eu num dou não, o cara tem que saber que as coisas tem limites, eu ofereço o que eu gosto e aí eles pagam por isso (II, 107-110)

A expressão *batendo punheta* refere-se à masturbação masculina.

(152)

E: teve alguma fantasia engraçada?

M10: semana passada teve um cara que ficou lambendo minha axila e **batendo punheta** (+) ele num queria transar não (+) o cara ficou com tesão demais só com a axila ((risos)) mas é como eu te falei aqui dá de tudo (X, 62-65)

No exemplo 153, a palavra *trepar* refere-se ao ato de cópula e *levar uma dedada* significa introdução do dedo no ânus.

(153)

E: o que mais os caras querem?

M6: tem um monte de coisa que os clientes buscam, mas como eu tava te contando, tem muito homem que gosta de vestir calcinha para **trepar** com a gente, tem uns que gostam de **levar uma dedada**, tem de tudo aqui (++) tem gosto pra tudo (VI, 84-87)

Algumas locuções adverbiais também foram utilizadas para fazer menção ao ânus (*lá trás*) e à vagina (*lá dentro*):

(154)

E: você faz sexo anal?

M6: ((risos)) cê tá doido? **lá trás** eu num dou nem vendo, é meu! (VI, 93-94)

(155)

E: e com ele você usava camisinha?

M1: uhum, até com ele eu usava camisinha né

E: sempre?

M1: uhum fiz com ele uma vez só sem camisinha, uma vez só porque estourô dentro de mim, estorô **lá dentro**, ficou um pedaço de plástico **lá dentro** de mim (I, 54-58)

(156)

E: e como que você faz a sua higiene?

M3: aqui na rua cê lava tudo na hora que você vai no motel, mas assim que você chega em casa, cê faz uma ducha higiênica com eh (+++) ih eu esqueci o nome do negócio, um negócio branco que você coloca **lá dentro** pra tirar o gel da camisinha que ficou **lá dentro**, pra num dá infecção lá (III, 118-123)

Segundo os princípios delineados por Brown & Levinson (1987, p.109), o exagero é o excesso de descomedimento permitido somente em contextos de polidez positiva. Em nossos dados podemos destacar, nesse particular, o exagero na expressão das impressões do falante, acerca do tópico discursivo abordado, por meio de hipérboles:

(157)

E: alguém sabe que você faz esse tipo de trabalho?

M1: alguém da minha família já descobriu, o meu irmão já me viu na rua, achô **um bolo de dinheiro** na minha gaveta, deu mó problema aí eu saí de casa e depois eu voltei de novo (I, 59-61)

(158)

... ele pediu para ficar batendo só na beirada da cama (risos) aí a gente tem que pensar bem porque o cara depois pode sacanear e falar com a polícia que eu bati nele, aí acham que a gente é mentirosa, porque quando eu falo um negócio desse ninguém acredita, a imaginação humana é muito doida (++) o cara **morreu de tesão!** nem precisou transar, só de bater o salto na cama ele ficou **doido!** (II, 102-106)

(159)

E: que tipo de cliente você tem aqui?

M3: bem eh (+) vem muita gente aqui, velho, novo, é gente demais

E: eh pobre, rico?

M3: **todo mundo rico!** (III, 3134)

(160)

E: seu filho sabe que você é prostituta?

M5: ele tem só 5 anos, num entende dessas coisas e num sei se vou contar quando ele entender (+++) é difícil né moço, imagina que choque pra ele saber que a mãe deita **com tudo qui é homem por aí** (++) num sei se vou contar (+) quem sabe até ele crescer eu posso até ter parado, né? (V, 85-89)

(161)

E: e a sua família sabe?

M6: NUNCA vai saber! eu **morro de medo** deles me verem aqui, eu **ia morrer de vergonha**, eles num vão entender nadinha, vão me tirar de casa e aí eu vou fazer o que da vida? num dá pra falar não! (VI, 28-31)

(162)

... eu fiquei com vontade de rir porque ele era daqueles caras que fica fingindo que tem o cu apertado, mas sô cê enfiar o dedo, **a mão já cai rapidim dentro** e cê até **tira um extintor de incêndio de lá dentro** ((risos)) no final foi tudo tranquilo, ele amou o treco, fico gemendo e gozou um **tantão** ((risos))... (VI, 80-83)

(163)

E: sua família sabe de você?

M9: **NEM SONHA COM ISSO!** (++) porque preciso esconder quem eu sou de verdade pra todo mundo

E: você fala pras pessoas?

M9: não saio contando, mas ninguém ia acreditar (++) sou **uma santa pra muita gente** (IX, 18-22)

Quanto às estratégias de polidez positiva, abordadas ao longo dessa seção, observamos que a promoção da dramaticidade permite uma aproximação entre falante e ouvinte por meio da narração de alguns fatos e, também, de expressão de sentimentos. Essa auto-exposição permite que o falante revele aspectos íntimos de sua vida como, por exemplo, impressões sobre sua personalidade, anseios, sexualidade, relação familiar, fragilidade etc.

A dramaticidade na interação objetiva a participação do ouvinte na trama expressa no discurso e, a partir dessa adesão, cria-se cumplicidade entre os parceiros conversacionais, permitindo ao ouvinte testemunhar, no imaginário, as cenas narradas e compactuar com as verdades nelas expressas. Desta feita, o falante intenta compartilhar, por meio de certos recursos, os seus sentimentos com o ouvinte, seja espanto, dor, alegria ou qualquer outra emoção que o discurso perpassasse; o que permite tornar o discurso tão vívido quanto possível (VALÉRIO, 2003, p. 147).

Em suma, no quadro a seguir, encontram-se as estratégias linguísticas encontradas em nosso *corpus* para o estabelecimento da polidez positiva nas entrevistas realizadas com as profissionais do sexo de Belo Horizonte.

QUADRO 3
Estratégias de Polidez Positiva

Aspectos	Funções	Estratégias Linguísticas
<i>Proximidade</i>	Aproximação de ponto de vista e social	Uso dos pronomes nós, você e a gente
	Aproximação temporal	Marcadores temporais e discurso direto
	Aproximação esquemática	Marcadores de verificação de compreensão do ouvinte, uso de vocativos, de imperativos e direcionadores discursivos
<i>Conhecimento Compartilhado</i>	Reconhecimento do conhecimento compartilhado	Indicadores de identidade de grupo, vaguidade, interpelações
<i>Expressividade</i>	Externalização de emoções	Interjeições, exclamações, interlocuções adjetivas, modificadores expressivos, dupla negativa, dupla afirmativa, vocábulos com grande carga expressiva
	Exagero	Hipérboles
	Promoção de dramaticidade e auto-exposição	Narrativas e locuções adverbiais enfáticas

No capítulo, a seguir, serão apresentados os pressupostos teóricos acerca da identidade social, bem como serão discutidos os elementos que norteiam o estilo interativo das profissionais do sexo ora pesquisadas.

CAPÍTULO 2- DA INTERAÇÃO À CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

Os pressupostos teóricos de Moita Lopes (2008), Rajagopalan (1998), Ciampa (1992) e Goffman (1963, 1967, 1975) são importantes para a análise, a ser discorrida nesse capítulo, acerca da construção da identidade social das prostitutas pesquisadas.

Nas situações comunicativas do cotidiano as escolhas linguístico-discursivas realizadas pelos falantes, na maioria das vezes, estão pautadas em valores sociais, culturais, econômicos, pessoais etc. Outrossim, a identidade se relaciona com as representações e sentimentos que as pessoas desenvolvem a respeito de si mesmas, partindo de suas vivências e de dados pessoais, como cor da pele, sexo, idade etc (MOITA LOPES, 2008; RAJAGOPALAN, 1998).

Rajagopalan (1998) afirma que a identidade individual como algo estável não tem utilidade em um mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica. Assim, os sujeitos possuem várias matrizes identificatórias, sendo portadores de várias identificações, ou seja, eles possuem inúmeras vozes que vêm à tona de acordo com suas necessidades linguísticas e do momento sócio-histórico-ideológico no qual eles se encontram. Com efeito, o sujeito contemporâneo é fragmentado, fluido e se modifica de acordo com as mudanças históricas, políticas e culturais da atualidade. (MOITA LOPES, 2008)

Nesse particular, torna-se relevante considerar o contexto social, histórico e ideológico em que ocorre a interação entre interlocutores, pois segundo argumenta Ciampa (1992, p. 72), o estudo da identidade do indivíduo não é passível de dissociação do estudo da identidade da sociedade, sendo que é a partir do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade.

Para os interactantes algumas informações como, por exemplo, o que os outros esperam deles e o que eles esperam dos outros, permitem-lhes agir da melhor maneira para se obter a resposta desejada. Caso os indivíduos sejam desconhecidos, os observadores poderão elaborar pressuposições sobre estes a partir de sua conduta, aparência, dentre outras marcas sociais, por meio de analogias. Paralelamente, a importância capital da informação que o indivíduo inicialmente possui ou adquire a respeito do seu interactante proporciona a definição da interação e as linhas de ação a serem empregadas, ou seja, as inferências exercem papel de mediadoras da progressão da interação.

Os anseios dos interactantes, muitas das vezes, estão balizados no princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Partindo desse pressuposto, a interação face a face é uma influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros (quando em presença física imediata), sendo estas relacionadas ao modo como cada indivíduo concebe e pretende manter a sua imagem (GOFFMAN, 1975).

A perspectiva interacionista e relacional da identidade apresentada nos trabalhos de Goffman, por meio da metáfora de ação teatral, evidencia que os encontros sociais são representações teatrais, pois o ator (interactante) ao desempenhar um papel, implicitamente, solicita que seus observadores levem a sério a impressão sustentada perante eles, ou seja, as coisas são o que parecem ser, criando-se dois extremos: um indivíduo pode estar convencido do seu ato ou ser cínico a respeito dele. Ambos os posicionamentos dão ao indivíduo uma posição com garantias e defesas próprias.

Ao se analisar uma representação não se deve pensar, sob um viés limitado, que o conteúdo da encenação é somente uma extensão expressiva do caráter do ator, mas também como meio de expressar características do que está sendo representado. Por isso, alguns aspectos da representação demonstram a manutenção e a incorporação de certos padrões.

Goffman (1975) discutiu a manipulação da identidade através da interação social e reconheceu que o sujeito da interação pode ser entendido, por suas informações particulares, como um indivíduo acreditável ou desacreditável, dependendo da veracidade das suas informações e, caso as informações não sejam condizentes com o sujeito, estas podem levá-lo ao descrédito pela sua comunidade de pertencimento.

Pelo fato de a identidade social ser expressa também na ação interativa, determinadas marcas sociais são, por vezes, reveladas inconscientemente, pois é bastante difícil sustentar um papel com todos os elementos necessários a todo o momento, tornando perceptível que a representação da identidade não está condizente com o anteriormente construído.

O indivíduo, ao fazer uso de elementos simbólicos para subsidiar a formação de impressão do interlocutor, intenta ser o reflexo daquilo que quer dizer, ou seja, conduz uma intenção. Assim, pode ocorrer a manipulação desses elementos para que sejam entendidos de um determinado modo, para realizarem desejos particulares, o que restringe de certa forma o uso da informação social.

A identidade é um processo a ser apreendido em seu movimento de constituição, uma vez que no contexto social em que é construída estão imbricadas as relações sociais estabelecidas entre os interactantes, as características que aos sujeitos são inscritas e aos grupos em que está inserido. Assim, por meio da ação discursiva, emergem da construção da identidade social diversos aspectos que contribuem para a caracterização do sujeito como portador de uma identidade social adquirida através de um processo contínuo de convivência com seus semelhantes.

A partir das estratégias linguísticas, apresentadas no capítulo anterior, e dos pressupostos teóricos acerca da identidade social, analisaremos a seguir alguns elementos que

desvelam valores socioculturais das profissionais do sexo ancorados em seu desempenho discursivo oral.

Ao traçar alguns aspectos inerentes à identidade social das profissionais do sexo, não intentamos singularizar a sua essência, mas estabelecer fatores que são recorrentes, uma vez que a identidade não é algo acabado e, por conseguinte, está em constante construção. De acordo com Rajagopalan (1998, 41-42), a identidade é construída discursivamente, isto é, se constrói na língua e por meio dela, considerando que identidades estão sempre em um estado de fluxo.

Segundo Guimarães e Merchán-Hamann (2005, p. 530), a identidade social conferida à mulher prostituta é historicamente construída sob a concepção de transgressora das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade. Por meio dessa concepção, as prostitutas são geralmente categorizadas como responsáveis pela degradação física e moral dos homens, pela destruição das crianças e famílias; isto é, pervertem, com o exemplo desregrado de suas vidas públicas e do exercício de sua sexualidade, a moral da mulher-mãe, restrita à vida privada do lar.

A conjugação dessas características históricas consolidou o senso comum em que a prostituta passa a ser representada como uma mulher que tem uma maneira peculiar de exercer a sua sexualidade, tornando-se desprovida de laços afetivos e, por isso, não é merecedora da vivência conjugal, familiar e, sobretudo, da maternidade (Serafim *et al*, 2002).

De acordo com Freitas (1985), a perspectiva interacionista trouxe relevante contribuição para a compreensão da prostituição, uma vez que permitiu a identificação de duas ordens morais em interação: uma se refere ao mundo da prostituição e, a outra, é ligada ao mundo “normal”. Essas duas ordens morais interagem e negociam rotinas, identidades, hierarquias, sistemas de estratificação, regras de convívio etc, permitindo-se reconhecer a

pertinência do papel da negociação na construção de uma ordem social na qual se estabelecem diferentes códigos de vivência e convivência, de emoções e de afetividades.

Em nossa pesquisa, o beijo, enquanto elemento simbólico de afetividade para as mulheres pesquisadas – apesar de ser visto socialmente como um criador de vínculo afetivo e, por isso, as prostitutas poderiam evitar tal ato para com os clientes – representa, primordialmente, um meio de transmissão de doenças, haja vista que atualmente diversas ações junto às pessoas que se prostituem focalizam a conscientização acerca das diversas formas de contágio das DSTs.

Para as profissionais do sexo, o prazer está mais presente nas relações afetivo-amorosas que nas estabelecidas com os clientes, ou seja, representa, de certa forma, fator delimitador simbólico dessas relações. Este fator é justificado por meio de declarações de nojo e de confidencialidade, uma vez que ao sentirem prazer com os clientes, o relato deste deverá ser omitido do parceiro afetivo, estabelecendo-se, assim, a seguinte relação: prática sexual sem prazer nos programas contribui para o estabelecimento da fidelidade e do afeto para com o parceiro fixo, enquanto prática sexual com prazer recorrente durante os programas sugere uma ruptura de possíveis características da prostituição como atividade profissional.

No que diz respeito às práticas sexuais, podemos destacar que a maior parte das prostitutas pesquisadas não realizam sexo anal, sexo vaginal e oral sem preservativo (tanto com parceiros afetivos quanto com clientes), não fazem programas com clientes do sexo feminino e também evitam atender mais de um cliente ao mesmo tempo.

Nesse contexto, ficou evidenciada a preocupação destas mulheres para com o uso de preservativo em suas relações sexuais, tanto com os clientes, quanto com os seus parceiros afetivos em práticas de sexo oral, penetração anal e vaginal. Outro aspecto relevante refere-se à observação, antes da relação sexual, do órgão sexual do cliente, pois muitas das DSTs têm algumas manifestações visíveis a olho nu.

Portanto, as profissionais do sexo não vêem a relação sexual sem preservativo como um atrativo para a cobrança de um preço maior do programa, mas sim como um propiciador de segurança e proteção, tanto para a realização das relações sexuais com os clientes quanto com os seus parceiros afetivos, ou seja, não se resumindo à relação binária: uso de preservativo com o cliente e não-uso com o parceiro.

Todos esses aspectos, explicitados anteriormente, em relação às práticas sexuais nos permitem compreender que a visão da prostituta acerca do seu papel social contradiz a associação, historicamente construída, de que a prostituta é a única responsável pela transmissão de doenças. Pelo contrário, mostram que os clientes também são plenos responsáveis pela transmissão destas.

Essa visão unilateral propiciou a inclusão das prostitutas nos chamados grupos de risco para a transmissão da AIDS, no entanto, contemporaneamente, este grupo deixou de existir e consideram-se práticas de risco, o uso de drogas intravenosas, práticas sexuais sem proteção etc.

Assim, as prostitutas pesquisadas rompem com pressuposto de que o uso do preservativo é uma proteção somente para o cliente ou para o seu parceiro afetivo, mas também para si mesmas, uma vez que ambos são passíveis de contaminação e transmissão de doenças como qualquer outra pessoa que não esteja inserida no contexto da prostituição.

Em relação à violência praticada pelos clientes e por pessoas que circulam pela Avenida Afonso Pena, podemos perceber o posicionamento dessas mulheres para com a sua proteção, pois algumas práticas sexuais podem causar ferimentos nos clientes e, assim sendo, podem chantagear as prostitutas, alegando que se chamarem a polícia estas poderão ter problemas, pois já são estigmatizadas socialmente e tal aspecto poderia ser utilizado para convencer a polícia de que a mulher é criminosa.

Nesse particular, também é importante observar se os clientes portam entorpecentes, pois podem utilizar as mesmas estratégias expostas anteriormente, além de ficarem violentos e agredirem as prostitutas.

Da violência verbal que as prostitutas são vítimas, podemos observar, nos relatos dessas mulheres, que esta é praticada por homens e também mulheres que circulam em veículos pelos pontos de prostituição. Revela-se, portanto, o senso comum de que a prostituta é uma mulher desprovida de virtudes, bem como o senso comum contrário à profissionalização do sexo, apesar de outras profissões também utilizarem parte do corpo para o exercício de uma profissão, com o objetivo de geração de renda para recompensar tal exercício.

Um aspecto bastante importante é o fato de o cliente ser caracterizado como aquele que precisa extravasar os seus desejos sexuais e as prostitutas como mulheres responsáveis pela continência dos desejos sexuais masculinos, e socialmente são condenadas e vistas desta forma, enquanto os clientes não são penalizados socialmente por isso.

De acordo com Martins (2009, p. 35):

Apesar de existirem características da profissão que os profissionais do sexo referem como positivas, tais como a flexibilidade de horários, vários locais de actividade sem existir necessidade de qualificações escolares e profissionais reconhecidas, oportunidades para viajar e ausência de vínculo, as desvantagens são sentidas na falta de direitos de trabalho, protecção policial, riscos de saúde, violência e estigma.

Em relação às agressões físicas e verbais e também à forma como são vistas pela sociedade, conforme explicitado nas entrevistas, podemos perceber que as profissionais do sexo acreditam que são vistas como portadoras de um estigma, apesar de não se verem desta forma.

Os gregos criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar algo extraordinário ou ruim acerca do *status* moral de quem os possuía. Os sinais feitos com cortes ou fogo lhes permitiam identificar o portador como sendo

um escravo, um criminoso ou um traidor, ou seja, uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada, principalmente, em lugares públicos (GOFFMAN, 1963, p. 11).

Posteriormente, na Era Cristã, dois outros sentidos foram acrescentados ao termo estigma, um referia-se a sinais corporais de graça divina, manifestados sob a forma de flores em erupção sobre a pele e, o outro referia-se a sinais corporais de distúrbios físicos.

Contemporaneamente, o estigma representa algo ruim, que deve ser evitado, pois é uma ameaça à sociedade, e nesse particular, representa uma identidade deteriorada por uma ação social. Sendo assim, a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e, também, os atributos considerados recorrentes, para os membros que compõe uma determinada categoria, ou seja, estabelece um padrão externo ao indivíduo, prevendo os atributos, a categoria, a identidade social deste.

De acordo com Goffman (1963, p. 14) existem três tipos de estigma nitidamente diferentes:

- 1) as abominações do corpo, as várias deformidades físicas;
- 2) as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo estas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão vício, alcoolismo, homossexualidade, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical;
- 3) os tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

Sob esse ponto de vista, o estigma é construído para explicitar a inferioridade do outro por meio de termos específicos, por exemplo, aleijado, retardado, bastardo etc. Estes termos são fontes de metáfora e representação pejorativa.

Um aspecto relevante nesse viés refere-se ao fato de que a prostituição passa a ser um aspecto social e cultural visto como totalizador da identidade da mulher, independentemente, na maioria das vezes, de que estas mulheres sejam mães de família ou possuam qualquer outra atividade de uma mulher que não seja prostituta.

Assim sendo, emergem analogias nas quais as prostitutas não possuem limites sexuais, não são trabalhadoras, não se encaixam nos modelos tradicionais de constituição familiar etc. No entanto, torna-se necessário enfatizar que também existem em nossa sociedade analogias que contradizem essas associações estigmatizadas como, por exemplo, as que evidenciam as prostitutas como mães, esposas, trabalhadoras, mulheres que estabelecem limites sexuais etc.

Ademais, as prostitutas utilizam pseudônimos (nome de batalha)²⁶, os quais se pautam na criação de instrumentos de proteção da mulher que, por estar inserida em contextos alheios ou não à prostituição, está sujeita às diversas formas de violência e de discriminação. Esses instrumentos também estão ligados a fatores sociais, culturais e pessoais que implicam de certa forma a ocultação de informações dessas mulheres. Essa criação de pseudônimos torna-se um dos aspectos presentes no desvelamento da identidade social das profissionais do sexo, permitindo-nos observar uma ruptura em relação ao estigma de que a prostituta é sempre prostituta, mesmo em atividades externas ao contexto da prostituição. Portanto, os nomes de batalha, enquanto elemento simbólico, proclamam uma mulher inserida no contexto da prostituição e desvencilhada, de certo modo dialético, de contextos nos quais não exercem a atividade de profissional do sexo.

Em relação às vestimentas utilizadas no exercício da prostituição, as mulheres entrevistadas declararam que se vestem como qualquer mulher e, também, se preocupam em estar maquiladas e perfumadas. Estas prostitutas que trabalham na Avenida Afonso Pena

²⁶ Estes nomes não foram expostos nessa pesquisa por motivos de confidencialidade.

geralmente ficam sentadas em algum banco, em meio-fio ou em pé em esquinas, em pequenos grupos ou sozinhas rompendo, assim, com a ideia de que as prostitutas que trabalham na rua, para que sejam abordadas por clientes, precisam se diferenciar, por meio de determinadas roupas e adereços, de outras mulheres que não estão inseridas na prostituição. Em contrapartida, observamos que a localização geográfica (alto da Avenida Afonso Pena) e horário (período noturno) são elementos que favorecem a identificação dessas mulheres que se prostituem.

Considerando a localização geográfica, as prostitutas denominam “ponto” o espaço/local onde acontecem os encontros e as negociações entre essas mulheres e os clientes.

De acordo com Pasini (2000, p. 44-45):

É possível reconhecer os pontos tanto pela delimitação física quanto simbólica. A diferenciação de um para o outro pode ser observada porque é um espaço demarcado pelo grupo que ali realiza a prostituição. Assim, os pontos estabelecem-se pelas regras, que se tornam fronteiras simbólicas entre um e outro. Essas fronteiras simbólicas são estabelecidas por constantes negociações entre as garotas de programa.

O “ponto” é o espaço onde essas mulheres, além de experienciar a atividade da prostituição, compartilham suas experiências externas a esta, estabelecendo-se assim um local privilegiado de sociabilidade, pois conversam sobre os seus problemas, trocam experiências, aconselham-se, enfim, interagem. (PASINI, 2000, p. 44)

Convém ressaltar que as profissionais do sexo afirmaram preferir se prostituir nesses espaços físicos e simbólicos, localizados à Avenida Afonso Pena, porque exercem a prostituição de modo independente, ou seja, os dias, os horários, os valores do programa e as práticas sexuais são de sua escolha, bem como lhes pertence todo dinheiro obtido ao final da noite de trabalho.

Segundo estas mulheres, em outros ambientes de prostituição (boates, hotéis etc.) devem, por exemplo, pagar porcentagens do lucro obtido a terceiros, ingerir bebidas

alcoólicas, induzir os clientes ao consumo destas, pagar pelo uso do local em que será realizado o programa etc.

Em relação ao exercício da prostituição, as profissionais do sexo pesquisadas acreditam que são vistas pela sociedade como mulheres que possuem atributos negativos descritos por meio de vocábulos como, por exemplo, *puta*, *vagabunda*, *piranha* etc.

Vale registrar que o vocábulo *puta* pode expressar, dependendo do contexto, tanto características positivas quanto negativas acerca de algo ou alguém. Para ilustrar essa flexibilidade de uso, serão expostos a seguir alguns exemplos veiculados corriqueiramente em nossa sociedade.

Nas sentenças 164 a 167, o vocábulo *puta* está anteposto ao substantivo, é invariável e possui carga semântica de intensificação positiva, pois cria-se, por exemplo, a associação de uma casa grande e luxuosa; de um carro bonito, moderno, com valor financeiro elevado; de um(a) professor(a) competente etc.

(164)

Ele tem uma *puta* casa.

(165)

Ela tem um *puta* carro.

(166)

Ele é um *puta* professor.

(167)

Ela é uma *puta* professora.

Porém, o mesmo vocábulo posposto ao substantivo, conforme o exemplo 168, expressa carga semântica pejorativa, como sendo a professora uma mulher devassa, meretriz etc.

(168)

Ela é uma professora *puta*.

Nos exemplos abaixo, observa-se que o vocábulo *puta(o)* também pode ser utilizado, tanto no masculino quanto no feminino, como sinônimo de irado (a), furioso(a), irritado (a) etc.

(169)

Ela ficou *puta* com você.

(170)

Ele ficou *puto* com você.

As premissas explicitadas anteriormente demonstram que o uso do vocábulo *puta* evoca construtos sociais e culturais, expressa carga semântica de intensificação positiva ou pejorativa, perpassando questões sexuais. Essas características são evidentes em uma piada veiculada na *internet*²⁷:

A Sociedade Feminina Brasileira se queixa do tratamento machista existente na gramática portuguesa (com razão). Veja só alguns exemplos:

Cão..... melhor amigo do homem
Cadela..... puta
Vagabundo..... homem que não trabalha
Vagabunda..... puta
Touro..... homem forte
Vaca..... puta
Pistoleiro..... homem que mata pessoas
Pistoleira..... puta
Aventureiro..... homem que se arrisca, viajante, desbravador
Aventureira..... puta
Garoto de rua..... menino pobre, que vive na rua

²⁷ Conforme divulgado no *site* <http://xico-rocha.blogspot.com/2007/12/puta-x-puto.html>.

Garota de rua..... puta
Homem da vida.... pessoa com sabedoria adquirida ao longo da vida
Mulher da vida..... puta
O galinha..... o "bonzão", que traça todas
A galinha puta
Tiozinho..... irmão mais novo do pai
Tiazinha..... puta
Feiticeiro..... conhecedor de alquimias
Feiticeira..... puta

E para finalizar...

Puto..... nervoso, irritado, bravo
Putas..... puta

Depois de ler este artigo,

Homem..... vai sorrir
Mulher..... vai ficar puta!

Sob essa perspectiva, a prostituta também se torna passível de considerações irreduzíveis, as quais estão alicerçadas em normas, valores aceitos, condutas consideradas adequadas etc. A carga semântica estigmatizada desses vocábulos está diretamente ligada à vigilância sexual velada em nossa sociedade que reza, de certo modo, que as mulheres que praticam sexo sem fins reprodutivos, que obtêm vantagem por meio deste ou que exercem a sexualidade sem amarras não são dignas de respeito e/ou virtudes, pois sempre estão sendo inseridas em um contexto de inúmeras dualidades como, por exemplo, decente x indecente, honrada x desonrada, honesta x desonesta, pudica x despudorada, trabalhadora x vagabunda etc.

Todavia, percebe-se que a prostituta vê a prostituição não como venda do corpo, mas sim como venda do acesso ao corpo. Estas mulheres não são escravas do poderio do desejo masculino, pois estabelecem limites no programa, ou seja, as práticas sexuais enquanto unidade elementar da efetivação do programa.

A não-prática do sexo anal nos permite associar tal fato à restrição imposta pelas prostitutas à oferta de serviços sexuais, contradizendo o senso comum, segundo o qual a

prostituta é vista como despudorada e fonte de continência dos desejos sexuais masculinos. Essa não-prática vai de encontro ao exercício da sexualidade sem limites, ou seja, estas mulheres não são sempre passíveis aos desejos dos clientes.

No que diz respeito ao grau de conhecimento e aceitação da atividade por parte da família (pais, filhos, parceiros afetivos), apenas duas mulheres afirmaram que já contaram para os seus familiares e não foram discriminadas; uma terceira prostituta relatou que o seu irmão, ao descobrir que ela se prostituía, a agrediu verbal e fisicamente, enquanto as outras declararam que ocultam dos familiares a atividade que exercem no período noturno.

Ao abordarmos durante a entrevista o tópico discursivo referente ao desejo em abandonar a prostituição, as mulheres declararam que têm metas e anseiam abandoná-la assim que se estabilizarem financeiramente. Ressalta-se que quatro profissionais do sexo exercem outras atividades laborais durante o período diurno como, por exemplo, vendedora de cosméticos, funcionária de uma loja e duas são massagistas e, também, estudantes universitárias.

Em relação às estudantes, percebemos que o grau de instrução não foi aspecto diferenciador da linguagem por elas utilizada quando comparado às demais profissionais do sexo pesquisadas.

Considerando as discussões, apresentadas ao longo dessa tese, acerca da construção da identidade social e das estratégias linguísticas utilizadas pelas profissionais do sexo, nota-se que o estilo interativo dessas mulheres se pautou, de forma significativa, em agregar elementos que consideram positivos para o exercício da prostituição e também, de maneira semelhante, em se desvencilhar de estigmas.

Dentre as características que essas mulheres buscaram agregar à identidade social da profissional do sexo – por meio de promoção de dramaticidade e auto-exposição, de

aproximações temporal, esquemática, de ponto de vista e social, de conhecimento compartilhado, de externalização de emoções e do exagero – destacam-se:

- o uso de nome fictício;
- a escolha do ponto de batalha;
- a opção pela prostituição independente;
- o exercício paralelo de outras atividades laborais;
- a adoção de limites e de proteção nas práticas sexuais;
- a adoção de estratégias de segurança.

Também, quanto à auto-imagem da prostituta, o fato de não se verem como portadoras de estigma, de terem metas para abandonar a prostituição e o fato de se considerarem honestas são aspectos que agregam características à identidade social da profissional do sexo.

Ainda, quanto à imagem que têm da prostituição, o fato de considerá-la uma profissão, na qual desempenham o papel de mediadoras de fantasias sexuais dos clientes, de vendedoras de acesso ao corpo e de serem vítimas de agressão verbal e física são também características agregadas a sua identidade social.

Em contrapartida, por meio dos aspectos de imprecisão, minimização e distanciamento, as mulheres pesquisadas buscaram se desvencilhar de alguns estigmas que foram, social e historicamente, associados à prostituta como, por exemplo, os relativos a drogas, assaltos e violência, o de que o corpo é um mero objeto para os clientes extravasarem seus desejos sexuais, o de que elas não são mulheres dotadas de vontades e escolhas, de que o corpo e o sexo são sempre indissociáveis, de que não são passíveis de afeto, fidelidade e intimidade, de que suas práticas sexuais não são realizadas com preservativo com parceiros afetivos ou com clientes que pagam uma maior quantia pelo programa, de que a prostituição é

totalizadora da identidade da mulher, enfim, de que não possuem os mesmos direitos de outras mulheres que não se prostituem.

No conjunto dos elementos que as prostitutas buscaram agregar a sua identidade social e desvencilhar dela, observamos que o corpo, de certa forma, conjuga algumas características da vida particular e da vida profissional, que há diversos delimitadores simbólicos nas relações estabelecidas para com os parceiros afetivos e os clientes, que fatores geográficos são favoráveis ou não para o exercício da prostituição (independência, agressões físicas e verbais etc.), que apesar de manterem relações sexuais com outros homens mantêm relações monogâmicas (distinção entre afeto e trabalho) e, por fim, que apesar de não possuírem direitos trabalhistas, vêm-se, enquanto mulheres que exercem o trabalho de profissional do sexo.

No capítulo a seguir, serão apresentadas as considerações finais desta tese.

PARTE IV
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo identificar e analisar as estratégias linguísticas utilizadas pelas profissionais do sexo para promoção da polidez negativa e da polidez positiva, e a relação dessas estratégias para com a identidade social.

Primeiramente, no intuito de entender como a sociedade lidava e concebia o exercício da sexualidade das mulheres, discorreremos sobre o desenvolvimento histórico da prostituição e o papel sócio-histórico da sexualidade da mulher. Sucintamente, podemos dizer que o desenvolvimento histórico da prostituição está vinculado a quatro importantes elementos: caráter sacro, papel político, cristianismo e abolicionismo. Em se tratando do caráter sacro, os serviços sexuais prestados pelas prostitutas possuíam uma essência mítica, enquanto em relação ao papel político, as prostitutas passaram a ser controladas pelo Estado, sendo obrigadas a pagar impostos.

O cristianismo contribuiu para a perda do prestígio social que as prostitutas ainda possuíam, pois eram vistas como mulheres que arruinavam a moral e os bons costumes da sociedade. Contudo, também eram consideradas como sendo o mal necessário, ou seja, eram as responsáveis pela continência dos desejos sexuais masculinos. No abolicionismo, as prostitutas eram submetidas a rigorosas imposições da medicina higienista que as qualificavam como as disseminadoras de doenças e, conseqüentemente, como as responsáveis pela degradação do bem estar social.

A pesquisa foi realizada sob a perspectiva da interação verbal face a face. Nesta abordagem, além dos aspectos linguísticos, consideramos o contexto sócio-histórico em que a fala é produzida, pois fatores de ordem cultural, social, pessoal, situacional e emocional estão diretamente ligados à construção da identidade e influenciam intensamente a construção de atividades de fala, que acontecem sempre em situações sociais e interacionais.

Nos moldes de um estudo de caso, foi realizada uma pesquisa etnográfica, pois essa metodologia permitiu a investigação detalhada de particularidades, considerando-se o

contexto social em que as profissionais do sexo estavam inseridas, dando voz às atrizes sociais que revelaram, por meio da interação verbal face a face, traços relevantes da construção de sua identidade social.

As participantes foram informadas acerca dos objetivos da pesquisa e de suas implicações, foi-lhes solicitado que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo o uso dos dados para realização desta tese e, em seguida, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas com 10 prostitutas que trabalhavam (quando entrevistadas) na Avenida Afonso Pena.

Os questionários foram utilizados para que estabelecêssemos o perfil socioeconômico das informantes, obtivêssemos informações referentes à sua formação familiar e profissional, grau de escolaridade, estado civil, dentre outros. As entrevistas semi-estruturadas abordavam tópicos relacionados às questões genéricas e pessoais como, por exemplo, trabalho, violência, saúde, vida familiar e sexualidade. É pertinente enfatizar que, embora tenhamos criado um roteiro para as entrevistas, este nos possibilitou realizar novas perguntas, bem como propiciou a plena liberdade de expressão às participantes.

Após esses procedimentos, transcrevemos as entrevistas e compilamos as informações obtidas por meio dos questionários, o que nos permitiu delinear algumas características da comunidade discursiva pesquisada e, também, as estratégias linguísticas e visões de mundo das profissionais do sexo desveladas por meio da construção da identidade social em uma interação face a face.

Continuando a pesquisa, na interface estratégias linguísticas e construção da identidade social, recorreremos aos pressupostos teóricos de Goffman (1963, 1967), os quais serviram como principal referência teórica para o desenvolvimento das análises expostas ao longo da tese. Para o tratamento das estratégias de polidez, apoiamo-nos nos estudos de Brown e Levinson (1987) e de Valério (2003). Os textos de Moita Lopes (2008), de

Rajagopalan (1998) e de Ciampa (1992) também foram utilizados para compreensão da construção da identidade social.

Em relação às estratégias linguísticas, buscou-se analisar quais elementos contribuíram para a promoção da polidez negativa, da polidez positiva e, a relação estabelecida entre estes para com a construção da identidade social da profissional do sexo. Desse ponto de vista, intentamos desvelar o estilo interativo dessas mulheres, isto é, como a fala, o *modus vivendi*, e as visões que possuem acerca de si se relacionam funcionalmente.

As estratégias de polidez negativa se pautaram em aspectos de distanciamento, imprecisão e minimização dos tópicos discursivos presentes nas falas das profissionais do sexo. O distanciamento foi evidenciado por meio de estratégias linguísticas de indeterminação do sujeito (recusa de ponto de vista do enunciado) e, de maneira semelhante, com o uso de condicionais (temporal) e marcadores de opinião (emocional).

Significativamente, as estratégias de polidez positiva veicularam os aspectos proximidade, conhecimento compartilhado e expressividade. Para o estabelecimento da proximidade, as estratégias linguísticas das prostitutas pesquisadas envolveram o uso dos pronomes *nós*, *você* e *a gente* (aproximação de ponto de vista e social), de marcadores temporais e discurso direto (aproximação temporal) e, ainda, de marcadores de verificação de compreensão do ouvinte, uso de vocativos, de imperativos e direcionadores discursivos (aproximação esquemática). O conhecimento compartilhado foi evidenciado por meio de indicadores de identidade de grupo, vaguidade e interpelações.

Por fim, a expressividade foi revelada ao se fazer uso de interjeições, exclamações, interlocuções adjetivas, modificadores expressivos, dupla negativa, dupla afirmativa, vocábulos com grande carga expressiva (externalização de emoções), também, de hipérboles (exagero) e de narrativas e locuções adverbiais enfáticas (promoção da dramaticidade e auto-exposição).

Ao discutir sobre construção de identidade, torna-se fundamental considerar que as identidades são dinâmicas, podem ser contestadas ou rejeitadas, uma vez que não são fixas. Com esta ênfase, pudemos observar que as prostitutas durante as interações evidenciaram elementos situados no âmago da vida social e pessoal, que contribuíram para emergir limites simbólicos, rompendo, por conseguinte, com determinados estigmas.

Os limites simbólicos envolvem contexto geográfico, vestimenta e adereços, relações que estabelecem com os clientes e com aqueles que fazem parte de seu cotidiano externo ao cenário em que ocorre a prostituição, as práticas sexuais na vida particular e na vida profissional, questões de higiene, de segurança, de violência etc. Nesse contexto, pudemos apreender como as visões de mundo, experiências de vida e as práticas cotidianas das mulheres no exercício da prostituição, não são consoantes ao construto estigmatizado no qual a prostituição totaliza a identidade social da mulher.

Nessa vertente, as profissionais do sexo intentaram desvencilhar-se do estigma a elas imputado, no qual a prostituta que trabalha na rua necessita diferenciar-se, por meio de atributos físicos e sociais, sendo necessário usar determinadas roupas, adereços e adotar comportamentos singulares. Em contrapartida, o contexto geográfico (ponto) e o período do dia (noturno) em que ocorre a prostituição contribuem favoravelmente para deixar claro que elas são prostitutas, facilitando que sejam abordadas pelos clientes.

Em relação às práticas sexuais, as mulheres buscaram se desvincular da pressuposição de que são reféns das continências dos desejos sexuais masculinos, ancorados em liberação sexual, ao salientarem que são mulheres que possuem vontades e escolhas.

Os mencionados limites simbólicos são oriundos das relações que as mulheres (re)estabelecem, por meio de um viés sociointeracionista, acerca do cotidiano da prostituição e da vida privada, que envolvem diferentes realidades, culturas e valores relacionados à sexualidade.

Em suma, concluímos que a relação estabelecida entre o estilo interativo e a construção da identidade social das profissionais do sexo, no e pelo discurso, evidencia que essas mulheres vislumbram, em termos gerais, romper com os estigmas que lhes são social, cultural e historicamente imputados. Em contrapartida, elas procuram (re)significar as relações que estabelecem com o corpo, com as práticas sexuais, com os relacionamentos afetivos (família e companheiros) e profissionais (clientes e outras prostitutas), com as condições de trabalho (riscos, administração de horário, ganhos financeiros) etc.

Enfim, acreditamos que essa pesquisa contribuiu para que compreendêssemos como as profissionais do sexo lutam pelo direito de desejos e escolhas, inerentes às relações humanas tão almejadas por nós, de respeito, de convivência e de busca pelo (re)conhecimento da pluralidade.

Espera-se, contudo, que os tópicos não contemplados, devido ao escopo teórico desse trabalho acadêmico, possam constituir objetos de várias outras investigações, sob outros olhares, em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADINTER, Elisabeth. *Sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. v. 1.
- BELL, Laurie. *Good Girls/Bad Girls: sex Trade Workers and Feminists Face to Face*. Toronto ; The Women's Press, 1987.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia On-line: módulo básico expandido*. Versão 3.0. Belo Horizonte: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. 1 CD-ROM.
- BRAIT, B. Interação, gênero e estilo. In: Dino Preti (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.p.125-158. . v. 5.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS*. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.(*Série manuais*, 47).
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. *Avaliação da efetividade das ações de prevenção dirigidas as profissionais do sexo em três regiões brasileiras*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004 104 p.(*Série Estudos Pesquisas e Avaliação*).
- BRISTOW, E. J. *Vice and Vigilance: Purity Movements in Britain since 1700*. London: Gill and Macmillan, 1977.
- BROWER, D.; GERRITSEN, M.; DE HANN, D. Speech differences between women and men: on the wrong track? *Language in Society*, v. 8, n.1, p. 33-50, 1979.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BOUZON, Emanuel. *O código de Hammurabi*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CAMERON, D. Verbal hygiene for women:linguistics misapplied? *Applied Linguistics*, v. 15, n.4, p. 382-398, 1994.
- CANALE, M. & SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied linguistics*, v.1,n.1, p. 1-47, 1980.
- CASTILHO, A. *Análise da conversação e ensino da língua portuguesa*. Campinas: Unicamp, 1986.
- CHAIKA, E. *Language: the social mirror*. Boston, Massachusetts: Heinle & Heinle, 1994.
- CHARAUDEAU, P., MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

- CHAROLLES, Michel. Les plans d'organisation du discours et leurs interactions. In : MOIRAND, S. et al. (Ed.) *Parcours linguistiques de discours spécialisés*. Berne: Peter Lang, 1995.p.301-315.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE,S.T.M.: CODO,W. (Org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. cap.2, p.58-75.
- COATES, J. Women, man and language: a sociolinguistic account of sex differences in language. London: Longman, 1986.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIM, F.& BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.v.2.
- DITTMANN, J. Einleitung: Was ist, zu welchen zwecken und wie treiben wir konversationsanalyse? In: *Arbeiten zur konversationsanalyse*, Tübingen, Max Niemeyer, 1979.p.1-43
- DUCROT, Oswald .Opérateurs argumentatifs et visée argumentative. *Cahiers de Linguistique Française* , n.5, p. 7-36. 1980.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e Doutores: saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ERICKSON, F. *Conceptions of school culture: an overview*. EducationalAdministration Quarterly, v. 23, n. 4, p. 11-24, 1987.
- FERREIRA, D. M. M. Discurso feminino e identidade social. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- FISHER, Elizabeth. *Woman's Creation: sexual Evolution and the Shaping of Society*. London: Michael Joseph, 1980.
- FISHMAN, P. Conversational insecurity. In: GILES,R & SMITH (Org).*Language: social psychological perspectives*. Oxford: Pergamom Press, 1980. p. 127-132.
- _____. Interaction: the work women do. In: THORNE,B., HENLEY, N. (Org.). *Language, gender, and society*. Massachussetts: Newbury House, 1983. p. 89-101.
- FONSECA, Rubem. *A grande arte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977. v.1.
- FRASER, B. What are discourse markers ? *Journal of Pragmatics*, v.31, p.931-952, 1999.
- FREITAS, Renan S. *Bordel, bordéis: negociando identidades*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GALEMBECK, P. *Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo*. In: Preti, D. (Org.) *O Discurso Oral Culto*. São Paulo: Publicações FFLCH/USP, 1997.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1963.

_____. *Interactional ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Press, 1967.

_____. *A representação do Eu na vida cotidiana*, trad. Maria Célia Santos Raposo, Petrópolis: Editora Vozes, 1983

GUILHAM, B. *Case Study Research Methods*. London, New York: Continuum, 2000.

GUIMARÃES, K.; MERCHÁN-HAMANN, E. *Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania*. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST/Aids, 2005.

GUILLEBAUD, J. C. *A tirânia do Prazer*. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1999.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p.103-127.

HOLMES, J. Paying compliments: a sex- preferential positive politeness strategy. *Journal of Pragmatics*, v. 12, n.3, p. 445-465, 1988.

HUTTER, L. M. *Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972.

HYMES, D. Models of interaction of language and social life. In: GUMPERZ & HYMES (Org.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972. p. 35-71.

JAGET, C. *Prostitutes – our lives*. Bristol: Falling Wall Press, 1980.

JORNAL SUPER NOTÍCIA. Belo Horizonte, 31 de maio a 01 de junho.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Atividades e estratégias de processamento textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRRN, 1997.

LAKOFF, R. *Language and woman's place*. New York: Harper & Row, 1975.

LEAL, J. C. *A maldição da mulher: de Eva aos dias de hoje*. São Paulo: Editora DPL, 2004.

LEET-PELLEGRINI, H. Conversational dominance as a function of gender and expertise. In: GILES, R.(Org.). *Language: social psychological perspectives*. Oxford: Pergamon, p. 97-104, 1980.

LEITÃO, E. V. *A mulher na língua do povo*. Belo horizonte: Itatiaia, 1988.

MACHADO, Álvaro Manuel. PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARCUSCHI, L. A. *análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARTINS, C. R. A. *Significados Vividos por Prostitutas (os) de Rua e de Interior: discursos construtores de identidade profissional*. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2009.

MAZZIEIRO, João Batista. Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos – São Paulo 1870-1920. In *Revista Brasileira de História*. Vol.18, n. 35, São Paulo, 1998.

MENON, Odete Pereira da Silva. A indeterminação do sujeito no Português do Brasil: NURC – SP e VARSUL. In: Vandresen, Paulino (Org.). *Variação, mudança e contato lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 125-167

MICHAELIS: *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2008.

NUNO, S. R. A Mulher na Grécia Antiga. In: *A mulher na história: actas dos colóquios sobre a temática da mulher*. Moita: Câmara Municipal de Moita, 2001. p. 191-203.

PARENT-DUCHÂTELET, Alexandre J. B. *De la Prostitution dans la Ville de Paris sous le Rapport de L'hygiène Publique, de la Morale et de L'administration*. 2. ed. Paris: Baillière, 1837.2 v.

PASINI, E. *Limites simbólicos corporais na prostituição feminina*. Campinas, SP : Unicamp, 2000.

PEREIRA, A. *Prostituição: uma visão global*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

PLATÃO. Menexeno. Tradução de Francisco de P. Samaranch.

POYTON, C. *Language and gender making the difference*. Oxford: Oxford University Press, 1990.

QUÉTEL, C. *History of syphilis. Maryland*: Johns Hopkins University Press, 1990.

Retrato da prostituta brasileira. Pesquisa publicada em abril de 2002. Disponível em: < www.beijodarua.com.br >. Acesso em: 02 de outubro. 2008.

RAGO, Margareth. Amores Lícitos e Ilícitos na Modernidade Paulistana ou no Bordel de Madame Pommery. In: MISKOLCI, Richard. (Org.) *Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. Teoria & Pesquisa*, n.47, São Carlos, Pós-Graduação em Ciências Sociais, p. 93-118, 2005.

_____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical? In: Signorini, Inês (Org.). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 21-46.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres sexualidade e a Igreja Católica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

ROBERTS, N. *As prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ROSSIAUD, J. A prostituição na Idade Média. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROULET, Eddy. Complétude interactive et connecteurs reformulatifs». *Cahiers de Linguistique Française*, n. 8, 1985.p.111-140.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, May 1974.

SAGGS, H. W. F. *Everyday life in Babylonia and Assyria*. London: Batsford, 1965.

SANDARS, N. K. *A Epopéia de Gilgamesh*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCOTT, D. R. and DE SOUZA, C. S. Getting the message across in RST-based text generation. In: *Current Research in Natural Language Generation*. London: Academic Press, 1990.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. *Sexualidade Feminina: historia, cultura, família, personalidade & psicodrama*. SENAC: São Paulo, 1998.

SERAFIM, Denise; SILVA, Gabriela; SANTANA, José Lamir; GUIMARÃES, Katia; PITTALUGA, Liliana; DOMINGUES, Roberto C. *Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids*. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids, 2002.

SILVA, S. V. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. *Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, n. 262, 2000.

SOARES, Luiz Carlos. Rameiras, Ilhoas, Polacas. *A prostituição do Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

STRODTBECK, F. L.; MANN, R. D. Sex role differentiation in jury deliberations. *Sociometry*, v. 19, p. 3-11, 1956.

TANNAHILL, R. *Sexo na história*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

TANNEN, D. *You just don't understand*. New York: Ballantine Books, 1990.

_____. *Gender and discourse*. Oxford: Oxford university Press, 1994.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In PRETI, Dino (Org .) et al. *Análise de textos orais*. 2 ed . São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

VALÉRIO, K. M. *Dinâmicas interativas no discurso da mulher: o papel da inserção social*. 288 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

_____. *Dinâmicas interativas no discurso da mulher: o papel da inserção social*. Belo Horizonte: UFMG, 2003

VRISSIMTZIS, Nikos A. Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2002.

WEBER, M. *Economy and Society*. New York: Bedminster Press. 1921-22 [1978].

WOOD, J. T. *Gendered lives: communication, gender and culture*. Belmont: Wadsworth, 1993.

ZIMMERMAN, D. H.; WEST, C. Sex roles, interruptions and silence in conversation. In: THORNE, B., HENLEY, N. (Org). *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, Massachusetts: Newbury House, 1975.

ZIV, Lara. Beleza mutilada. In *Marie Clarie*. São Paulo, jun. 1996.

CBO-Classificação Brasileira de Ocupações. 5198-05: profissional do sexo. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em : 15 jan. 2010.

Google maps (2010). Localização de pontos de prostituição em Belo Horizonte. Disponível em: <<http://maps.google.com/?q=http://bitchmaps.com/kmz/bh.kmz>>. Acesso em: 10 de maio. 2010.

Apresenta lista de nomes populares para a vagina. Disponível em: <<http://emperorporation.blogspot.com/2006/05/lista-de-nomes-populares-para-vagina.html>>. Acesso em: 06 de maio. 2010.

Fórum Arte de viver: Disponível em: <[http://pt.netlog.com/groups/Arte de Viver/forum/messageid.](http://pt.netlog.com/groups/Arte_de_Viver/forum/messageid.)>. Acesso em : 23 de setembro. 2010.

MENDES, Eduardo. Testosterona: *o blog do macho humano*. Disponível em: <<http://www.testosterona.blog.br/2009/05/page/8/>>. Acesso em : 05 de julho. 2011.

Ser puta é legal. Disponível em: < www.daspu.com.br > Acesso em: 02 de outubro. 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Mutilação Genital Feminina*. Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs241/en/>> . Acesso em: 26 de mar. 2011.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, em uma pesquisa. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao pesquisador, Gilmar Bueno Santos, qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizada de forma alguma. Se tiver dúvidas você pode entrar em contato com Gilmar Bueno Santos pelo telefone ou e-mail informados abaixo.

Universidade Federal de Minas Gerais

Título do projeto: O Estilo Interativo das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte: um Estudo sobre Estratégias Linguísticas.

Orientadora: Profa. Dra Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Pesquisador: Gilmar Bueno Santos

Telefone: _____

e-mail: _____

COEP- Comitê de Ética em Pesquisa

Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II – 2º andar, sala 2005. Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG. CEP: 31270-901

Telefone: (31) 3409-4592

e-mail: coep@prpq.ufmg.br

Esclarecimentos sobre a pesquisa

A pesquisa tem como objetivo estudar a inter-relação entre prostituição e estratégias linguísticas balizando-se em aspectos que permeiam a identidade social dessas mulheres que trabalham como profissionais do sexo. Desejamos estabelecer assim um trabalho que visa, por meio do discurso, a desvelar a complexidade das relações humanas, tendo como ponto de partida as interações de um grupo de mulheres.

Caso aceite fazer parte desta pesquisa, você deverá responder a algumas perguntas, de acordo com o roteiro elaborado pelo pesquisador. Caso sinta-se constrangida em responder alguma das perguntas você pode se negar a fazê-lo ou pode resolver terminar a entrevista. O tempo da entrevista é variável e pode ser necessário que seja feita em mais de um dia. A entrevista será gravada e transcrita e o material será usado para auxiliar na elaboração de

uma tese de doutorado. A participação nesta pesquisa não produzirá benefícios diretos a participante.

O texto produzido a partir das informações coletadas será publicado e ficará disponível para consultas. Como parte da entrevista poderá ser usada para posterior publicação na tese de doutorado do pesquisador e em artigos científicos, você poderá optar por ter ou não o seu nome revelado.

A qualquer momento da pesquisa você poderá procurar o pesquisador responsável para esclarecer possíveis dúvidas através dos contatos acima.

Durante todo o processo da pesquisa, você terá direito de optar pelo término de sua participação e poderá retirar o seu consentimento. Neste caso, não haverá nenhum prejuízo para você.

Prof. Dra Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Gilmar Bueno Santos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG
ou CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito da pesquisa “O Estilo Interativo das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte: um Estudo sobre Estratégias Linguísticas”. Declaro que fui suficientemente informada a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo que será realizado por meio de minha entrevista. Ficaram claros para mim quais são os propósitos de estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou benefício que eu possa ter adquirido. Declaro ainda que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Local e data: _____

Assinatura da Participante: _____

ANEXO II
QUESTIONÁRIO

Nome (real, de batalha ou outro):	
Idade:	
Estado civil:	
Filhos (quantos e idade):	
Cidade em que reside:	
Com quem reside?	
Escolaridade:	
Ocupação (principal e secundárias):	
Renda mensal aproximada:	
Religião:	